

*Breves
Meditações
Sobre os Salmos*

John Gifford Bellett

Breves Meditações Sobre os Salmos

Principalmente em Seu Caráter Profético

John Gilfford Bellett

Título do original em inglês:

Short Meditations on the Psalms Chiefly in Their Prophetic Character

Primeira edição em português – outubro de 2024

Originalmente publicado por:

[BIBLE TRUTH PUBLISHERS](#)

59 Industrial Road, Addison, IL 60101

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Traduzido, publicado e distribuído no Brasil com autorização dos editores da versão original em língua inglesa por **[ASSOCIAÇÃO VERDADES VIVAS](#)**, uma associação sem fins lucrativos, cujo objetivo é divulgar o evangelho e a sã doutrina de nosso Senhor Jesus Cristo.

Contato: **atendimento@verdadesvivas.com.br**

Abreviaturas utilizadas:

ARC – João Ferreira de Almeida – Revista e Corrigida – SBB 1995

ARA – João Ferreira de Almeida – Revista e Atualizada – SBB 1993

TB – Tradução Brasileira – 1917

ACF – João Ferreira de Almeida – Corrigida Fiel – SBTB – 1994

AIBB – João Ferreira de Almeida – Imprensa Bíblica Brasileira – 1967

JND – Tradução Inglesa de John Nelson Darby

KJV – Tradução Inglesa King James

Todas as citações das Escrituras são da versão ARC, a não ser que outra esteja indicada.

Qualquer sugestão de correção será bem-vinda.

Breves Meditações sobre os Salmos

Principalmente em seu Caráter Profético

J. G. Bellett

(Rouse 1892)

“Convinha que se cumprisse tudo o que de Mim estava escrito na Lei de Moisés, e nos Profetas, e nos Salmos” (Lc 24:44).

“Porque d'Ele fala Davi” (At 2:25 – TB).

Introdução

O Livro dos Salmos é uma coleção de Meditações, Orações e Louvores, proferidos por várias pessoas sob várias circunstâncias; todas, certamente, movidas pelo Espírito Santo. Tem este título, **“O Livro dos Salmos”**, por inspirada autoridade (At 1:20).

Os próprios Salmos são comemorativos ou proféticos, ou expressam a trajetória presente da alma. Eles têm toda a variedade de confissão, súplica e louvor; de doutrina, história e profecia.

O Senhor Jesus é visto e ouvido neles, pessoalmente ou misticamente. Entre eles, há alguns aos quais podemos atribuir um tempo e lugar na história do Senhor, lendo-os, portanto, como as declarações de Seu coração sob determinada ocasião. Assim, por exemplo, é o Salmo 22. Mas há outros aos quais você não pode atribuir tão distintamente tal caráter específico; são meditações ou experiências mais livres e indefinidas.

E isso é exatamente o que se conhece na comunhão dos santos com Deus. Às vezes, ela será motivada pelas circunstâncias; outras vezes será mais livre e espontânea, resultante, não das condições atuais, mas do conhecimento geral de Deus e de Seus caminhos no mundo, ou de Seus tratos com eles próprios.

A vida do Senhor Jesus era de comunhão constante e ininterrupta. Seu espírito ou coração era o altar no qual o fogo estava sempre ardendo (veja Levítico 6). E assim, se nenhuma circunstância peculiar dirigia ou formava Sua comunhão com Deus, ainda assim Sua alma estava no santuário; ainda assim, o fogo estava aceso por sua própria virtude.

A solitude¹ de nosso Senhor na adoração precisa ser muito observada. Como se diz d'Ele, Ele Se levantava antes do amanhecer, ou saía para um lugar solitário, para orar, para que pudesse ser notado como sozinho em oração. Assim se diz: Ele retirava-Se para os desertos e ali orava; Ele continuava a noite toda em oração; Ele estava *solitário* orando. Nem uma vez sequer Ele é visto em oração, mesmo com Seus discípulos, embora Ele reconhecesse suas orações, ensinando-os e encorajando-os a orar.

Por que, então, isso? Se Ele ensinou e os encorajou a orar, e também Ele mesmo orou, por que Ele não Se juntou a eles em oração?

Esta pode ser a resposta. Suas orações tinham um caráter que nenhuma outra poderia ter tido. Ele foi **“ouvido por causa da Sua piedade”** (Hb 5 – ARA). Ele não precisava de mediador, mas permaneceu aceito em Si mesmo. Ele não invocou o mérito de ninguém; Ele não usou o propiciatório com sangue sobre ele. Esse era o caráter de Sua comunhão em oração; mas nela não havia entrada para nenhum adorador, exceto Ele mesmo. Ele orou em um templo erguido, por assim dizer, por um Adorador como o Filho de Deus, que oferecia oração em um altar que não podia ser visto em lugar algum; não tinha nenhum padrão no topo do monte. Ele era um Adorador de uma ordem singular, assim como Ele era um Sacerdote de uma ordem singular, ou um Servo de uma ordem singular. Ele não devia serviço, mas aprendeu isso; Ele não devia adoração, mas Ele a prestou. Ele era o Servo voluntário (Êx 21:5; Hb 5:8), e o Adorador pessoal aceito. Assim, Ele orava **“sozinho”**.

Mas não há intenção de afirmar que todos os Salmos são declarações do Senhor Jesus. Não há necessidade de um pensamento como esse. Por exemplo, o Salmo 1 não é Sua linguagem, mas a descrição divina, a descrição de Deus, do homem abençoado ou próspero. Jesus é, não duvido, no sentido completo e perfeito, o Feliz descrito ali; mas o Salmo não é Sua expressão. E estou à vontade para admitir que não O vejo pessoalmente nos Salmos tanto quanto via antes.

Os Salmos são comumente mencionados como Salmos de Davi; e corretamente; porque, embora Moisés, Esdras e outros possam ter sido os escritores de alguns deles, Davi foi principalmente usado neles. E, além disso, Davi era mais rico e variado em suas experiências (por meio do Espírito Santo, o verdadeiro *"mestre da lira hebraica"*) do que qualquer outro dos santos do passado. Ele conhecia todas as dores da justiça e do pecado, ou a prova de um mártir e de um arrependido. Ele também conhecia as variedades de humilhação e honra. Sua vida cheia de mudanças deu ao Espírito a maior oportunidade de exercitar sua alma. E de tudo isso surgiria um livro como o dos Salmos. E, além disso, o Senhor parece reconhecer Davi como o escritor deles em Mateus 22:43.

E em conexão com isso, eu destacaria 2 Samuel 22 e 1 Crônicas 16 como exemplos da maneira pela qual muitos Salmos foram originados. Esses capítulos contêm vários Salmos. E a partir disso, aprendemos que as condições, circunstâncias ou atos de Davi, ou de outros do povo de Deus, tornaram-se a ocasião para que o Espírito Santo soprasse por meio deles declarações e revelações adequadas ao tempo ou à circunstância, mas que alcançaram seu pleno significado além deles. Davi é libertado de Saul, a arca de Deus é trazida para a tenda preparada para ela, e o Espírito usa esses eventos como Sua oportunidade; no alcance e na bússola da inspiração (sabendo como Ele sabe o fim desde o início), Ele toma cenas maiores e ainda distantes. Então, novamente, o cântico de Ana pode ser chamado de Salmo com esse caráter. O evento em que ela se torna mãe é uma ocasião para o Espírito Santo usá-la como Seu vaso ou instrumento, e Ele a inspira com

uma declaração que, enquanto expressa ou celebra sua presente alegria pessoal, antecipa os interesses e alegrias do reino de Deus em outras épocas (1 Sm 2).

Essa, se assim posso me expressar, é a origem de muitos Salmos. Essa é a história do seu nascimento, o lugar e a hora dele. E Davi é especialmente usado pelo Espírito dessa maneira. E enquanto ele estava encerrando sua vida memorável, notável pela mão de Deus, bem como pelo Espírito de Deus tão maravilhosamente, ele diz de si mesmo e de seus cânticos: **“Diz Davi, filho de Jessé, e diz o homem que foi levantado em altura, o ungido do Deus de Jacó, e o suave em salmos [doce salmista – JND] de Israel. O Espírito do SENHOR falou por mim, e a Sua Palavra esteve em minha boca”** (2 Sm 23:1-2). Assim, ele foi usado – ele era o cantor, mas o Espírito Santo era o Compositor da música. Os cânticos de Davi eram **“os cânticos do Senhor”** e, por eles, Davi profetizou de acordo com a mente do Espírito. Sua língua era **“a minha língua é a pena de um destro [habilidoso – ARA] Escritor”**. O Senhor, como o apóstolo fala, estava **“dizendo por [em – JND] Davi”** (Hb 4:7).

E eu diria ainda sobre esses **“cânticos do Senhor”**, o que ocupou minha mente com interesse até agora, que há um grande valor moral em aprender verdades proféticas em ou por meio dos Salmos; porque eles não são tratados como meras doutrinas, mas são tratados e sentidos pelas várias paixões da alma. Assim, Paulo nos ensina que **“o endurecimento [a cegueira – JND] veio em parte sobre Israel”**, ou que **“os ramos foram quebrados”**. Esta é uma afirmação ou doutrina a ser entendida e crida. Mas a mesma verdade é transmitida nos Salmos (veja Salmo 65) nas palavras: **“Prevalecem as iniquidades contra mim”**; no entanto, não como uma mera doutrina, como nos é dada no estilo mais didático das epístolas, mas como aquilo que estava, por assim dizer, partindo o coração de um pobre Judeu quando ele pensava nisso. Então, **“todo o Israel será salvo”**, é outro ensinamento ou doutrina de Paulo. Mas ela é transmitida no mesmo Salmo neste estilo – **“mas Tu perdoas as nossas transgressões”** – não, portanto,

simplesmente como uma afirmação, mas como a expectativa exultante do mesmo pobre israelita de coração partido.

E assim é, que há um valor *moral* em aprender verdades por meio dos Salmos. Pois há uma tendência em nós de apreender mentalmente a verdade como um objeto ou uma proposição, e então simplesmente falar sobre ela. Mas nos Salmos, a verdade é entregue em companhia das paixões da alma. Os Salmos são, se assim posso dizer, o coração do Volume divino. Eles estão no meio do corpo; e lá as pulsações são sentidas; lá o sangue emana e retorna; lá as afeições do homem renovado encontram seu lugar e se exercitam. E é seguro estar lá às vezes, sim, e usar outras passagens de acordo com a maneira que foi ali ensinada e praticada.

Não preciso dizer que alguns dos Salmos são diálogos; alguns deles introduzem até mais de dois oradores; e alguns deles são, por assim dizer, monólogos.

Novamente: alguns deles seguirão em ordem, como os capítulos de um livro; enquanto outros devem ser lidos isoladamente e sem conexão.

Mas, para um discernimento correto dessas e de outras coisas semelhantes, os sentidos espirituais precisavam ser exercitados (Hb 5). A mente de Deus só pode ser conhecida de forma proveitosa e santa pelo Espírito de Deus. Mas ainda assim, neste mundo, até o fim, qualquer um de nós terá somente um conhecimento **“em parte”** (1 Co 13:9).

Não há nada mais proposto nos esboços a seguir, do que dar uma pequena ajuda à apreensão da mente do Espírito nessas declarações abençoadas, seja em seu sentido profético ou moral, ou em ambos. Pois a alma sabe muito bem que isso não passa de um ou dois goles dessas águas frescas e vivas que ela já alcançou. Mas uma coisa todos nós podemos com desejo buscar, para que elas possam, pelo menos, passar por nossos lábios sem

serem obscurecidas ou perturbadas, para o refrigério de outros do rebanho de Deus. Que seja assim, bendito Salvador!

NOTA: A palavra **“Remanescente”** costuma ocorrer nessas meditações. Gostaria apenas de observar, embora geralmente não seja necessário, que essa palavra é usada tanto por profetas como por apóstolos, e as pessoas que ela expressa muitas vezes se referem a lugares onde a palavra não é usada. Geralmente esta palavra refere-se ao verdadeiro Israel dos últimos dias, aquele grupo fiel de israelitas que, naqueles dias da completa apostasia da nação, se apegará ao Senhor, e à verdade e às promessas de Seu concerto, e que, portanto, no tempo dos julgamentos divinos sobre sua nação, por causa da completa transgressão, será preservado, como foi Noé, para os, e finalmente se tornará a semente ou o centro da nação aceita, abençoada e adoradora nos dias do reino.

Veja esta palavra **“Remanescente”** (ou restante, resto, resíduo) usada (entre outras passagens) em Is 1:9, 10:21-22, 11:11; Ez 14:22; Jl 2:32; Am 5:15; Mq 2:12, 4:7; Sf 3:12-13; Zc 8:12; Rm 9:27, 11:5.

Esse Remanescente teve seu tipo, ou sua representação, em todas as épocas da história da nação. Eles são amplamente falados pelos profetas, e descritos em suas provações, seu arrependimento, sua fé e obediência, sua disciplina pelo Espírito e sob a mão de Deus, seus clamores, suas experiências e sua libertação; e com tudo isso os Salmos têm, creio, muito a fazer. Veja, entre outras passagens, Is 6:13, 25-27, 33:15, 50:10, 59:9-15, 65:8-9, 66:2, 5; Jr 31; Ez 6:8, 7:16; Os 2:14; Jl 2:28; Zc 12, 13; Ml 3:16.

Meditações Sobre os Salmos

Salmo 1

JESUS, o Filho do Homem, é aqui apresentado em Sua santidade e integridade pessoal, e depois em Suas recompensas, como **“a árvore plantada junto a ribeiros de águas”** (veja Jeremias 17). Essas recompensas esperavam Jesus em Sua ressurreição, e ainda O aguardarão em Seu reino ou no **“julgamento”**, e lá os justos compartilharão Suas recompensas e os ímpios perecerão.

Este Salmo é muito reconfortante para a alma. É o homem piedoso no cuidado e condução de Deus, que vemos diante de nós. Ninguém se intromete para perturbar o descanso e a segurança do justo; mas ele vai, em seu próprio caminho sem distrações, para sua recompensa.

E é gratificante ver este livro, que é o grande depositário dos exercícios da alma, ser aberto com um quadro tão terno e reconfortante como este – a porção do homem piedoso no favor do Senhor, encontrando ali a sua felicidade. E nossa alma deve sempre seguir em frente em semelhante felicidade. O Israel dos últimos dias, o Remanescente piedoso, também terá seu lugar aqui.

Salmo 2

Aqui, no entanto, a influência reconfortante do Salmo anterior não é sentida; está completamente despedaçada; pois o mundo entra em cena. Não é mais a intimidade de Deus e do homem piedoso. Aquela senda neste Salmo é invadida pelos pés rudes e selvagens de um maligno mundo opressor.

“Sofrimento e glória” é o que temos aqui – a ira do homem contra o Ungido do SENHOR; mas a triunfante exaltação d'Ele pelo SENHOR.

Jesus, o Cristo de Deus, é apresentado em Sua graça e poder e, conseqüentemente, a tolice de resistir a Ele e a bem-aventurança de confiar n'Ele.

A confederação, que é anunciada aqui, foi formada quando Jesus foi crucificado (veja Atos 4). Ele a punirá quando retornar em Seu reino (veja Lucas 19). Ela ainda existe em princípio, estando o curso deste mundo já julgado, mas poupado pela longanimidade divina. A confederação estará totalmente desenvolvida em todas as suas formas de maldade nos últimos dias – aqueles dias aos quais os Salmos, como regra geral, pertencem. Ela age com base no antigo desejo e mentira da serpente (Gn 3:5). Ela quer destronar Deus. Presentemente, no entanto, Aquele que habita nos céus ri de tudo; como foi expresso pelo anjo rolando a pedra e assentando-se nela, enquanto ele colocava a sentença de morte no coração de seus guardiões (Mt 28). O que era tudo isso senão o Senhor dizendo à confederação que crucificou Jesus que Ele zombará de todos eles? Com o mesmo espírito, dos céus, o Senhor Jesus desafiou Saulo, o zelote perseguidor, em Atos 9.

Mas há muito mais do que este riso presente; pois o decreto de Deus em relação a Cristo é a grande oposição e, é claro, prevalecerá. E esse decreto, como aqui anunciado pelo próprio Senhor, Lhe dá filiação e herança: A filiação já é Sua pela ressurreição (At 13); a herança será Sua em breve, em glória.

NOTA: Observando esses Salmos juntos, Jesus sob a lei, aprovado por Deus e adquirindo bênçãos por Sua justiça, é Quem podemos ver no primeiro: Jesus em testemunho ou como ungido, resistido pelo homem, mas exaltado por Deus, e assegurando bênçãos ou executando julgamento sobre outros, é Quem vemos no segundo.

Salmo 3

Este Salmo é a devota meditação de um servo aflito de Deus. Provavelmente foi a experiência de Davi, mas o Espírito de Jesus respira nesse Salmo. É uma meditação ou oração matinal, e o aflito parece ter coragem ao acordar agora em segurança;

antecipando assim, como garantia ou exemplo, a manhã de Seu reino, quando todos os Seus inimigos serão removidos. Esse levantar-se matinal do homem piedoso, como uma promessa da abertura do reino, é doce e impressionante; pois o reino estará próximo quando esses **“últimos dias”** chegarem e o Remanescente for manifestado.

Salmo 4

Essa meditação é a companheira da anterior. Ela é uma oração *noturna* do mesmo homem piedoso. Ele parece ter passado por um dia difícil (como era todo dia para Jesus, uns mais outros menos), mas tendo sido sustentado e revigorado nele.

O homem *piedoso*, como aqui, pode se deitar e dormir (v. 8); mas ele adverte a *outros* para irem para a cama, e lá consultar seu próprio coração, e examinar seu próprio espírito (v. 4). Ele conhece o seu próprio título pleno para descansar em Deus sem ser perturbado; pois Deus dá **“aos Seus amados o sono”**. O Senhor Jesus constatou isso, embora ventos e ondas açoitassem o barco no mar da Galileia (veja Marcos 4).

Salmo 5

Este Salmo ainda está conectado ao anterior. É uma meditação noturna (veja o versículo 3). Assim, esse segue o anterior. Nele, o mesmo Homem piedoso olha para os poderes malignos que guerreiam contra Ele, mas antecipa Sua vitória e libertação. Mas seja de manhã, à tarde ou à noite, esses Salmos mostram o padrão de uma fé plena em Deus. Fruto diferente de acordo com cada diferente ocasião. Jesus podia “chorar” como também podia “regozijar-Se em Espírito”. Cada ocasião encontrou n'Ele seu devido fruto, e tudo era belo; pois tudo estava em seu devido tempo. Ele sabia em que espírito fazer Sua jornada ao monte santo em Mateus 17, e em que espírito Se colocar na estrada para Jerusalém pela última vez (veja Marcos 10:32). Ele sabia como estar abatido e ter abundância, e em cada caso, com perfeição.

Salmo 6

Esta é outra meditação à noite (v. 6). Mas esta é de mais profunda tristeza do que a anterior. Era misticamente *meia-noite*, e nela a alma implora para ser libertada da sepultura. E Ele pleiteia contra o poder da morte com o fundamento de que, se a morte encerrasse a cena, Deus será esquecido; pois Deus não é o Deus dos mortos (veja Isaías 38).

Mas há uma antecipação da mesma libertação e vitória como no Salmo 5. Todos esses Salmos sugerem fortemente que o homem piedoso, que é ouvido neles, está vivendo nos últimos dias da tristeza de Israel, e na véspera da libertação e do reino. E, em espírito, Jesus estava naqueles dias.

Salmo 7

No progresso desta ocasião mística, agora neste Salmo alcançamos o amanhecer. Assim, Jeová é chamado a Se levantar e despertar (v. 6), como se fosse hora de Ele estender a mão para a libertação de Seus justos perseguidos. Ainda é o respirar do Espírito de Jesus, mas (como em cada um deles) em companhia de Seu Remanescente no último dia.

Mas aqui, à medida que o dia se aproxima, Ele ainda, mais ampla e gloriosamente, antecipa a destruição do grande inimigo – sua queda na vala que ele fez para os outros; cujo evento, como o amanhecer, é o prenúncio do dia, pois será seguido pela reunião da congregação ao redor do Senhor, como é aqui esperado.

Salmo 8

Este Salmo encerra esta temporada mística; pois agora chegamos à segunda manhã – o oitavo dia ou dia da ressurreição – a abertura do reino ou **“o dia do Senhor”**. Não é necessário comentário para mostrar ou provar isso (veja Hebreus 2). Esta é a manhã antecipada por Jesus ou pelo Piedoso ao Se levantar do sono em Salmo 3. Este é o louvor que havia sido prometido

anteriormente (veja Salmo 7:17); havendo os ímpios agora chegado ao fim e a congregação havendo sido reunida.

O Senhor cita isso em referência aos hosanas² que O acolheram em Sua visita real a Jerusalém (Mt 21:16). Pois esses hosanas eram, em espírito ou em princípio, os louvores do reino, como é este Salmo. E a criação se junta ao coro.

No Salmo 2, vimos a realeza do Messias, Filho de Davi, Filho de Deus; aqui vemos o senhorio do Filho do Homem, Seu domínio sobre as obras de Deus. Todas essas Suas glórias serão entendidas e exibidas nos dias milenares.

NOTA: Devo acrescentar outra breve observação. 1 Coríntios 15:27-28 ilustra a maneira pela qual as passagens posteriores se ampliam, sem interferir nas passagens anteriores. O apóstolo estabelece cada sílaba do salmista, dando a Cristo o domínio de acordo com o Salmo 8. Mas depois ele prossegue. Pois o salmista havia deixado, bem como colocado, o senhorio ou reino universal nas mãos de Cristo; mas o apóstolo, raciocinando sobre a força das palavras do salmista, é instruído pelo mesmo Espírito a revelar uma cena de glória que estava além do reino assim deixado pelo salmista na mão de Cristo.

Salmo 9

Este Salmo se manifesta com muita clareza. É o Messias liderando o louvor de Seu povo justo nos últimos dias pela destruição do grande inimigo pelo Senhor e a consequente entronização predita do Messias em Sião. Há também um belo insulto contra o inimigo, agora assim caído, semelhante ao que o Espírito de Cristo sopra no profeta Isaías contra o rei da Babilônia (Is 14), e uma descrição do clamor dos aflitos no dia de sua calamidade.

O mundo também é declarado como aprendendo a justiça pelos juízos de Deus no último dia (v. 16), e como em Isaías 26:9. E a natureza desses julgamentos também – a captura dos ímpios em sua própria armadilha, como nos Salmos 141:10, Sl 35, Sl 57, Sl 94.

Sl 109, Sl 112. A destruição de Hamã é uma figura disso (Et 7, 10); e a cruz é gloriosamente a ilustração do mesmo acontecimento, pois nela, pela morte, aquele que tinha o poder da morte foi destruído.

A queda e a destruição do inimigo na presença de Deus (v. 5), são surpreendentemente ilustrados na Escritura, em dias de visitação ou julgamento divino (veja Salmo 94; Êx 14:24-25; Jo 18:6). Nessas passagens eles são a antecipação da destruição e queda do grande inimigo incrédulo ou anticristão do último dia (veja Apocalipse 19). Quão terrivelmente as nações então aprenderão que são **“meros homens”** (Sl 9:20), embora tenham absorvido e praticado a velha mentira da serpente: **“sereis como Deus”**.

Salmo 10

Este Salmo deve ser lido em conexão com o 9. O clamor do Remanescente é apresentado de forma mais ampla, e a iniquidade do inimigo é descrita mais detalhadamente.

A resposta ao clamor, e depois o estabelecimento do reino, é prenunciada de forma bela no final.

O orgulho ateu – o homem se tornando seu próprio deus – o homem não aprendendo lições de Deus, seja em graça ou em juízo, e a perseguição dos justos, dão fortemente o caráter a esta última forma de mal. E então algumas marcas são colocadas sobre o grande inimigo dos últimos dias, em todas as partes da Escritura, onde quer que ele seja vislumbrado ou antecipado, profética ou simbolicamente.

NOTA: Na Septuaginta, os Salmos 9 e 10 são apenas um. Consequentemente, do Salmo 10 ao Salmo 147, o número do Salmo na Septuaginta é um a menos do que a maioria das versões. No Salmo 147, o número de Salmos se tornou o mesmo novamente, porque esse Salmo foi dividido em dois na Septuaginta.

Salmo 11

Esta é a meditação de uma alma em visível grande perplexidade. A natural segurança dos justos, **“os fundamentos”** da ordem social, reis e juízes (veja Salmo 82; Romanos 13), se transtornaram (estão destruídos – JND). Mas Deus ainda está em Seu devido lugar – esse é o alívio da alma. **“Sempre seja Deus verdadeiro, e todo homem mentiroso”** (Rm 3: 4) é a declaração do Remanescente aflito nos últimos dias, pois Jesus foi seu Padrão e Precursor em Suas tristezas causadas pelas mãos do homem.

Quão diferente, podemos observar, é o mundo que a fé apreende, daquele com o qual o sentido ou a visão interage. O mundo visto é aqui declarado fora do seu curso – os ímpios prosperando, os justos oprimidos. Mas a fé apreende uma cena em que Deus está em toda a santidade, calma e poder de um trono e um templo, Sua alma amando os justos, odiando os ímpios e preparando juízos para eles quando a provação dos justos terminar. Tais eram as duas cenas ou mundos abertos no início de Jó. No mundo visível ou palpável, o adversário estava fazendo o que lhe agradava; no lugar invisível, o Deus de toda a graça estava soberanamente preparando bênçãos para Seu santo. Moisés andava como se estivesse **“vendo Aquele que é invisível”** (JND).

Salmo 12

Esta é outra meditação, juntamente com a oração de um justo em meio ao mal abundante; e esse mal é evidentemente o mal que deve estar desenvolvido e abundante nos últimos dias, como acabamos de ver antecipado no Salmo anterior. A zombaria dos infiéis (como a que foi predita como marca dos últimos dias – 2 Pe 3), é a sua principal característica. O que pranteia, no entanto, ouve em espírito a resposta do Senhor à sua oração (v. 5); então celebra a fidelidade de Suas palavras, que foram todas elas provadas e purificadas; e finalmente professa sua certeza de que a fidelidade de Deus prevalecerá mesmo nos piores tempos.

A “**geração**” do versículo 7 é descrita no versículo 8. Essa palavra é, portanto, usada em um sentido moral; na verdade, deve ser assim usada pela força das palavras “**para sempre**”. O povo ou geração com a qual tanto o Senhor Jesus como o Remanescente lutam em seus vários dias são moralmente uma e a mesma “**geração**”. E a partir disso podemos interpretar Mateus 24:34 de uma forma moral. Talvez haja uma referência implícita a essa passagem.

Salmo 13

O clamor de uma alma submetida à dolorosa prova de paciência, mas a paciência está tendo “**sua obra perfeita**”; pois essa alma confia na benignidade e, pela antecipação da fé, canta a salvação. Tal era Jesus no sentido mais completo; Ele que diariamente sabia “**o que é padecer**” (ARA). Mas o Remanescente, dos mesmos últimos dias, que espera pacientemente é ouvido aqui. A prova está preparada para eles.

Estas palavras nos Salmos, “**até quando**” e “**para sempre**”, frequentemente expressam essa prova de paciência. “**Sua benignidade dura para sempre**” será o estilo mudado do adorador quando o tempo da paciência acabar e o reino chegar.

Salmo 14

Este Salmo nos dá a reflexão solitária de uma alma piedosa a respeito do ateísmo do mundo. Ele recita o veredito de Deus (vs. 3-4) sobre o homem depois de fazer uma averiguação solene (como ele fez antigamente em Babel e em Sodoma – Gn 11:5, 18:21) – então antecipa a confusão dos filhos dos homens, quando Deus Se mostra no meio de *Sua* geração (portanto, moralmente oposta à geração do Salmo 12:7-8), e termina expressando um desejo por essa ocasião.

O “rei voluntarioso” dos últimos dias está certamente contemplado no “nécio” ou ateu deste Salmo, pois a confederação que ele lidera deve ser desfeita quando a salvação

aqui predita vier de Sião. Mas homem é homem. **“O que é nascido da carne é carne”**. E assim o apóstolo pode citar este Salmo, ao descrever os homens em Romanos 3. Pois todos nós, por natureza, temos a mente do “voluntarioso”, ou do ateu – separados (ou alienados – TB) da vida de Deus (Ef 4).

Assim, embora esta seja a meditação de Jesus ou de Seu Remanescente olhando para o incrédulo dos últimos dias, toda alma instruída pode usá-la (veja Salmo 53). Aliás, a linguagem do versículo 3 na Septuaginta é usada pelo apóstolo em Romanos 3:11-18.

Salmo 15

Este pequeno Salmo parece apresentar os justos nos dias do **“néscio”**, o Remanescente no tempo da última facção apóstata.

Os versículos 2-5 podem ser lidos como o oráculo divino respondendo à pergunta do profeta no versículo 1.

Não é o título do pecador ao reino que é discutido aqui. Isso seria tratado de forma muito diferente. O Salmo fala do Remanescente, manifestando-se em justiça, em contraste com os malfeitores do Salmo 14. Veja a mesma coisa em Isaías 33:15-16.

O assunto é o *caráter* e não o *título*. É claro que não precisa ser dito que o título de todos é um e o mesmo – o sangue digno e aceito de Jesus.

NOTA: Este Salmo pode ser considerado como o encerramento de uma série de meditações e experiências que começaram com o Salmo 11. Pois todas elas são declarações de uma alma sobrecarregada com uma percepção da impiedade do dia, e que clama com desejo a Deus – os últimos dias são contemplados de forma clara e certa, e essas declarações são do Remanescente de então.

O desafio no versículo 1 pode trazer à mente uma linguagem semelhante ao Salmo 24:3. Mas ali a resposta dada, no final do

Salmo, introduz o próprio Messias de forma muito mais distinta e pessoal do que aqui.

Com isso, também me lembro de Apocalipse 5:2. Pois temos um desafio lá também. **“Quem é digno de abrir o livro e de desatar os seus selos?”** E a gloriosa resposta ali dada novamente apresenta o Messias, apenas em caracteres ainda mais completos, ricos e sublimes, como o Cordeiro que havia sido morto e o Leão da tribo de Judá.

Salmo 16

Sabemos pelo Espírito Santo, em Atos 2:30, que este Salmo é a expressão de Jesus por meio de Davi. É a linguagem do Senhor habitando conscientemente na casa de Deus como Sacerdote ou Adorador. Consequentemente, Ele não terá outro Deus e receberá Sua herança (como um sacerdote, Nm 18:20) somente de Deus, considerando-a a melhor; e em constante comunhão encontrará confiança, gozo, louvor e esperança. E o primeiro ato desse adorador é confiar no Senhor, reconhecendo que ele não pode beneficiar o Senhor, pois o Senhor precisa beneficiá-lo. Veja a contradição disso na adoração de Israel, no Salmo 2, e na adoração dos gentios, em Atos 17. É fácil e natural lembrar aqui a resposta do Senhor ao jovem príncipe em Lucas 18. Na perfeição moral do lugar que ocupou, o Filho em carne poderia falar de Deus como o Único bom.

Embora seja verdade que o Senhor não era nosso Sacerdote até que Ele ressuscitou (Hb 5, 8), nem assumiu serviços oficiais de tal caráter sobre Ele, ainda assim Ele era um Sacerdote para Deus, ou um Adorador, durante toda a Sua vida na Terra; mostrando todas as virtudes pessoais de tal Pessoa, andando sempre no santuário e sempre tomando a Deus como Sua porção. E que incenso, que incenso perfeito e constante, era a vida de Jesus assim contemplada! Que cheiro suave de oferta de manjares era tudo o que Ele sempre fez ou disse!

“Teu Santo” é a carne de Jesus (At 2:27, 31). Esse título a isso vem de Lucas 1:35, que separava a natureza humana de Jesus de toda a mácula e a mantinha no mais pleno favor e aceitação de Deus.

Salmo 17

Este Salmo, por outro lado, é a declaração de Jesus, não conscientemente habitando na casa do Senhor, mas como Se tivesse saído e encontrado as oposições dos homens. Mas assim como Ele Se portava dentro com a santidade de um Adorador, aqui fora Ele está Se guardando de todo o mal em meio a todos; e na confiança dessa integridade, esperando pela sustentação que vem da “presença” de Deus, e as recompensas da justiça na ressurreição em breve, quando Seus perseguidores, que são **“do mundo, cuja porção está nesta vida”**, forem derrubados.

O Remanescente justo perseguido também pode proferir isso em companhia de Jesus: na verdade, eles parecem ser introduzidos muito distintamente (v. 11).

NOTA: Esses dois Salmos apresentam assim as experiências do Senhor de forma muito diferente. No Salmo 16 Ele entra em todo o gozo presente de ser um Morador da casa de Deus, um Sacerdote ou Adorador que sentiu que Suas linhas (ou sortes) haviam caído em lugares deliciosos, porque Ele estava dentro da casa com Deus. No Salmo 17 Ele está fora, na provação do mundo, encontrando as oposições dos homens, e buscando ajuda e libertação, e olhando apenas para as coisas futuras como Seu gozo. No Salmo 16, a ressurreição vem como o fim de um caminho abençoado; no Salmo 17, ela vem como alívio de um caminho difícil e perigoso.

As experiências de Seus santos também estão de acordo com isso. Às vezes, é o simples regozijo da ressurreição e, às vezes, a esperança de serem aliviados por isso de muitos fardos presentes que enchem a alma deles. Estar **“dentro do véu”** e ao mesmo tempo **“fora do arraial”** é a atitude devida do crente – e é cheia de beleza moral e dignidade.

Salmo 18

Este é o louvor do Messias pela libertação ou ressurreição, que tinha sido esperada no final do Salmo anterior. Ele celebra a Jeová como Sua fortaleza e Seu escudo (chifre – JND) – símbolos de força e realeza. Ele recita Seus desejos no dia de Sua angústia e a maravilhosa redenção que a mão de Jeová operou para Ele e Seu Israel, quando no lugar da morte, ou em meio às confederações de Seus inimigos no último dia. Sua libertação é a resposta de Deus ao Seu clamor. Então, a Terra treme. Como tremeu o local de reunião, com a voz da Igreja, em Jerusalém (At 4). Pois o Juiz de toda a Terra vingará os Seus próprios eleitos que clamam a Ele. O assopro da Sua boca e o esplendor da Sua vinda farão isso (vs. 8, 12; 2 Ts 2:8).

Este Salmo mostra surpreendentemente Cristo em dois lugares e dois caracteres muito distintos. Pois Ele está aqui tanto como o Libertado quanto o Libertador. Ele é Aquele que faz esta súplica, e Aquele que a responde. Tudo isso, é claro, simples e necessariamente decorrente de Sua Pessoa, Divina e Humana como ela é, – de Ele ser um com Seu povo aflito, e ainda assim é o Senhor que os resgata e os abençoa: como O vemos em Isaías 8, esperando em Jeová que virou Seu rosto de Israel, e em Mateus 23, o próprio Jeová, com Seu rosto virado.

A libertação de Davi das mãos de Saul foi a figura disso; e a libertação de Israel (com quem o Messias aqui Se identifica) no último dia, será a verdadeira libertação aqui celebrada pelo espírito profético. O resgate de Israel do Mar Vermelho, onde a força de Faraó pereceu, é mencionado (vs.15-16), pois essa foi outra figura da ressurreição ou libertação. Assim, a derrota de Adoni-Zedeque, que era a figura do último inimigo ou o rei voluntarioso nos dias de Josué, também é vista no versículo 12 (veja também em Salmo 144, Isaías 30:27-33; 64:1-3).

E o Libertado torna-Se o Conquistador e, no final, o Reinante. O Senhor O fortalece, e Ele parece estar à altura de tudo. A mesma

mão de Deus que O resgata, Lhe dá vitória e, por fim, O investe de domínio. Ele acende Sua candeia e O faz atravessar uma tropa.

E assim este Salmo nos diz, como Paulo ensina em Romanos 8, **“aos que justificou, a esses também glorificou”**. Pois o Senhor não para, não pode parar com mera libertação, mas continua a fazer perfeita a Sua bondade no reino. O cântico de Israel em Êxodo 15 e o dos anciãos em Apocalipse 5 proferem a mesma verdade. Se Ele nos transporta para o reino de Seu amado Filho, é como nos colocar no caminho seguro e pronto para a herança dos santos na luz (Cl 1). Ele aperfeiçoa aquilo que nos diz respeito.

Mas tudo isso é a favor dos justos (vs. 20-27); retribuindo um justo julgamento aos outros. Esse é o carácter da ação aqui. Pois a libertação do **“homem violento”** não será tanto em graça mas em justiça. O pecador é libertado somente em graça, por meio da expiação, da maldição do acusador, da pena do pecado e do julgamento justo da lei. E assim o Israel de Deus, em breve, no dia do seu arrependimento. Mas em conflito com o inimigo, eles serão justos como Davi com Saul. Eles sofrerão como mártires ou como os justos, e, como tais, serão libertados. E esse justo julgamento, essa retribuição da justiça e do mal, é o caráter da ação no livro do Apocalipse (veja Apocalipse 22:11, 15), como é deste Salmo.

Em 2 Samuel 22 temos que este Salmo foi a declaração de Davi em um momento apropriado; e embora eu tenha acabado de notar isso acima, posso insistir novamente aqui, a respeito da prova que isso oferece da natureza típica de certas partes da história. Pois a libertação de Davi das mãos de Saul é aqui publicada em um tal estilo que nos diz claramente que outra e muito mais magnífica libertação foi vista por meio dela.

O cântico de Ana, da mesma maneira, contempla além da ocasião em que foi proferido (1 Sm 2). Nada é mais comum do que isso. E isso é julgado por alguns como o significado dessas palavras: **“que nenhuma profecia da Escritura é de particular**

interpretação" (2 Pe 1). Todos os eventos individuais fazem parte de um grande sistema de governo divino.

Salmo 19

Esta é a meditação de um verdadeiro adorador de Deus, honrando-O tanto em Suas obras quanto em Sua Palavra. Os gentios deveriam (mas não o fizeram, Rm 1) ter conhecido a Deus por Suas obras, e Israel deveria (mas não o fez, Rm 2) ter guardado Sua Palavra ou Sua lei. O verdadeiro adorador aqui, portanto, condena a ambos e glorifica a Deus em Suas duas grandes ordenanças ou testemunhos.

As obras e a Palavra de Deus têm essas duas qualidades – elas glorificam a Deus e abençoam a criatura, como mostra este Salmo. Assim: o firmamento anuncia a obra das mãos divinas, mas também carrega o Sol que dá seu calor a toda a criação. Portanto, a lei é perfeita, glorificando assim seu Criador como o firmamento, mas também refrigera a alma. A glória de Deus e as bênçãos de Suas criaturas são igualmente cuidadas nas grandes cenas do poder e sabedoria divinos. Mas não há esforço, nenhuma indisposição na Terra para receber bênçãos dos céus; mas o homem deve se estimular, como o salmista aqui faz, para obter a bênção para sua alma que a lei ou a Palavra traz para ele.

Este Salmo é mencionado pelo apóstolo (Rm 10:18) com o propósito de identificar gloriosamente os ministérios dos céus e do evangelho. O serviço que um presta à Terra é como o que o outro presta ao mundo, ambos se difundindo por toda parte para que nada possa ser escondido do calor fertilizante ou do calor salvador. O ministério dos céus à Terra, em sua universalidade, é o padrão do evangelho ao mundo. E o Senhor em Seu próprio ministério divino também era exatamente isso. N'Ele estava a vida, e a vida era a luz dos homens; e essa luz ilumina todo homem no mundo (Jo 1:4, 9).

Tal era a competência ou qualidade da luz ou do ministério do Filho de Deus. Em princípio, chegou a todos. Nada na criação está

fora do alcance do calor do Sol, e nenhum homem no mundo está fora do alcance do testemunho do evangelho (Cl 1:23).

NOTA: Temos relatos dos pecados voluntários em Números 15 e Deuteronômio 17, e acredito que quando chegamos às passagens do Novo Testamento os vemos em Hebreus 6 e 10.

Salmo 20

Eu leio este Salmo como a declaração do Remanescente Judeu exercendo uma fé muito viva em seu Messias no dia em que Ele tomará sobre Si o problema deles e sairá para afirmar Seu reino contra o Seu inimigo e deles. Eles, portanto, O encomendam aos cuidados de Jeová e antecipam Sua vitória, e que eles mesmos, como seus pais (Êx 17:15), terão, em Jeová, uma bandeira, embora em conflito com o verdadeiro Amaleque.

O povo, com esse espírito, encomendou Josué aos cuidados de Deus quando ele saía para as batalhas (Js 1:17-18). E de acordo com a ordenança divina, quando Israel saísse para a batalha, eles deveriam se encorajar em Deus e não ter medo das multidões do inimigo, ou de seus carros e cavalos (veja Deuteronômio 20:1). Jesus, como Alguém totalmente obediente a esta ordenança, sai aqui para a guerra neste espírito.

Em todo o poder do versículo 3, vemos nosso Senhor deixando Seus serviços sacerdotais no céu, agora que Ele está prestes a assumir esse outro serviço, esse dever do “Deus das batalhas”, o Redentor da herança. E esta ação presente, Sua saída no devido tempo contra Seus inimigos, havia sido prometida a Ele assim que Ele tomou Seu assento no céu (veja Salmo 110:1). E Ele estava esperando por isso (Hb 10:13).

Salmo 21

Esta é uma continuação da linguagem do Remanescente que tivemos no Salmo anterior. Eles primeiro se dirigem a Jeová, reconhecendo que têm uma antecipação completa e gloriosa da vitória de seu Rei e de Seu estabelecimento em Seu reino, porque

Ele confiou n'Ele, seu Deus (veja Salmo 18:2-3; Hebreus 2:13; 5:7). Então, no que pode ser chamado de segunda parte, começando com o versículo 8, eles se dirigem ao Messias como se ainda estivesse nos céus, mas contando a Ele, por assim dizer, de Suas vitórias vindouras; e encerram desejando Sua exaltação, reconhecendo-O Senhor.

Sua coroa é de **“ouro fino (puro – ARA)”** (v. 3), isto é, de justiça imaculada; e, portanto, Seu reino será duradouro (Hb 1:8-9); **“longura de dias para sempre e eternamente”** (v. 4).

Davi era a figura do verdadeiro Rei, portanto, em vitória. E o desejo de Davi foi cumprido (2 Sm 7:19); como aqui o Messias está no versículo 4.

O Salmo 110, posso observar, é outro exemplo de um adorador que se dirige a Jeová e a Cristo alternadamente, ao vê-los gloriosamente assentados nos céus. A que caráter de comunhão nossa alma tem direito! Que descobertas a Escritura nos faz sobre o céu como ele é agora! Que visões de glórias ainda vindouras temos ali!

Salmo 22

Este Salmo foi a linguagem da alma do Senhor enquanto Ele estava pendurado na cruz (Mt 27:46). Ele proferiu, talvez, apenas as primeiras palavras, mas Seu espírito passou pelo todo. Ele começa como se Seus clamores por libertação da morte (Hb 5:7) não tivessem sido ouvidos, uma vez que Ele estava agora sob as trevas do rosto virado de Deus. Esta foi a morte de uma vítima, não de um mártir. Foi a morte sob o julgamento do pecado. Nada jamais poderia se assemelhar a isso. Veja como a morte do mártir Estevão é diferente da do Cordeiro de Deus (At 7). Mas ainda assim, o Sofredor perfeito justifica inteiramente a Deus – o Deus fiel dos pais e Seu Deus desde o ventre até agora.

Ele, portanto, ainda clama, apresentando diante dos olhos de Deus, todas as peculiaridades de Sua aflição atual vinda da mão

dos homens (veja os vs. 7-8, 12, 16-18). E é estranho como os inimigos, naquela hora, estavam cumprindo a Palavra de Deus contra si mesmos literalmente (veja v. 8 e Mateus 27:43). Mas, por fim, o Bem-aventurado Sofredor parece consciente de ter sido ouvido (v. 21) – ouvido desde **“as pontas dos unicórnios [os chifres dos búfalos – ARA]”** – ouvido, sem dúvida, por Aquele que O podia livrar da morte (Hb 5:7), pois podemos observar que o clamor de Jesus na cruz: **“Deus Meu, Deus Meu, por que Me desamparaste?”**, foi, depois de um intervalo, seguido por outro clamor: **“Pai, nas Tuas mãos entrego o Meu espírito”**. Esse segundo clamor surgiria naturalmente da consciência de que o primeiro havia sido ouvido. E, portanto, pode-se pensar que o Senhor aqui no v. 21 expressa Sua percepção de ter sido ouvido por Seu Libertador da morte.

Diante disso, Ele faz Seus votos: – primeiro, declarar o nome de Deus a Seus irmãos; segundo, louvá-Lo na **“congregação”** (de Israel) e na **“grande congregação”** (de todas as nações). O primeiro Ele começou a pagar imediatamente ao ser libertado da morte (Jo 20:17), e ainda está cumprindo em todos os santos (Rm 8:15); o segundo Ele pagará no reino quando Israel e as nações estiverem reunidos, a semente de Jacó glorificando a Deus e as famílias das nações adorando diante d'Ele. Pois então, como Jesus aqui promete, o reino e todas as suas ofertas serão do Senhor.

Mas sobre este Salmo devo observar ainda que, enquanto o Senhor Jesus, nos dias de Sua vida e ministério na Terra, estava salvando e não julgando, inclinando-Se e escrevendo com o dedo na terra como se Ele não tivesse ouvido, em vez de atirar uma pedra em alguém culpado, ainda assim Ele submeteu o mundo, em sua maldade, ao olhar judicial e à observação de Deus. Em João 17 Ele faz isso, quando diz: **“Pai justo, o mundo não Te conheceu”**. Esse mesmo ato parece-me estar presente neste Salmo muito peculiar e comovente.

Salmo 23

Este Salmo pode ser lido como uma meditação do Senhor Jesus enquanto Ele andava pela fé por este mundo. Ele aperfeiçoou a vida de fé, o Autor e Consumador dela, permanecendo como o Principal entre aqueles que obtiveram um bom testemunho por meio dela (veja Hebreus 11-12), para que possamos lê-Lo neste Salmo.

Ele Se encaminha à Sua jornada com total confiança, embora esta possa ser longa e difícil. Cada caráter de provação é sucessivamente antecipado – falta de provisão – necessidade de restauração – o vale sombrio da morte – a presença de inimigos. Mas os recursos da mão que O conduz são considerados suficientes a tudo, até que a jornada abençoadamente termine na casa do Senhor.

O Senhor conheceu a restauração da angústia de alma em João 12:27; e então Ele estava pronto para o vale pelo qual Ele passou; até que, na ressurreição, Seu cálice transbordou, Sua mesa foi estendida na presença de Seus inimigos, e Sua cabeça foi ungida, ou Sua consagração ao ofício foi aperfeiçoada. E o reino aos poucos exhibirá esse cálice, essa mesa e essa unção, aqui antecipados em fé por Jesus.

Isso pode, no entanto, ser usado como a linguagem ou experiência de qualquer crente. Nós, que somos fracos na fé, podemos ansiar por perceber essa preciosa alegria e liberdade cada vez mais ricamente.

Salmo 24

Como o Salmo anterior nos deu o caminho do Senhor Jesus (e de qualquer santo em companhia, em espírito, com Ele) até a casa do Senhor, este agora nos dá o Seu caminho até o trono de glória. Pois havia em Sua perspectiva, como há na nossa, os dois objetos – a casa do Pai e o trono do reino. E esses Salmos traçam

separadamente os dois caminhos até aquelas cenas felizes e brilhantes.

No início deste Salmo, o título do Senhor sobre a Terra é reconhecido: é d'Ele por criação. Assim, no jubileu, a figura desse mesmo reino vindouro, o Senhor afirmou Seu direito à terra (Lv 25:23). E depois que Seu título à Terra é anunciado, surge a pergunta: quem retomará o perdido de Adão sobre ela? Em outros termos, **“Quem subirá ao monte do SENHOR?”** pois **“monte”** é o símbolo do domínio (Is 2) e o domínio futuro ou milenar do Senhor será de Sião, aquele monte santo onde o Rei de Deus empunhará Seu cetro de governo universal (veja Salmo 2).

A pergunta é então respondida em termos que imediatamente apontam para Jesus; e Seus santos ou geração são unidos a Ele; e Seu título para tomar Seu trono de glória e domínio em Sião sendo assim estabelecido, Ele vem como no segundo advento para tomar posse.

Ele Se ofereceu para assumir esse trono quando estava aqui (Mt 21). E deve-se observar que, antes de nosso Senhor entrar pelos portões de Sião naquela ocasião, Ele exerceu Seus direitos como Senhor da Terra e sua plenitude (de acordo com o curso deste Salmo), ao reivindicar o jumento de seu dono sobre este fundamento: **“O Senhor precisa dele”** (Mc 11:3).

Mas, como sabemos, os cidadãos não queriam que Ele reinasse sobre eles; e agora, em Seu segundo advento, Ele fará valer o Seu direito no julgamento daqueles que uma vez O recusaram (veja Lucas 19:27).

Salmo 25

Esta é uma declaração como a que a alma de Davi poderia ter tido do outro lado do Jordão; pois lá ele estava sofrendo sob a mão de Deus pelo pecado, mas, em relação aos seus perseguidores, ele era irrepreensível. Um exercício variado de

coração surgiria de tal condição. Ele às vezes se lembrava de seus pecados e desejava conhecer cada vez mais o próprio caminho da graça de Deus; às vezes, por outro lado, Davi invocava com a confiança da integridade. E essa é a sua maneira variada neste comovente Salmo – onde, embora o suplicante esteja consciente da integridade, como diante dos homens em seus sofrimentos, ainda assim sua condição e culpa, como pecador diante de Deus, são inevitavelmente trazidas à mente; e como uma alma assim vivificada para o senso do pecado, ele deseja conhecer o próprio caminho de Deus em graça ou misericórdia. E é apenas o *pecador* que *totalmente* aprende o caminho de Deus. É um mistério para todos os outros estudiosos. E como Israel agora, por causa da transgressão, O conhece como um **“fogo consumidor”**, assim nos últimos dias, com seu coração quebrantado e em arrependimento, eles O conhecerão como um **“Deus misericordioso”** (veja Deuteronômio 4:24-31).

Podemos presumir que será o suspiro dos santos Judeus em breve. No Salmo, o versículo 22 realmente mostra que Israel é o que suplica aqui.

Os versículos 8-10 e 12-14 podem ser lidos como duas interrupções ao clamor do suplicante pela voz ou oráculo de Deus confortando-o. E não posso passar sem perceber que **“o segredo”** e **“o concerto”** do Senhor (v. 14) são o mesmo e significam o evangelho ou a graça de Deus em Cristo Jesus. Pois tal é o concerto de *Deus* e o segredo de *Deus*. Um dos nomes de Cristo é **“Maravilhoso [ou Secreto – KJV]”**, como sabemos (Jz 13:18; Is 9:6; veja também Deuteronômio 29:29).

Salmo 26

Esse parece ser do mesmo caráter que o anterior – uma declaração de Davi do outro lado do Jordão. Há, no entanto, mais expressão de retidão consciente para com os homens, e algo de seu anseio pela casa e congregação do Senhor, que, sabemos

pela história, foi o desejo fervoroso de Davi (veja 2 Samuel 15:25-26), e aquilo que ele aqui antecipa será realizado.

O fato dele se lançar sobre a misericórdia e a redenção de Deus, em meio a essas suas afirmações de integridade, evidencia um estado de alma muito correto.

Ao ler isso como uma continuação do Salmo anterior, considero abençoado notar o avanço na experiência do pobre pecador crente; pois aqui, embora tenhamos a integridade pleiteada e, ao mesmo tempo, a misericórdia buscada, a confissão dos pecados é abandonada e as antecipações da casa de Deus assumidas.

Salmo 27

Ainda outra afirmação do mesmo suplicante na mesma condição. Mas há mais desejo pela casa de Deus, anseio pela arca e habitação do Senhor; e assim um avanço ainda maior na experiência e na liberdade da alma pode ser observado neste Salmo, como no anterior.

Este Salmo pode ter sido o respirar de nosso bendito Senhor enquanto Ele estava em silêncio diante de Caifás (Mt 26:63). Falsas testemunhas estavam então se levantando contra Ele, mas aqueles que vieram para devorar Sua carne já haviam caído por terra. (veja Mateus 26:59; João 18:6). Naquele momento, Ele também antecipou Sua glória (veja Salmo 27:6; Mateus 26:64) . E sabemos que, naqueles difíceis sofrimentos, Ele foi sustentado pela esperança (veja v. 13; Hebreus 12:2).

A mudança forte e abrupta na corrente da alma no versículo 7 é facilmente entendida pela história do Senhor. É exatamente o que se poderia esperar, ao deixar de testemunhar o favor divino expresso no jardim, para Se tornar cativo dos ímpios (Jo 18:6, 12).

Mas estou bastante preparado para recusar a sugestão que há muito foi feita por alguns que exercitaram seus pensamentos (e isso também em espírito de reverência) sobre os Salmos, de que se o Senhor for visto ou ouvido em um versículo de um Salmo,

todo ele deve ser recebido como pertencente a Ele. A Palavra do Senhor a Davi por Natã em 1 Crônicas 17 seria testemunha contra isso, pois ali as palavras: **“Eu Lhe serei por Pai, e Ele Me será por Filho”** são aplicadas ao Senhor Jesus (Hb 1:5), enquanto ao mesmo tempo podemos nos assegurar mais plenamente de que todo aquele oráculo divino não poderia ser aplicado a Davi.

No último versículo, Jesus, por assim dizer, entrega uma palavra de exortação aos Seus santos, como fruto de Sua própria experiência, como posso dizer que Ele faz no final de Isaías 50, e ainda mais certamente no final de Mateus 11; e posso acrescentar que vemos um de Seus santos muito próximo a Ele no espírito que O anima aqui; pois aqui encontramos *confiança*, embora em meio ao alvoroço da guerra e dos problemas, apenas porque o coração estava voltado para uma coisa – o desejo de habitar na casa do Senhor. E **“o mesmo espírito de fé”** é encontrado em Paulo quando ele diz: **“Pelo que estamos sempre de bom ânimo, sabendo que, enquanto estamos no corpo, vivemos ausentes do Senhor... Mas temos confiança e desejamos, antes, deixar este corpo, para habitar com o Senhor”** (2 Co 5).

E o próprio apóstolo, sob o Espírito Santo, mostra outra ideia semelhante entre ele e seu Senhor no capítulo que precede este (veja 2 Coríntios 4:13 e Salmo 116:10).

Salmo 28

O clamor de uma alma que começava a provar a amargura do abandono – de Deus estar **“em silêncio”** para com ele. Havia algo do toque do medo da morte sentido aqui, e o clamor saiu (vs. 1-5 – TB).

A resposta de Deus a tudo isso é então antecipada com louvor e intercessão adequada, abrangendo todo o povo de Deus, bem como o próprio suplicante (6-9).

Observo que os ímpios são vistos aqui muito semelhantemente como o Senhor olha para as cidades incrédulas, isto é, como não

movidos pelas obras do Senhor (Mateus 11:20; veja v. 5).

É interessante notar aqui que o Remanescente, os piedosos eleitos em Israel, é tratado pelo Senhor de maneira muito diferentemente da que é tratada a nação incrédula. Jesus **“guardou silêncio”** para com eles (Mc 14:60-61 – ARA). Lá significou juízo. Aqui o Senhor responde aos piedosos.

Salmo 29

Esta é uma celebração do poder da **“voz do Senhor”**, que também é **“o Deus da glória”** (v. 3) E os últimos versículos nos permitem ver o repouso e ouvir os regozijos dos fiéis, enquanto esse poder está passando para a destruição dos ímpios. Como Noé na Arca enquanto as águas se espalhavam, ou Ló em Zoar enquanto o fogo era derramado sobre Sodoma, ou Israel dentro de suas portas pascais, enquanto o anjo passava pelo Egito com a espada, assim em seus aposentos onde, em breve, o Remanescente descansará (Is 26:20), e terá um cântico também, enquanto a vingança decretada segue seu curso (Is 30:32), nem um fio de cabelo perecerá.

O verdadeiro Israel aparece aqui, embora no meio do tumulto, em toda a calma de um povo que fez do Senhor seu santuário, despreocupados diante dos inimigos confederados, porque eles podem dizer: **“Deus é conosco”** (Is 8), e força e paz lhes são prometidas.

No início deste brilhante Salmo, os próprios poderosos são desafiados a reconhecer Jeová – como é dito aos reis da Terra: **“Beijai o Filho”** – antes que seja tarde demais. Depois disso, no Salmo 82, esses poderosos, agora declarados culpados em completa apostasia, são convocados a ouvir sua condenação e ouvir a sentença de justiça contra eles.

Salmo 30

Este Salmo pode ser lido como o louvor de Jesus ressuscitado celebrando Aquele que agora O redimiou da morte. Ele convoca os

santos, por assim dizer, que O ajudem nesse louvor, e Ele repete algo de Sua experiência e de Seu clamor, quando estava sob o temor da morte (Hb 5:7), e então retoma Seu louvor, mostrando que a ressurreição havia aberto Seus lábios ou despertado Sua glória (veja também Salmo 116).

Mas a ressurreição do Senhor é, em um caráter, uma promessa da libertação vindoura de Seu Israel e, portanto, da ressurreição da nação. Isso deve ser lembrado ao ler este Salmo.

NOTA: Uma conexão pode ser descoberta entre os Salmos 28, 29 e 30. Salmo 28 – O piedoso clama para ser libertado da morte, ou do poder da cova. Salmo 29 – O Senhor responde, como um terremoto, libertando o Prisioneiro (Mt 28:2; Ap 6, 11, 16; veja também Salmo 18:7). Salmo 30 – O libertado reconhece isso com louvor – que, assim como Deus agora havia quebrado Seu silêncio com tal voz de poder, também os resgatados quebrariam o silêncio deles com uma voz de louvor (compare Salmo 28:1 com Salmo 30:12.).

Salmo 31

Este Salmo ainda é a declaração do Senhor na ressurreição. Ele relata Seu clamor no dia em que foi designado ao matadouro, quando estava diante de Pilatos e dali foi levado para o madeiro amaldiçoado – quando entregou Seu Espírito ao Pai (v. 5; Lc 23:46). No versículo 10, devemos ler **“angústia”** em vez de **“iniquidade”**.

Ele foi então abandonado por todos: calúnia, medo e reprovação estavam por todos os lados; Seus olhos, Sua alma e Seu corpo foram consumidos, e Ele foi tratado como já morto, deixado de lado como um vaso quebrado. Como alguém expressa: “Duvido que Cristo fale *pessoalmente*” nos versículos 17-18. Pois Ele não estava tratando com os Seus inimigos em julgamento, mas em graça, quando Ele estava aqui. Ele, no entanto, Se entregava Aquele que julgava *com justiça* (1 Pe 2:23).

Mas na hora mais mortal daquela noite horrível, Ele lembra como confiou em Deus e Se lembrou de Suas misericórdias anteriores. E do v. 19 até o fim, não é mais o relato de Seu clamor nas horas de Pilatos e do Calvário, mas a expressão de gozo e louvor pela ressurreição presente. Ele agora havia trocado a sepultura e o pó da morte pelo poder de Deus em ressurreição. E agora também Ele Se lembra da benevolência do Senhor mostrada a Ele na **“cidade segura [fortificada – TB]”**, o lugar dos confederados, do qual Ele havia sido libertado, mas para o qual Ele irá em breve, não como um cativo, mas como um vingador (veja Salmo 60, Salmo 108).

Quão repentina e vigorosamente uma nova corrente de afeições se estabelece no v. 19 e continua até o fim! Não é essa, muitas vezes, a mesma experiência dos santos provados?

E com base em Sua ressurreição, Ele convoca a todos os santos que amem o Senhor e tenham bom ânimo, extraíndo uma palavra de exortação para eles (como é comum com Ele) de Sua própria experiência (veja Salmo 27, Salmo 34). Mas eu ainda falaria da ressurreição do Senhor como o penhor de Israel, como acabei de fazer no Salmo anterior, e isso deve ser lembrado aqui.

Salmo 32

Este Salmo é de grande valor para a alma. Um pecador perdoado revisita sua experiência, e desta forma a verdade mais preciosa é transmitida. Pode ser chamado de expressão de um pecador em ressurreição espiritual presente, assim como a anterior tinha sido de Jesus em ressurreição. O pecador celebra a bem-aventurança de sua libertação das profundezas, da culpa do pecado e do poder de um coração não humilhado e enganoso. Até mesmo a tentação de ser enganoso se foi – o motivo do segredo foi removido. *“Orgulho”, como disse alguém, “até então era o guardião dos segredos malignos da alma, é expulso de sua confiança e obrigado a deixar todas as coisas abertas ao escrutínio. O momento é de investigação e julgamento, e o resultado é aquela paz e*

confiança, aquela quietude do espírito, que nunca é desfrutada até que o coração do homem tenha tratado retamente consigo mesmo". É isso que temos aqui – o fruto do espírito de confissão e a aplicação à consciência pela fé do valor e do sangue de Jesus. O gozo e a confiança de tal alma ressuscitada são estabelecidos. A voz do Senhor é então ouvida por um momento, interrompendo com uma rica promessa, e no final, este pecador ressuscitado dirige palavras de advertência aos outros, como no Salmo anterior, o Jesus ressuscitado termina fazendo o mesmo.

Esta é a experiência ou expressão adequada de toda alma perdoada, e foi, sem dúvida, eminentemente a de Davi. Grande valor é dado a ele em Romanos 4:7. Todo aquele que é **"santo"** (v. 6), cuja religião é segundo Deus, encontra sua confiança brotando da verdade ou doutrina transmitida por esta experiência de Davi.

E a "ausência de dolo" de Natanael foi a mesma deste Salmo, creio eu, e não de mera disposição natural (Jo 1:47). Ele esteve sob a figueira no espírito deste Salmo, como um convicto, derramando seu coração, e isso libertou seu espírito do dolo ou engano, pois aqui aprendemos que um espírito que confessa é um espírito sem dolo. O Senhor, ao vê-lo, o reconhece nesse caráter, e Natanael não recusa a saudação. Jesus esteve no segredo de sua alma enquanto estava debaixo da árvore (como Ele estava no segredo da alma de Zaqueu na figueira brava – ou sicômoro), e eles se encontram, como o Senhor e o suplicante se encontram neste Salmo muito abençoado.

Ele ainda será encontrado assim. Ele conhecia esse israelita sem dolo sem a apresentação de Filipe; e Jesus ainda, em espírito, conversa com a alma sobrecarregada que derramaria suas convicções no lugar solitário, ou sob a sombra distante (como da figueira) para a qual a consciência o afastou.

Salmo 33

As palavras finais do Salmo anterior são aqui retomadas logo no início. Isso, em certa medida, os conecta e nos convida a ler este

como uma continuação.

Tendo os justos sido ordenados a se regozijarem no Senhor, o grande propósito moral deste Salmo é dar tais visões do Senhor que possam constranger ao regozijo – para mostrá-Lo como Tal, que se possa dizer: **“Bem-aventurada é a nação cujo Deus”** é Ele. Pois não basta somente receber a ordem de amar ou de se regozijar, mas o Objeto adequado a essas afeições deve ser apresentado – como aqui. Oh, que nosso coração possa aplicar-se a isso de bom grado!

Podemos ler as livres e eloquentes reflexões da alma neste Salmo, como uma doce amostra daquela habilidade moral que um pecador conscientemente aceito tem para refletir sobre as palavras, as obras e conselhos, a graça e a glória de Deus, e todas as coisas semelhantes.

Profeticamente, esse parece ser o gozo da nação Judaica ter Jeová como seu Deus novamente, depois de terem testemunhado a derrota dos pagãos e o segundo estabelecimento do mundo. Isso, portanto, nos levaria a ver que o Remanescente são **“os justos”**.

Mas todo esse gozo é apenas antecipado; pois do versículo 12 até o fim, parece que a nação ainda estava apenas esperando por tudo isso, e que o curso do presente mundo mau ainda estava acontecendo. Mas eles fecham com uma expressão de grande confiança, que este estado de ressurreição da nação seria de fato cumprido no bom tempo de Deus.

Salmo 34

Esta é outra declaração em espírito do Senhor Jesus Cristo após Sua ressurreição.

Ele louva a Deus por essa libertação (vs. 1-2). Ele pede aos Seus santos que se juntem a Ele nisso (vs. 3-7). Ele os exorta a confiar em Deus por causa disso; e a se assegurar, com base em Sua ressurreição, de que o Senhor realmente é Bom. (vs. 8-10; 1 Pe 2:3).

Sabemos que o versículo 20 foi cumprido na Pessoa do Senhor Jesus (veja João 19:36).

Então, Ele reúne a família ao Seu redor para ler para ela, por assim dizer, as lições que, como na ressurreição, por experiência, Ele era abundantemente competente para lhes ensinar. Ele lhes diz como caminhar pela vida para escapar de muitas de suas aflições, mas que, se os problemas vierem (como virão), mesmo por causa de sua retidão, eles podem, como por Seu exemplo, sendo agora ressuscitado dentre os mortos, assegurar-se do livramento final, e que nenhum dano real jamais será sofrido por eles, mas que, em vez disso, seu *Redentor* também será seu *Vingador*, destruindo aqueles que os aborrecem.

Assim, Jesus, por Sua ressurreição, conforta e instrui Seus santos ou discípulos. Ele compartilha com eles (como em tudo o mais) o proveito de Sua própria experiência (veja os vs. 12-15 e 1 Pedro 3).

E esta é a Sua mente em Mateus 11:29-30 – **“aprendei de Mim, que Sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para a vossa alma. Porque o Meu jugo é suave, e o Meu fardo é leve”**. Dizendo a eles o que Ele mesmo já havia provado, que o caminho de um coração manso e humilde levava a alma a muito descanso, tornando o jugo suave e o fardo leve. E quem de nós, amados, não prova isso?

Posso acrescentar, sugerido pelo versículo 6, quão eminentemente o Senhor Jesus, embora Rico **“em glória”** (veja Filipenses 4:19), era **“o Pobre”**, como é chamado novamente no Salmo 35:10 e no Salmo 41:1. Nós O conhecemos assim nos Evangelistas, bendito seja Seu nome!

Salmo 35

Este Salmo pode ser lido como uma reflexão silenciosa da alma aflita de Jesus enquanto Ele estava diante de Pilatos. Ele roga a Deus tanto por Seu próprio resgate quanto pelo julgamento e confusão de Seus perseguidores. As **“falsas testemunhas”** do

versículo 11 são ouvidas em Mateus 26:59, os **“abjetos [caluniadores – JND]”** do versículo 15 são vistos em Lucas 23:1-2; a palavra do Senhor: **“e Eu não o sabia”**, no versículo 15, é verificada por Sua atitude em Lucas 22:64; Sua “quietude” (**“os quietos da terra”**), do versículo 20, é vista em Mateus 12:19; 22:21, e isso mostra que a acusação contra Ele em Lucas 23:2 foram as **“palavras enganosas”** (JND) aqui referidas por este bendito Sofredor e Testemunha no versículo 20.

Uma coisa especialmente pode ser observada aqui – que o Senhor Jesus roga por julgamento sobre o perseguidor e o inimigo. Mas devemos estar preparados para isso; pois nos Evangelhos temos o mesmo; apenas ouça de Seus lábios por um momento – **“Pai justo, o mundo não Te conheceu”**. Nessas palavras, Ele não pronuncia o pedido completo que encontramos ocasionalmente nos Salmos, mas tão distintamente Ele deixa o mundo em sua incredulidade e rejeição da graça diante do *justo* julgamento. De modo que essas palavras em João 17 são do espírito daqueles Salmos em que o Messias roga por julgamento. E se nos Salmos Ele for ouvido até mesmo pronunciando julgamento, isso não estaria além de Sua linguagem nos Evangelhos – **“Eis que a vossa casa vos ficará deserta”**; ou, como Ele novamente diz: **“Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida!”** ou ainda mais plenamente nas solenidades de um tribunal em Mateus 23. Suas palavras a Caifás em Mateus 26:64 têm o mesmo sentido. Além disso, somos informados de que o Senhor Se entregou ao *Justo Juiz* (1 Pe 2:23), sem injúria ou ameaça. Este Salmo parece ser uma amostra de tal comunhão. No Salmo 69, com o comentário que fazemos sobre ele em Romanos 11, encontramos o mesmo (veja também o Salmo 40:14-15).

Mas o Espírito de Cristo no Remanescente será ouvido mais distintamente clamando por julgamento, à medida que a iniquidade do mundo encher sua medida em seus dias. Encontramos isso não apenas nos Salmos, como aqui, mas em Lucas 18:1-8; Apocalipse 6:10, e outras Escrituras.

Podemos notar que todos os **“ossos”** foram guardados no Salmo anterior (veja Salmo 34:20); aqui eles são apresentados como louvando e dando graças (v. 10).

Salmo 36

Os elementos deste Salmo são muito simples. Ele não depende de alguma circunstância especial, mas é a linguagem de qualquer alma forçada pela violência dos ímpios a se refugiar na grandeza e nas excelências de Deus. Mas, especialmente, é a experiência do Remanescente que terá de enfrentar a violência do maligno nos últimos dias.

Essa experiência dos santos é muito abençoada. Isso prova que do comedor saiu comida, e doçura saiu do forte; que quando eles são fracos, como o apóstolo descobre, então eles são fortes: pois a violência dos ímpios só nos faz conhecer ainda mais a bem-aventurança do Deus vivo, e assim obtemos despojo do forte.

E que ainda que a força do inimigo seja tão grande quanto possível, ainda assim os santos em espírito, olhando para Deus, dizem: **“mais são os que estão conosco do que os que estão com eles”**.

Essa é uma meditação bonita e reconfortante. O salmista olha primeiro para a grandeza da maldade dos ímpios e depois para a magnificência da bondade e glória de Deus. Tudo é grande aos olhos desse adorador, e ele sente que pode deixar sua causa com Deus, antecipando a derrubada total de todos os poderosos em sua maldade.

Aqui, o adorador reconhece que a causa de toda essa iniquidade humana, que ele estava contemplando, está no fato da rejeição ao temor de Deus; e talvez ele admita que a fonte, até mesmo o coração, esteja nele mesmo como em qualquer outro homem (Rm 7:17-18; Mt 15:18-20). De fato, este Salmo ajuda o apóstolo com seu inspirado veredicto divino contra o homem, como uma criatura totalmente corrompida (veja v. 1; Romanos 3:18).

Salmo 37

Esta é a meditação de um crente, ou adorador, ao observar a cena moral ao seu redor, chamada pelo apóstolo de **“o curso deste mundo”**, à luz que a fé e a esperança lhe proporcionam; e na calma e certeza dessa luz, ele profere uma palavra de rico consolo. Ele fala do futuro e do ajuste final das coisas entre os justos e os ímpios, embora tudo possa parecer muito diferente por um tempo.

O peso deste Salmo é *a remoção dos ímpios da Terra e a concessão dela como herança aos mansos*. Poderia ter como lema as palavras de Isaías – **“Dizei aos justos que bem lhes irá... Ai do ímpio! Mal lhe irá”**.

E ele nos fala de sua experiência como uma espécie de selo dessa verdade; pois em sua observação de pessoas e circunstâncias, ele pôde dizer que nunca tinha visto os justos desamparados *no final* nem os ímpios prósperos *no final*, embora por um tempo eles se espalhem como a árvore verde (vs. 25, 35). Portanto, ele deseja que os justos tenham o coração encorajado, embora as tristezas atuais possam ser muitas e variadas. O fim deles será a paz, quando os ímpios forem exterminados; a *herança* deles virá e durará para sempre, quando o *dia* (ou seja, o julgamento) dos ímpios vier (vs. 13, 18).

A mansidão, que assim culmina na herança (veja Mateus 5:5), parece ser aquele temperamento de alma que nos torna dispostos a não ser nada até que a herança prometida venha. O Senhor Jesus (em Quem estava toda a perfeição) expressou isso plenamente. Embora Senhor de todos, Ele Se contentou em não ter nada; e o reino é a recompensa de Sua mansidão (Mt 21:5). Os santos, em sua medida, são os mansos agora. O Remanescente será assim em seus dias (Sf 2:3). Este Salmo pode, portanto, ser lido por todos nós; pois a experiência de todos os escolhidos de Deus é, em essência, a mesma; mas o Remanescente, numa medida mais completa, precisará do consolo desse Salmo quando vier a ser pressionado pelas bem-sucedidas

confederações dos ímpios nos últimos dias. O versículo 11 e Mateus 5:5 mostram que os discípulos do Senhor Jesus e o Remanescente dos últimos dias têm muita identificação moral.

Assim, este Salmo nos ensina a não viver para nenhuma esperança que não seja a ressurreição e o reino – e somente são divinamente sábios, aqueles que atentam **“para o seu fim”**. Uma lição simples, séria e santa – uma lição feliz para os estrangeiros e peregrinos de Deus. **“E o mundo passa, e a sua concupiscência; mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre”**.

Salmo 38

O arrependido neste Salmo sente tanto o peso da justa ira de Deus quanto a amargura da inimizade imerecida por parte do homem (vs. 4, 19-20). Combina com o sofrimento de Davi em relação a Absalão por causa de seu pecado contra Deus no caso de Urias. Ele fala como um leproso fora do arraial. E tal é a figura de um pecador convicto, ou de um santo sob disciplina. Ele está separado como alguém contaminado e contaminador; mas Jesus pode nos encontrar naquele lugar, embora ninguém mais possa. Como uma pobre mulher convencida de seus pecados disse uma vez: *“Eu sou má demais para qualquer um, exceto Jesus”*, e Aquele bendito Salvador, como sabemos, ao mesmo tempo **“Imaculado”** e ainda assim **“feito pecado”**, foi levado ao matadouro sem abrir a boca (v. 13, Mt 26:63, 27:12, 14). Ele não respondeu à acusação dos ímpios, mas silenciosamente, ou na não expressada reflexão de Seu espírito, Se entregou Àquele que julga com justiça. Isso foi expresso em Davi em relação a Simei (2 Sm 16). Davi não se identificou com o conselho dos filhos de Zeruia – sua alma não tinha empatia nisso.

E este Salmo pode ser lido como uma expressão do Remanescente; pois eles se lembrarão e tomarão sobre si o pecado de sua nação ao derramar o sangue justo de Jesus, embora pessoalmente não tenham participado dele (Zc 12:10).

Pois o pecado de Davi em relação a Bate-Seba e Urias pode representar o pecado de Israel em relação a Jesus; sangue inocente foi derramado e alianças impuras foram formadas. O povo Judeu gritou: **“Crucifica-O, crucifica-O”**, e ao mesmo tempo disse: **“Não temos rei, senão o César”**. E então, podemos dizer em certo sentido e medida, que as tristezas subsequentes de Davi nas mãos de Absalão representam as tristezas do Remanescente nas mãos de seu inimigo, o rei voluntarioso; e isso faz com que os mesmos Salmos penitenciais sejam proferidos tanto por Davi quanto pelo Remanescente .

É digno de consideração se as palavras **“escorrega o meu pé”** no versículo 16 não sejam mais uma *calamidade* do que uma *transgressão* (veja Deuteronômio 32:35; Salmo 94:18).

Salmo 39

A conduta de Davi em relação a Simei também pode explicar este Salmo. Ele estava mudo enquanto os ímpios estavam diante dele. Ele estava aceitando o castigo de seu pecado, curvando-se sob a poderosa mão de Deus em silêncio. Seu arrependimento, como em 2 Samuel 15-19, é realmente uma visão muito comovente.

O caminho da alma neste Salmo é muito abençoado e está dentro do alcance da experiência dos santos em todos os momentos. Deve ser traçado assim: Sob provocação, o crente está decidido, na força de Deus, a ficar em silêncio, embora isso a princípio tenha despertado e criado a tristeza interior (vs. 1-2). Mas o Espírito, no tempo oportuno, trouxe alívio e deu, à lista das afeições espirituais na alma, uma energia aumentada e viva. Pois este é o Seu caminho – se a natureza for contida, o novo reino se levantará em poder. Assim foi aqui. Durante o silêncio imposto sobre a natureza, esse calor do coração renovado é aquecido e produz frutos abençoados para esse silêncio e mortificação; pois os lábios são abertos, não para insultar novamente, nem para ameaçar aqueles que o faziam sofrer, mas para se entregar a Deus, reconhecendo sua própria indignidade e tomando todo

esse sofrimento como vindo da mão de seu gracioso Deus para o bem (vs. 3-11). Sua alma, por meio de todo esse exercício santo, aprende a se ver em companhia celestial com o próprio Deus nesta Terra, e ele só procura força para percorrer o resto de sua jornada de peregrinação com maior entusiasmo e vigor (vs. 12-13).

Isso se aplica a todos nós; e bem-aventurada é a alma de qualquer santo assim saudavelmente exercitada. Deveríamos conhecer esses caminhos do Espírito melhor do que conhecemos. Assim, o Israel arrependido do último dia aceitará a punição de seu pecado (Lv 26:40). Então, em silêncio, Jesus recebeu nosso castigo (Is 53:7; Mt 26:63; Sl 38).

Simei fez a parte daquela multidão injuriosa que cercou o abençoado Sofredor diante do governador e no Calvário, insultando-O com os lábios e rangendo os dentes contra Ele. Aitofel foi o Judas dessas cenas em 2 Samuel (veja Salmo 109).

Salmo 40

Provavelmente este Salmo foi proferido por Davi na mesma ocasião. Mas o Espírito que falou por meio dele, em suas circunstâncias logo deixa Davi para proferir apenas o coração de Jesus (vs. 6-8; Hb 10:5-7).

Os versículos de abertura nos dão a antecipação do Senhor de Sua ressurreição ou libertação; Ele depois relembra Sua dedicação própria, Seu ministério, Suas tristezas e Seu clamor. Ele nos diz que esperou pacientemente pela ressurreição. Ele poderia, sabemos, ter afirmado Seu poder divino; mas esperou até ser ressuscitado **“pelo sangue do concerto eterno”** (Hb 13). Assim era Ele, como diz neste Salmo, o Pobre e Necessitado – Aquele que dependia de Deus para tudo – Aquele que esperava pacientemente no exercício de fé.

Como em outros Salmos, Ele confessa os pecados que tomou sobre Si. Pois tal confissão justifica a Deus e é uma aceitação graciosa do que havia sido colocado sobre Ele, para que

possamos ter forte consolo em conhecer *a realidade* da imputação de nossos pecados à Sua conta; como o sumo sacerdote, sob a lei, *confessou* os pecados de Israel na cabeça do bode expiatório.

A multidão inumerável dos pensamentos de Deus (veja também Salmo 139) expressa de uma forma admirável a diligência e o deleite de Deus sobre Cristo e Seus redimidos, como se esse Objeto fosse toda a Sua preocupação e o Centro de todos os Seus conselhos. Quem dera soubéssemos apreciar esta verdade como deveríamos! (veja o Salmo 70 em conexão com os versículos finais deste.)

Salmo 41

Este Salmo também se ajusta a Davi na mesma aflição. O seu início parece falar a respeito de Barzilai, que nos dias de Absalão, Aitofel e Simei, levou em consideração o aflito Davi (2 Sm 17:27, 29). Ele então pleiteia contra seus inimigos e termina com a antecipação de sua própria libertação e a confusão deles para o louvor de seu Deus, o Deus de Israel.

Mas Jesus certamente está aqui, como nos outros. Não poderíamos, não ousaríamos, não o veríamos, no entanto, no versículo 4; e isso me lembra o que já observei no Salmo 27. As filhas de Jerusalém (Lc 23) podem ser consideradas como ocupando, em certa medida, o lugar de Barzilai, como Judas ocupa o de Aitofel, ou a multidão de Simei. E elas moveram a empatia do Senhor, como Barzilai fez com Davi. Deram-Lhe como se fosse um copo de água fria, e isso recebeu sua recompensa. Mas Barzilai é um padrão de todos os que agora, no dia de Sua rejeição, reconhecem o justo Jesus; a quem Ele diz: **“vós sois os que tendes permanecido Comigo nas Minhas tentações”**.

E bem-aventurado é aquele que assim olha para o mistério do Salmo anterior, e considera o pobre e necessitado Jesus, e que pela fé lança sua sorte com Ele. **“Bem-aventurado é aquele”**, como Ele mesmo diz, **“que não se escandalizar em Mim”**. E, no

entanto, o orgulho da vida e o curso deste mundo apóstata fazem com que seguir **“este Aflito”** (ARA) não seja uma coisa fácil ou agradável.

NOTA: Aqui termina o primeiro dos cinco livros em que os Judeus organizaram os Salmos.

Os Salmos 42-49 constituem uma pequena série ou volume. Diz-se que todos eles são **“para os filhos de Corá”** – uma indicação de que estão conectados uns aos outros. Eles podem ter sido compostos em momentos diferentes, mas isso não importa; o Espírito de Deus os apresentou a nós juntos, e eles assim seguem numa sequência de modo que um assunto seja devidamente desdobrado neles.

Pode-se dizer que o assunto é este: *“As tristezas do Remanescente Judeu no último dia, seus triunfos e, em seguida, seu gozo e glória em Sião como cabeça das nações sob seu grande Rei.”*

Salmo 42

Este Salmo nos dá a lamentação de um suplicante que está em tristeza por causa da separação da casa de Deus, por causa do opróbrio de seus inimigos e por causa da lembrança do gozo que é agora passado. Ele é, no entanto, capaz de se encorajar em Deus e esperar pelo futuro.

A tristeza de Davi nas mãos de Absalão era semelhante a esta; pois nos lembramos de como ele foi então expulso para além do Jordão, e como ele enviou de volta Zadoque e a Arca de Deus para Jerusalém. Todo o seu gozo estava na habitação de Deus; mas ele pecou, e sua alma reconheceu que o gozo não era sua porção apropriada então (2 Sm 15).

Mas em tudo isso, podemos dizer: tal como o rei, assim o povo. O povo, o verdadeiro Israel de Deus, no último dia chegará a tal tristeza e desejo por Deus. Eles lamentarão profundamente como pombas – como pombas dos vales, todas elas gemendo, cada uma por sua iniquidade (Ez 7:16).

O Espírito de Cristo, em plena empatia por eles (pois em todas as suas aflições Ele é afligido), conduzirá a alma do Remanescente nesses exercícios, tornando-os Seus próprios. O desafio do inimigo ao indivíduo suplicante: **“Onde está o teu Deus?”** (v. 3) nos é dado em Joel 2:17, como dito pelos pagãos ao Israel de Deus: **“Onde está o seu Deus?”**.

Mas o espírito deste Salmo pode ser o fardo de qualquer justo e aflito. E toda essa tristeza dá exercício de alma diante de Deus e promove a disciplina do deserto. Dá conhecimento dos recursos de Deus, que nunca tinham sido trazidos de outra forma por Ele, ou conhecidos por nós.

Salmo 43

Este Salmo é muito semelhante ao anterior. O caráter do inimigo talvez seja mais definido, e o rei voluntarioso ou o iníquo, e a nação apóstata. As angústias do Remanescente justo, sem dúvida, são vistas pelo Espírito.

No quebrantamento de seu coração nestes Salmos, o suplicante derrama palavras interrompidas; às vezes dirigindo-se a Deus, depois à sua própria alma e depois ao inimigo que o estava afligindo. A provação de qualquer crente se expressa muito naturalmente de maneira semelhante; e todos nós, devidamente esperando por Jesus e sentindo o que o mundo é sem Ele, devemos encontrar nossa empatia nesses Salmos. Todos nós deveríamos estar conscientes de que temos *lágrimas* para beber se as *correntes das águas* de Deus não estiverem conosco.

Salmo 44

Aqui a lamentação passa a ser a lamentação de muitos. Eles estão na consciência da integridade, embora em grande tristeza; mas eles se lembram das misericórdias de Deus para com seus pais, e sobre isso eles apelam para Ele.

É surpreendentemente o clamor de pessoas *martirizadas*, ou daqueles que estavam sofrendo nas mãos do homem por causa

da justiça, e não por qualquer iniquidade ou mal que tivessem cometido. Tal era Davi quando afligido por Saul; tal será o Israel piedoso quando afligido pelo ousado poder incrédulo do último dia; e tal, não precisamos dizer, era Jesus, a Testemunha perfeita da justiça contra as obras do mundo (Jo 7:7). Mas assim, em nossa medida, todos nós devemos ser, ao recusar o curso deste presente mundo mau e tomar o lugar separado de Jesus.

Há um avanço na experiência da alma aqui. Nos dois Salmos anteriores (42 e 43), tinha sido antes o clamor de um arrependido, justamente separado da casa de Deus, como Davi nos dias de Absalão; mas aqui está o clamor dos mártires.

Este Salmo mostra surpreendentemente que a Escritura, principalmente ou profeticamente pertencente a um povo em particular, pode ter aplicação moral ou geral; pois o versículo 1 mostra claramente que esta é uma declaração Judaica, mas Paulo a aplica a todos os santos (Rm 8:36 e v. 22). E ele sugere que, como é o bendito ofício do Espírito Santo manter a alma na percepção do amor de Deus (Rm 5:5), nada será tão forte *contra* nós, como é o Espírito Santo *por* nós, mantendo esse amor (Rm 8:39).

Uma diferença, no entanto, entre o suplicante no Salmo e o apóstolo na Epístola é esta: o salmista obtém confiança presente na tristeza do que os pais haviam contado sobre as misericórdias de Deus nos tempos antigos; o apóstolo obtém a sua de ser capaz, por meio do Espírito Santo, de traçar os conselhos de amor e glória de Deus para consigo mesmo e para com todos os que amam a Deus – o chamado de acordo com Seu propósito. Então, posso observar, há uma diferença na afeição dos dois: em um é o *temor*, que vem do conhecimento de que Deus sonda o coração; no outro é o *amor*, que vem do conhecimento de Seu amor imutável.

Salmo 45

O Messias em Sua segunda vinda é celebrado aqui; e isso forma adequadamente a resposta graciosa do Senhor às lamentações do Remanescente proferidas no Salmo anterior, e ao seu clamor lá (Sl 44:26) para que o Messias venha como libertador a Sião.

O coração e a língua encontram uma obra pronta e alegre quando o Rei, em Sua formosura, se torna seu assunto. Pois em tal tema, **“o habilidoso Escritor”** (ARA), o Espírito Santo, está em Sua devida obra. Ele está tomando as coisas de Cristo para nos mostrar. E a mente do santo também está tranquila. Como disse um dos nossos próprios poetas, falando das coisas de Jesus,

*“Meu coração, minha mão, meu ouvido, minha língua,
Aqui está um alegre trabalho para vocês”.*

Mas, ao passar para o Senhor como Rei, o coração e a língua do profeta param por um momento sobre Sua *Pessoa e ministério nos dias de Sua carne*. E pode ser que *Sua glória presente, como Sacerdote nos céus*, esteja implícita nas palavras: **“Por isso, Deus Te abençoou para sempre”**. Mas rapidamente tudo é deixado de lado para vê-Lo, como o *rei Davi*, lutando a batalha do Senhor pela causa da verdade, da mansidão e da justiça, e limpando a terra de todos os obreiros da iniquidade; e então como o *rei Salomão*, assentado no trono da glória. Deus O consagra ao ofício, reconhecendo a justiça como Seu título, e todos O saúdam com amor, como o daquela que uma vez quebrou seu vaso de alabastro de unguento sobre Sua cabeça (vs. 8-9). Jerusalém, a rainha mística, também é abordada; e as nações, suas companheiras, destacam o gozo e a glória do rei.

Mas há algo impressionante em relação a esta rainha. Ela é vista como vindo, como qualquer pecador dos gentios, de algum lugar de contaminação que ela é exortada a deixar para trás (Dt 21:13). Isso nos fala do caráter no qual Jerusalém será finalmente recebida, como um pródigo retornado; e *assim* o rei desejará muito sua beleza. Pois neles está todo o Seu prazer. É Sua própria

beleza que Ele vê nos tais – a beleza que Ele mesmo colocou sobre eles – as sandálias, o anel e a melhor roupa.

Neste Salmo, o título do Senhor é adequadamente reconhecido como subsistindo em Sua *justiça* (v. 7); mas o título de Jerusalém, o título da rainha, como o de cada pecador, é apenas por *graça*. Isso é justo e belo. E talvez o livro de Cantares nos deem os exercícios dessa filha ao *considerar*, como ela é aqui exortada, passando pela disciplina de coração em preparação para essa união com o Rei.

Observe que a rainha é a Jerusalém terrenal, não a celestial; porque, primeiro, seu casamento é com o Rei, não com o Cordeiro; segundo, seu casamento segue, não precede, a vitória. Os Judeus, em seus escritos antigos, falam de uma Jerusalém *acima* e uma Jerusalém *abaixo*, e de uma ser como a outra – de Jerusalém sendo construída no firmamento assim como Jerusalém na Terra.

Podemos ler os versículos 16-17 como endereçados ao Rei – “Teu” no versículo 16, bem como no versículo 17, estando no gênero masculino.

Salmo 46

Aqui, como consequência necessária da segunda vinda que, como vimos, acabara de ser celebrada ou antecipada, a lamentação do Remanescente torna-se em louvor e alegria. Então, Deus Se tornou seu refúgio. Por Seu braço, o inimigo foi aquietado. A paz flui como um rio, e a lança é transformada em uma foice. O monte, de acordo com Mateus 21:21, foi lançado ao mar, enquanto os eleitos estavam em seus aposentos, e agora relatam tudo isso. Nada que cause terror os toca. Eles podem falar sobre as águas que os alegraram ao invés de águas que os afogassem. Eles triunfam na desolação, ao invés de perecer por ela; pois, ninguém menos que o próprio Deus tem sido o refúgio deles. **“Onde está teu Deus?”** tem sido a reprovação do inimigo, e a resposta é devolvida a ele no triunfo deste Salmo.

Os julgamentos sobre os ímpios precedem o reino, como este Salmo e toda a Escritura nos ensinam; pois em breve, *a justiça* se ligará ao *poder*, e então o mal será julgado; e depois toda a Terra será governada em paz. A justiça empunhará primeiro a *espada*, e depois o *cetro*.

Salmo 47

O Deus de Jacó, que havia sido celebrado no Salmo anterior em Seu caráter guerreiro, ou como Deus das batalhas, é saudado neste Salmo em um estágio posterior de Seus caminhos gloriosos. Seu povo Judeu aqui fala como consciente do lugar e da dignidade na Terra para a qual Ele agora os chamou; e Ele mesmo é tratado por eles como tendo vindo a Sião, e lá tomou Seu assento como Rei de toda a Terra; e todas as nações são chamadas a adorar diante d'Ele. Ele **“subiu”**. As portas agora levantaram suas cabeças para deixar entrar este Rei da glória (Sl 24). Jeová-Jesus, Deus de Israel, é agora Rei de toda a Terra; há um só Senhor, e o Seu Nome um só (Zc 14).

Alguns, competentes para falar sobre tais assuntos, sugeriram que no versículo 9, deveríamos ler *“os príncipes do povo se juntaram ao povo do Deus de Abraão”*.

Salmo 48

O mesmo Deus de Jacó é visto em um estágio ainda progressivo de Sua glória. No último Salmo, Ele tinha acabado de **“subir”** ao Seu trono, como depois da vitória – aqui Ele está assentado, como Rei e Sacerdote, em Seu templo e em Seu trono. E por causa disso, Sião é a alegria de toda a Terra, pois acaba de provar ser o terror de todas as confederações malignas. A esperança agora é concretizada, e a fé se tornou visível. **“Como temos ouvido, assim vimos”** (TB).

A beleza de Jerusalém no dia da glória é celebrada pelos profetas, assim como a beleza do Messias – a formosura da cidade, bem como a do Filho de Davi – da rainha como do Rei nos dias do reino (veja Salmo 45). Então, aqui nos é dito para andar ao redor dela e notar seus antemuros.

Isaías 60 apresenta a honra e o louvor dela naqueles dias. Pois Davi e Jerusalém estavam, por decreto antigo, ligados em um concerto de paz e gozo, – o Senhor de Israel dizendo: **“porém**

todo o reino não rasgarei; uma tribo darei a teu filho, por amor de meu servo Davi e por amor de Jerusalém, que tenho elegido” (1 Rs 11:13).

Salmo 49

Tendo sido traçados os tratamentos do Senhor com Seu Israel, e seu curso desde a aflição e degradação até a glória e gozo estabelecidos (Sl 42-48), o Profeta de Deus dirige uma palavra de sabedoria e admoestação a todo o mundo, tomando esses caminhos de Deus com Israel como seu texto. Ele parece olhar para eles como uma parábola, e neste Salmo nos dá a moral ou a aplicação dessa parábola. Ele mostra que Deus resiste aos orgulhosos, mas eleva os humildes, e que apenas os retos têm uma porção permanente. E esta é, de fato, a grande moral da história do mundo, assim como a de Israel. Tudo mostra que aquilo que é feito **“debaixo do Sol”** é vaidade; e que a ressurreição, compreendendo aquilo que leva a ela em graça e o que a segue em glória, é a única realidade (veja Eclesiastes 12:13-14). Toda honra no mundo perecerá como os animais (Sl 49:12). Os sábios e os brutos igualmente morrem (v. 10). A riqueza é inadequada para alcançar a redenção da corrupção (vs. 6-9). Toda a beleza, aquém daquela que o Deus da ressurreição comunica, será consumida na sepultura; mas há uma manhã prestes a se levantar para o gozo e glória de todos os que são Seus (vs. 14, 15).

A ressurreição interpretará tudo. Esse é o testemunho do Senhor. E Israel libertado nos últimos dias será Israel como na ressurreição.

Salmo 50

Este magnífico Salmo apresenta o Senhor conduzindo o julgamento da casa de Israel nos últimos dias. O juízo é estabelecido (vs. 1-6), e então os livros são abertos, e deles duas acusações distintas são lidas, como veremos a seguir. O Remanescente é separado deste juízo por uma característica

simples: **“Aqueles que fizeram Comigo um concerto com sacrifícios”**. Ele não os descreve por nenhum relato prolongado do que fizeram ou sofreram por Ele; mas fala deles como crentes, como pecadores que confiam no sangue e no sacrifício do Salvador. Isso é suficiente para esse propósito. Como Jesus, introduzindo os santos ao conhecimento do Pai, fala deles com o mesmo caráter, dizendo que eles **“têm verdadeiramente conhecido que saí de Ti, e creram que Me enviaste”** (Jo 17).

Jeová então apresenta Suas acusações contra Israel. Ele os acusa de ignorância de Sua verdadeira adoração – nos mesmos detalhes que Paulo acusa os gentios em seu sermão em Atenas (At 17). E é simplesmente isso: o homem em sua religião trata Deus como Alguém que deve ser ministrado e apaziguado, em vez de tratá-Lo como o Bendito Doador e o próprio Reconciliador. Essa é a grande diferença entre a religião humana e a divina. A religião de Deus é *graça*, a religião do homem é *obras*. Israel havia enchido o altar com ofertas, mas não recorreu a Deus como Libertador (vs. 7-15). Essa é a primeira acusação lida nos livros quando o julgamento é iniciado. A segunda é então movida contra eles. Diz respeito à sua vida prática e comportamento, como os gentios faziam com sua religião e adoração. Isso condena sua conduta como desviada também. Eram religiosos, mas também injustos (vs. 16-21).

Sobre tudo isso, o Senhor dirige uma palavra de advertência, de repreensão e de exortação, para que Israel possa prestar atenção a tempo, antes que o julgamento assim anunciado chegue, e não haja escapatória. Que eles aprendam a religião do *louvor*, e a conduta da *justiça*, e assim, estejam devida e alegremente no caminho para a *salvação e a glória* (vs. 22-23).

É bom, podemos dizer neste Salmo, que o coração se fortifique com graça e não com manjares. O santuário de Deus é adornado com graça – o do homem com comida ou observâncias carnavais. Se for no santuário de Deus que entramos, devemos fazê-lo com *louvor*, e sair dele para caminhar de uma *maneira bem ordenada*

em direção à *salvação* ou ao reino, como aqui nos é mostrado. Se é no santuário do homem que entramos – o **“espírito de escravidão”** nos encherá – **“manjares”** ou religiosidade nos ocuparão, mas nenhuma verdadeira devoção renovada a Deus. A verdade de Deus libertará a consciência e nos fará felizes n'Ele por meio de riquezas ilimitadas da graça e obedientes a Ele em formas de justiça. A mentira do homem ou a religião do homem nos manterá com medo e nos deixará sem regeneração.

Salmo 51

Este Salmo parece vir de maneira muito expressiva após o anterior. Ele exhibe uma alma prestando atenção à doutrina e à advertência ali proferidas. É uma invocação ao Senhor (Sl 50:15) no dia da angústia – também no dia da mais profunda angústia – angústia da *alma*. O pobre pecador aqui foge para a *graça*, foge com seu fardo para Deus somente. E é a isso que a repreensão à religião legalista de Israel no último Salmo justificaria e levaria a fazer.

Não é só a expressão de Davi, arrependido por seu pecado em relação a Urias e Bate-Seba, mas a expressão do Remanescente arrependido no último dia (veja Salmo 38). O confessor traz um coração partido a Deus – a única oferta aceitável no momento. Mas quando aceito e perdoado, então sua ação de graças e oferta queimada de louvor serão oferecidas e recebidas.

E é somente em Deus, como eu disse, que a alma aflita aqui busca seu alívio. Ela repudia outras confidências. Nem mesmo as ordenanças são o seu refúgio. Ela renuncia aos sacrifícios e ofertas que poderiam trazer como remédio para sua culpa; mas é somente a lavagem de Deus, a salvação e a justiça de Deus que ela pede e aguarda.

E isso é abençoado: Pois *ordenanças* são utilizadas muitas vezes por uma alma convicta de seu erro, assim como um *bom coração ou uma boa vida* seriam utilizados por um mero moralista. Mas isto é apenas outra forma, embora mais sutil, de justiça própria.

E, além disso, podemos observar que este Salmo nos diz que, como Deus era todo o alívio e repouso de Davi, Ele era todo o Objeto de Davi: **“Contra Ti, contra Ti somente, pequei”**. Como ele diz a Natã: **“Eu pequei contra o Senhor”**. Esse era o pensamento no coração do verdadeiro arrependido naquela época, e ainda deve ser. E pela história sabemos que o Senhor Se tornou o Objeto de Davi. Todo o seu comportamento depois de sua convicção mostrou isso; pois ele deixaria que o Senhor fizesse com ele o que quisesse – trazê-lo de volta à alegria como e quando quisesse (2 Sm 15:25), e pleitear por Ele contra seu injuriador e perseguidor (2 Sm 16:12-13).

Como tudo isso nos diz para cultivar o hábito de andar com Deus! **“Todavia, a mim mui pouco se me dá de ser julgado... por um juízo humano”**, diz o apóstolo. Que possamos ter esse mesmo pensamento! Que desejemos provar nossa própria obra na presença de Deus, para que possamos nos regozijar apenas em nós mesmos, e não no outro! Que possamos dar ao Senhor o Seu lugar em nós! Ele não tinha lugar no coração de Judas, Ele tinha no de Pedro; Ele não tinha nenhum no coração de Saul, Ele tinha no de Davi. E assim Ele terá nas afeições de Seu Israel em breve, quando aprenderem a reconhecer seu pecado contra Ele, como na linguagem deste Salmo, enquanto a nação, com coração apóstata, estará dizendo: **“Inútil é servir a Deus”** (Ml 3).

Salmo 52

Este Salmo apresenta algo bastante contrastante com o anterior. Lá, o pecador, como vimos, foi quebrantado e se voltou para Deus em arrependimento; aqui ele continua ainda na maldade e na teimosia e orgulho de seu coração recusando a graça. O arrependido era Davi ou o Remanescente Judeu, como também vimos, e este homem poderoso é como Absalão ou o rei voluntarioso. Esse apóstata ainda está aqui triunfante; mas o Remanescente está confiando na graça e antecipando seu domínio sobre ele.

O **“dito zombador”** (ARA), como Habacuque fala , é muito apropriado aqui (v. 7). Temos vários desse ditos na Escritura, proferidos sobre a queda de alguns orgulhosos incrédulos desprezadores do Senhor. Sua bondade foi escarnecida, Suas correções foram desconsideradas, Suas súplicas ridicularizadas, Suas advertências ignoradas e, então, quando não há remédio, diz o Senhor: **“Eu Me rirei no dia da vossa calamidade, E zombarei quando vos sobrevier o terror”** (Pv 1:26 – TB) [veja Êxodo 15, Juízes 5, Isaías 14, Ezequiel 28, Apocalipse 18, para exemplos desses insultos ou **“provérbios sarcásticos”** (ACF)].

E este Salmo é interessante para nós como nos dando uma interpretação divina da **“oliveira”** e seus **“ramos”** (veja Rm 11). Essa é a *graça* ou o concerto da promessa, e *aqueles que confiam nisso*, como o arrependido aqui diz: **“eu sou como a oliveira verde na Casa de Deus; confio na misericórdia de Deus para sempre, eternamente”**.

E essa é a interpretação do mesmo símbolo em Romanos 11; pois aqueles ramos que foram cortados eram aqueles que não *creram*, ou seja, não confiaram na misericórdia; e aqueles a quem é prometido um lugar permanente, a promessa é feita com base em sua continuidade na *bondade*, ou seja, se continuarem na graça de Deus.

E assim as oliveiras e os castiçais estão ligados (Zc 4; Ap 11). Pois, para sermos uma *testemunha*, nós mesmos devemos primeiro viver por *graça*. Devemos extrair a gordura da azeitona antes de podermos brilhar no castiçal.

Salmo 53

Tendo sido advertido pelo profeta no Salmo anterior e, como vimos, também em contraste com o Remanescente arrependido, o rei voluntarioso ou o jactancioso que recusa a graça ou a bondade divina, ainda é, no decorrer de vários Salmos, mantido diante dos olhos do profeta. Aqui ele é desafiado como o tolo ou o incrédulo; pois assim será. Ele se mostrará como parecendo ser

Deus; ele agirá como se não houvesse ninguém acima dele; ele fará de acordo com sua vontade, engrandecendo-se acima de todo deus, e falará coisas espantosas contra o Deus dos deuses. Assim, profetas e apóstolos preveem a semelhança do apóstata dos últimos dias (veja Daniel 11; 2 Tessalonicenses 2).

E como é diferente a mente do Remanescente justo da mente deste apóstata. Eles estão humilhados e quebrantados de coração, enquanto este está na plenitude do orgulho. Eles fazem de Deus tudo para eles nesse dia da sua angústia, enquanto este está dizendo e agindo de acordo com o que diz: **“Não há Deus”**. Esse é o contraste. E assim os santos agora se distinguem do mundo. Jesus, Jesus, é o Tudo em todos eles – Sua plenitude, é o tesouro pelo qual eles se tornam completos (veja Colossenses 2).

O **“grande temor”** deste Salmo parece ser o do Remanescente arrependido; por outro lado, o **“grande pavor”** do Salmo 14 parece ser o do jactancioso e seus bandos – os inimigos do Remanescente. Isso explica a diferença no final de cada um desses Salmos.

Salmo 54

Seu primeiro e segundo versículos expressam desejos com base na aflição descrita no terceiro. E então, até o fim, o suplicante, assegurando-se de uma resposta, faz a promessa de oferecer louvor a Deus.

É claro que essa pode ser a expressão de fé em qualquer um. Mas profeticamente é a linguagem do justo Israel sob a pressão do rei voluntarioso, que, como vimos, acabara de se manifestar (veja Salmo 52-53). E sabemos que quando o Senhor os trouxer para o deserto dos últimos dias, Ele então falará confortavelmente com eles e lhes dará esperança naquele vale de Acor (Os 2). Neste Salmo, eles parecem provar essa esperança. O Israel de Deus aqui se lançou em Seu *Nome* (v. 1), e Seu *Nome* será no final seu louvor (v. 6); pois sabemos que Seu *Nome* os libertará (veja Apocalipse 19). Eles chamam a facção apóstata de

“estranhos”; pois eles serão estranhos a Deus e ao Seu Israel, assim como os santos são estranhos no mundo e aos seus caminhos.

NOTA: No último versículo deste Salmo, foi dito de forma proveitosa – *“O tempo verbal pretérito é usado aqui como expressão de confiança nas misericórdias futuras. Em linguagem profética, esse tempo verbal muitas vezes expressa a certeza das coisas futuras”*.

Salmo 55

Este Salmo, ainda como os anteriores, contempla o rei iníquo ou voluntarioso e sua facção. Parte disso é a expressão do Senhor Jesus ao contemplar a traição de Judas e a facção que seguia a ele³. Em última análise, é o iníquo, ou algum outro confederado com ele, que faz o Remanescente piedoso sentir sua mão nos últimos dias, e contra quem o Remanescente roga, e que também trai os piedosos, assim como Jesus foi traído por Judas. Pois, visto como Judeu, ou alguém da nação de Deus, Jesus era o Remanescente em Seus dias. Mas este Salmo também é a expressão, em sua medida, do próprio Davi, sob a astúcia e traição de Aitofel em companhia de Absalão (veja 2 Samuel 15-16). João 13:21 nos mostra quão profundamente o Senhor sentiu a conduta de Judas, assim como este Salmo, e também Salmo 41. Mas Seu alívio estava na oração (vs. 16-17; veja também Salmo 69:13).

Assim, Israel tomou o seu caráter de Judas (At 1:16). Ele os liderou e os representou. Assim, a nação será confederada com o iníquo em breve, e o Remanescente piedoso, como Jesus, encontrará **“violência e contenda na cidade”** (v. 9).

Podemos observar que o forte pensamento neste Salmo é este: que *a cidade* é ainda pior do que um *deserto*. Pois se o aflito aqui pudesse, ele teria trocado a cidade pelo deserto. Mas que visão do homem isso nos dá! Ele torna seu lugar mais terrível do que os refúgios dos animais selvagens! Pois **“a cidade”** é o lugar do

homem. E por meio da luta humana, da fraude e da violência, ela se torna pior do que o lugar das indomáveis criaturas. Nesse estado, o homem é comparado pelo Espírito às bestas mais ferozes do deserto (Dn 7, Ap 13). E todos nós deveríamos ter essa percepção do que é o homem e seu lugar. Jesus descobriu que era assim, e Seu alívio estava apenas em Deus. E Ele poderia dizer a Deus, embora neste lugar do homem, **“Tu Me tens mostrado maravilhosamente a Tua bondade numa grande cidade forte”** (Sl 31:21 – JND). Mas em breve, esta cidade do homem será derrubada (v. 23, Ap 16:19), e lugar será preparado para a cidade de Deus, onde tudo será paz e gozo.

Salmo 56

Este ainda é o clamor do mesmo Sofredor, em razão da pressão do mesmo inimigo. Ele está aqui com a sensação de estar completamente cercado, não tendo recursos presentes, enquanto Seus inimigos e seus conluíus diários contra Ele são muitos, sua inimizade para com Ele sendo o assunto de todos os seus pensamentos, ajuntamentos, emboscadas e espreitas contra Ele são agora o que Ele contempla ou apreende continuamente.

A Palavra ou promessa de Deus é todo o seu recurso – não a força *presente*, mas a Palavra da promessa – a lembrança de Deus a respeito dele; o recolhimento de suas lágrimas por Deus; contando suas andanças ou tristezas. Isso é tudo o que ele tem agora, a *lembrança* de Deus a seu respeito, como teve Noé na arca (Gn 8:1), e como esse mesmo povo aflito terá em breve, de acordo com a antecipação que Malaquias faz deles (Ml 3:16). A *Palavra* é a esperança do sofredor aqui, e ele se assegura de que a principal ocasião de seu louvor em breve também será a Palavra, ou o cumprimento do que ele agora crê e espera. Como diz o apóstolo: **“Eu sei em Quem tenho crido”**. Não é que haja libertação presente, mas há promessa, e a fé pode ouvir isso e recebê-la como penhor de louvor futuro.

Tal deve ser o estado da nossa alma. Ela deve descansar nas promessas, sabendo que serão cumpridas e se tornarão o tema de constante deleite. Nunca estamos limitados pela **“Palavra”** ou pelas promessas. Elas são tudo o que queremos. Precisamos apenas da fé para desfrutá-las com toda a tranquilidade do coração. Como este pobre sofredor antecipa ocasiões de louvor e o pagamento de seus votos, à luz dos viventes.

Salmo 57

O espírito deste Salmo é muito parecido com o do anterior, e é outra expressão, sem dúvida, dos mesmos sofredores, na mesma ocasião.

Há antecipações mais completas e brilhantes de libertação aqui; e há, como depois no Salmo 144, expectativa dessa libertação por alguma missão ou ministério **“do alto”**, ou do céu. A cena em Apocalipse 19 é a resposta a essa expectativa: ali os céus se abrem para deixar descer o Libertador aqui desejado e esperado.

Como esta coleção de Salmos, contemplando fortemente, como já foi dito, o rei voluntarioso ou apóstata dos últimos dias, apresenta as aflições do povo de Deus neste mundo! Na verdade, toda a Escritura o faz – **“pois que por muitas tribulações nos importa entrar no Reino de Deus”**. Como o Cristo ou os santos de Deus poderiam contar com a resistência e o martírio em um mundo que sempre permanece em total inimizade contra Ele? **“Para que ninguém seja abalado por estas tribulações; porque vós mesmo sabeis que para isto fomos destinados”** (AIBB). – **“como condenados à morte”**. Mas o que resta é o *descanso*. E assim este Salmo antecipa abençoadamente a exaltação de Deus, e os louvores e cânticos de Seu povo, quando o inimigo tiver ido para sempre – quando a divina **“misericórdia e verdade”** e a missão **“do alto”** cumprirem a libertação. O santo prepara seu instrumento para um cântico de agradecimento ao Senhor – como Davi preparou música para os dias de Salomão (1 Crônicas 25).

Salmo 58

Os governantes e juízes da Terra são desafiados, como novamente em Salmo 82. Mas eles são chamados neste Salmo de **“filhos dos homens”** (veja João 5:27); mas no Salmo 82 de **“deuses”**.

Sob suas mãos, o mundo é deixado em toda a sua maldade nativa. O estado maligno é terrivelmente descrito; e o Profeta clama solenemente por julgamento sobre eles.

E há isso também estabelecido no Salmo – o *fundamento* do triunfo dos justos quando o julgamento do mundo vier. Temos esse mesmo triunfo, por exemplo, em Isaías 30:32 e em Apocalipse 19:1. Mas aqui temos o fundamento ou princípio de todo aquele justo gozo no julgamento de Deus. **“O justo se alegrará quando vir a vingança; lavará os seus pés no sangue do ímpio. Então, dirá o homem: Deveras há uma recompensa para o justo; deveras há um Deus que julga na Terra”**. O santo ainda não poderia, nesta presente dispensação, triunfar sobre o juízo, porque o Senhor está publicando Seu nome e louvor em graça; mas em breve ele aprenderá a triunfar sobre ele, porque o Senhor vindicará Sua glória divina pela vingança e estabelecerá Seu governo do **“mundo vindouro”** pelo julgamento do **“presente século”**.

Tudo isso é perfeito em seu devido tempo. Agora nos regozijamos na *graça redentora* de nosso Parente; em breve, seremos capazes de triunfar no *poder vingador* do mesmo Parente. Pois ambos pertenciam ao Remidor sob a lei, e ambos são os caminhos do nosso Jesus em suas ocasiões. Apocalipse 5 mostra os santos na primeira forma desses regozijos ou triunfos; Apocalipse 19 os mostra na segunda forma.

Este julgamento da Terra e de seus deuses ou governantes não ocorrerá, é claro, até que aquele apóstata ou iníquo dos últimos dias seja manifestado. De modo que este Salmo é a expressão do Espírito de Deus no Remanescente, e contempla o mesmo tempo

e mesmas circunstâncias que os Salmos anteriores, como vimos no Salmo 52.

Salmo 59

Este ainda é o clamor do mesmo sofredor piedoso e conscientemente inocente, contra a confederação de poderosos iníquos, que, no orgulho incrédulo, desprezam os julgamentos de Deus. Eles são chamados de **“as nações”**, considerados incrédulos, enquanto Deus é toda a esperança do pobre aflito. A linguagem pode nos lembrar do Salmo 2:1 e de Joel 3:12. Deve ser lido como o clamor do Remanescente sofredor no último dia contra a confederação. Um juízo significativo é desejado sobre ela (v. 11); assim como Jesus deseja o mesmo sobre Seus perseguidores Judeus, no Salmo 69. E assim como a nação Judaica está neste momento sob um significativo julgamento, assim será esta confederação gentílica no dia vindouro da vingança (veja Isaías 66:24).

O desapontamento do inimigo é surpreendentemente concebido nos versículos 14-15, em contraste com sua vantagem temporária no versículo 6. Em sua prosperidade, arrotavam pela saciedade, mas agora rosnam como animais não alimentados.

A manhã chega para a alegria do Remanescente, depois que a rapina noturna desses impuros terminou em sua destruição (v. 16).

O Messias, a Quem o **“povo”** pertence (v. 11), parece levantar este clamor por Seu Remanescente contra **“todos os gentios [pagãos – KJV]”**. E Sua confiança em Deus é fortemente expressa no clamor que Ele pronuncia, apesar da força e malícia do inimigo.

Salmo 60

Aqui, o Remanescente Judeu deseja o retorno do rosto do Senhor, que, como sabemos (Is 8:17), agora está afastado de Israel. E eles estão conscientes de que até lá, a Terra estará completamente fora de ordem. Pois Israel é o centro dos arranjos terrenos do Senhor.

Sião é o lugar de Seu descanso terrenal.

Eles admitem que estavam bebendo o vinho da perturbação ou colhendo o fruto amargo do justo desagrado de Deus. Mas no meio de tudo isso, eles igualmente reconhecem que aqueles que continuaram em Seu temor O conheceram, por causa de Sua verdade e fidelidade, como um estandarte para eles.

Com maior confiança, eles reivindicam as esperanças dos amados (v. 5). Então Deus responde do santuário. Seu clamor O desperta, por assim dizer, para um senso de Sua glória, ou herança na Terra. Pois Ele agora examina Suas posses terrenais. Siquém, Sucote, Gileade, Manassés e partes distantes de Moabe e Filístia agora pertencem a Ele, e Ele triunfa aos olhos de Sua glória. Ele Se regozija com todas elas como Sua possessão, antecipando, no meio disso, Seu insulto sobre Edom. Isso pode trazer à mente a ação exultante do poderoso Anjo (Cristo) em Apocalipse 10:1-3; Ele ali antecipa Sua herança da Terra num espírito de triunfo.

E isso é assim muitas vezes. O toque da pobre mulher na multidão imediatamente despertou Jesus, e o arrependimento do filho pródigo abriu novas alegrias na casa do Pai. E é assim aqui. Os desejos do Remanescente, as esperanças e reivindicações do Amado proferidas na Terra, despertam os pensamentos de Deus para Suas possessões aqui e Lhe dão regozijo e triunfo sobre elas.

O Messias, ao ouvir essa voz no santuário, entra em espírito nesta cena de profundas e fortes afeições, ansiando pelo dia da batalha na terra de Edom, sobre a qual Seu sapato será lançado (veja Isaías 63:1). Ele está **“esperando até que os Seus inimigos sejam postos por escabelo dos Seus pés”**. Ele é zeloso para enfrentar o inimigo, assegurado da vitória com a ajuda do Deus de Israel.

Salmo 61

Este é um pequeno Salmo belo e tocante. É como uma declaração de Jesus no sentido de ser rejeitado por Israel, embora Ele fosse consciente e legitimamente o seu Rei. E Davi,

caçado por Saul nas cavernas e desertos depois de ter sido ungido por Samuel, era a figura de Cristo em tal condição (veja 1 Samuel).

Essa rejeição por parte de Israel faz com que Jesus Se sinta Um estranho aqui. Ele está, por assim dizer, no **“fim da Terra”**; e ali Ele ora, e ali Ele deseja a Rocha, isto é, a Ressurreição (veja Salmo 40:2), ou o Reino. Mas Ele confia, com plena fé, na presença e abrigo presentes de Deus; pois, como Seu tabernáculo, Ele tem o propósito de permanecer **“para sempre”**, ou no decorrer da *era de Sua rejeição*. Mas depois de uma pausa, Ele antecipa mais do que um abrigo em um momento de rejeição e tristeza. Ele Se assegura do favor de Deus para com Ele *como Rei*; e que, como tal, Ele em breve permanecerá **“para sempre”**, ou no decorrer da *era de um reino*, quando Ele pagará os votos de Suas atuais horas de angústia, e Seus clamores e orações serão trocados por gozo e louvor.

Salmo 62

Esse mesmo Rei rejeitado, o Filho renegado de Davi, também é ouvido aqui. Ele está abençoadamente fazendo Deus ser tudo para Ele. Ele não terá outro refúgio ou fonte de força, a não ser Deus. Deus é a Sua Rocha, a Sua Salvação, a Sua Glória. Sua alma espera apenas n'Ele, e toda a Sua expectativa vem d'Ele (veja Hebreus 10:12-13, e Salmo 110). Essa é uma expressão verdadeiramente excelente da fé do Jesus rejeitado, que era o Remanescente, como podemos falar, em Seus dias; e o mais aceitável deve ter sido o incenso disso diante de Deus.

Neste Salmo, Jesus *desfruta* de Deus como Sua Rocha; em Salmo 61. Ele *desejou* a Rocha – e Ele encorajava Seu povo a ter a mesma mente e a afastar-se do homem; e desafia os homens deste mundo por seu engano, violência e falsa confiança.

De fato, Ele aprendeu muito bem a lição de que **“o poder pertence a Deus”**. Pois *uma vez* Deus havia falado isso, mas Jesus a ouviu *duas vezes*. Ele a ouviu com pleno testemunho de sua

veracidade; assim Ele abriu Seus ouvidos para a instrução divina, manhã após manhã (Is 50:4). O homem é um aluno mais desinteressado (veja Jó 33:14).

Assim, o Senhor Se mostra separado do homem caído. Ele confia somente em Deus e receberá somente de Deus. O diabo teria feito com que Ele confiasse nele e recebesse dele, como Adão fez no passado (Gn 3), e como o apóstata fará em breve (Ap 13:2), mas Ele recusou (Mt 4).

E Ele também aprendeu a misericórdia de Deus. Porque, embora o próprio Deus seja tudo, como a Sua declaração havia reconhecido, ainda assim Ele dará a cada um a recompensa de suas obras. Embora Ele opere todas as nossas obras em nós, ainda assim Ele as tratará como nossas e recompensará até mesmo o copo de água fria dado em nome de Jesus.

Salmo 63

O mesmo Rei renegado é novamente ouvido neste Salmo. Mas aqui Ele está fazendo de Deus a grande Fonte de refrigério e gozo para Seu espírito, como no Salmo anterior Ele O fez o fundamento de Sua confiança e força nas circunstâncias.

Todo o sistema em Israel, conforme estabelecido pelo Senhor, era um santuário (Êx 15:17, Sl 114:2), pois um santuário é um lugar onde Deus Se dá a conhecer, e a terra de Israel era um lugar assim. Jeová estava lá. Mas Israel se revoltou e Jesus foi renegado. E assim era **“uma terra seca e cansada”** para os justos.

Mas neste Salmo, a fé está em exercício vivo. Como Jesus não pode *ver* o poder e a glória de Deus no santuário, Ele Se *lembrará* do próprio Deus. Ele tem o senso de Sua benignidade, embora a visão do santuário seja negada a Ele. Sua meditação sobre Ele O encherá de louvor, e a sombra consciente de Sua asa, de regozijo, embora Ele seja agora lançado fora, e o lugar esteja em si mesmo seco e sedento.

Esse é um exercício abençoado da alma em Deus. E recusando Sua alma qualquer outro gozo presente além dessa lembrança de Deus, Ele assegura-Se de outro gozo em breve, até mesmo um gozo real, gozo em Seu reino e confusão de todos os Seus inimigos, quando eles serão feitos uma ração para os animais da Terra (Ap 19; Ez 39). Porque o gozo e o refrigério espirituais, por mais abençoados que sejam, não são o fim. A glória ainda deve ser a expectativa. Como Cristo tem um reino reservado para Ele, nada menos do que o gozo de um Rei pode satisfazê-Lo. Mesmo agora, embora assentado à direita de Deus, Ele ainda está numa posição de espera (Hb 10:13).

Este Salmo também foi, ao que tudo indica, a expressão de Davi quando esteve separado da casa de Deus, mas ainda encorajado pela presença espiritual de Deus. E nossa alma deve conhecer esses segredos. Pedro não os conhecia quando dormia, e Paulo e Silas quando cantavam louvores na prisão? Não havia santuário ao redor deles, mas o Espírito Santo Se espalhou dentro de um reino de luz, liberdade e gozo em Deus. Eles eram cidadãos de uma cidade que não precisava da luz do Sol. O Judeu piedoso nos últimos dias se identificará com essa afirmação. Versículo 10 **“raposas”** (veja Lamentações 5:18; Lucas 13:32, 34) – A raposa faz um trabalho diferente da **“galinha”**. Esta ajunta debaixo de suas asas – aquela dispersa e destrói.

Salmo 64

O Jesus sofredor aqui ora por proteção contra Seus traiçoeiros perseguidores incrédulos, que secretamente conspiram contra Ele e desprezam os juízos de Deus.

Mais plenamente, no entanto, esse é o desejo do Espírito de Cristo em união com o Remanescente aflito nos últimos dias. Pois contra eles, como contra o próprio Jesus, a facção incrédula tramará, como sabemos tanto pelos Salmos quanto pelos Profetas.

E os Salmos desse caráter podem nos lembrar do que é dito sobre o Senhor em 1 Pedro 2:23. Como sabemos, também de João 17:25, que Ele entregou o mundo, em sua infidelidade, à observação do *Justo* Pai.

Os justos sabem que Deus tem Suas flechas, assim como os ímpios têm as suas – as de Deus são de juízo, as dos ímpios de engano e maldade (vs. 3, 7). E eles se asseguram de que verão seus inimigos serem levados em seu próprio mau caminho, e então o mundo ao redor fugirá deles, e aprenderá por Seus juízos, a temer o Senhor e a publicar Seus feitos. E, finalmente, eles tomam conhecimento de si mesmos, e se gloriam, depositando sua confiança e colhendo seu gozo no Deus da sua salvação.

Salmo 65

Este é um Salmo de particular beleza. Aqueles do Remanescente em Israel estão olhando para a casa onde seus pais louvaram; e eles confessam ao Senhor, por assim dizer, que aquele lugar santo e belo está devastado, que tudo ali está silencioso como a morte agora, mas pronto para irromper novamente no alegre cumprimento dos votos, e na reunião de todo o mundo em Seu santuário, quando Ele tiver ouvido a oração de Seu povo (vs. 1-2). Em espírito de arrependimento, eles então reconhecem que apenas suas iniquidades devem explicar suas ruínas atuais; mas eles têm confiança na vinda da remissão divina da culpa de sua nação (v. 3). Eles aguardam a *bondade* de Deus para si mesmos e Sua *justiça* sobre seus inimigos; antecipando que os confins da Terra serão movidos quando ouvirem sobre esses julgamentos divinos em justiça sobre os inimigos de Israel (vs. 4-8). E no final, eles antecipam o gozo milenar e a frutificação da Terra, quando o Senhor Se tornará novamente o Lavrador da terra de Seu povo, como Ele foi antigamente, quando Seus olhos voltarão a repousar naquela terra desde o princípio até o fim do ano, quando a beleza, a alegria e a rica fertilidade atestarão o cuidado e a habilidade do divino Cultivador de Sua amada e favorecida vinha, quando os dias do céu estiverem na Terra (veja Deuteronômio 11:10-21).

Nada pode exceder essa imagem. Os pensamentos do Remanescente são rapidamente levados por meio de tristezas e julgamentos até o descanso e prosperidade milenares. Mas lá eles se entregam por algum tempo às cenas felizes ao seu redor. O deserto e os lugares secos se alegrarão com isso. O Senhor está novamente a favor das montanhas e colinas, dos rios e dos vales de Israel, e eles estão cultivados e semeados. **“E a terra assolada se lavrará, em vez de estar assolada aos olhos de todos os que passam. E dirão: Esta terra assolada ficou como jardim do Éden”** (Ez 36:35). Em palavras poéticas:

*“O campo fértil
Ri com abundância – e a terra, outrora árida,
Exulta ao ver sua maldição sedenta revogada.”*

Salmo 66

Aqui, o louvor antecipado e esperado no Salmo anterior irrompe em Sião. Jeová respondeu à oração com coisas tremendas de justiça (Sl 65:5, 66:3, 5) Os votos feitos são aqui pagos (Sl 65:1, 66:13-14) Quando estavam aflitos, oraram, agora, alegres, cantam Salmos.

Mas este Salmo parece ter uma estrutura muito exata marcada por Selás. O Salmista (o Espírito de Cristo no Remanescente) *chama* todas as terras para louvar a Deus por Seus juízos (vs. 1-4), e então *os convida* a olhar para esses juízos (vs. 5-7). Ele então *chama* ao povo para bendizer a Deus por Suas misericórdias para com eles (levando-os Ele mesmo nessa adoração, vs. 8-15), e então *os convida* a ouvir a história dessas misericórdias (vs. 16-20).

Observe **“vinde e vede”** no versículo 5, **“vinde e ouvi”** no versículo 16; pois as obras manifestadas, ou obras na Terra (as operações de Sua mão), são propostas aos olhos, as obras ocultas, ou obras na alma (as operações de Seu Espírito), são propostas aos *ouvidos*. Todo o Salmo é uma expressão de grande liberdade e gozo de coração, e expressa ricamente o gozo dos

escolhidos de Deus nos dias do reino, lembrando os juízos dos ímpios e a disciplina dos justos que introduziram o reino.

Salmo 67

Este Salmo é a expressão do Remanescente Judeu trazido para perto do reino e onde lhe é dado fé para ver qual será o resultado de sua salvação sobre o mundo em geral (veja Oséias 1-2; Salmo 85; Isaías 2:2, 11:9-10). O **“Redentor”** de Israel deve ser o **“Deus de toda a Terra”** (Is 54:5).

Há duas lições para o mundo por meio de Israel: *justiça*, vinda dos juízos divinos em favor de Israel sobre as nações (Is 26:9), e *graça*, vinda da bondade divina para com o próprio Israel (Jr 33:9). É essa segunda lição que o Remanescente aqui deseja que o mundo aprenda. E também neste momento, os santos, glorificados juntos e, como Jesus, no céu, ensinarão o mundo a conhecer o amor, o maravilhoso amor, do Pai, e que foi o *Pai que* enviou Jesus. Essa será a lição mais elevada e profunda, contada pelos filhos celestiais (Jo 17:22-23).

O desejo do Remanescente neste pequeno e motivante Salmo é, podemos acrescentar, muito fervoroso e feliz. O Remanescente, por assim dizer, **“magnifica o seu ofício”**, como o apóstolo celebrando os grandes resultados de seu próprio Deus, dando-lhe Sua bênção. E sabemos que a admissão deles será nada menos que a vida dentre os mortos para todo o mundo (Rm 11:15).

Salmo 68

Quanto à grandeza e alcance, este Salmo é, talvez, inigualável. Foi cantado, provavelmente quando a Arca estava se movendo da casa de Obede-Edom para o monte Sião. Ele inicia, portanto, com as palavras de Moisés, como em tempos antigos a Arca estava começando a se mover pelo deserto (Nm 10). E nos é dito que, quando Davi a carregou, cantores a acompanharam (1 Cr 15). Aqui estamos como se estivéssemos ouvindo a música que eles cantavam.

E como a própria arca era um mistério, assim era essa jornada também. Foi a expressão do retorno do Senhor ao Seu Israel no último dia. Pois então, por meio de provações, eles serão novamente levados ao regozijo da presença de Deus; assim como aqui a Arca, o símbolo dessa presença, é trazida de seu distante exílio e assentada nas alturas de Sião.

Esta jornada parece ser dividida em várias etapas (1 Cr 15:26):

Primeira etapa: – Quando a Arca começa sua jornada, os cantores celebram de maneira geral os diferentes efeitos da presença de Deus – que, como foi dito, era o símbolo – tanto sobre os ímpios quanto sobre os justos. Pois essa presença é condenação para um, mas salvação para o outro (vs. 1-6).

Segunda etapa: – Após a primeira parada, a jornada é retomada, e os cantores entoam tanto os sinais terríveis quanto os graciosos da mesma presença divina, enquanto Israel estava atravessando o deserto (vs. 7-10).

Terceira etapa: – Aqui eles publicam o poder de Deus para Israel, quando, tendo cumprido sua passagem pelo deserto, Ele os trouxe a Canaã, e lá lhes deu o óleo de gozo por tristeza, e ornamento por cinzas (vs. 11-14).

Quarta etapa: – Esta parte de sua jornada parece trazê-los à vista de Sião, e os cantores saúdam aquele monte de Deus; e quando eles começam a subi-lo, eles profetizam a ascensão de Cristo, a verdadeira Arca, (em Quem, como sabemos, a própria glória habitava, pois Ele era **“Deus manifestado em carne”**) e o fruto para si mesmos e para outros de tal ascensão (vs. 15-19).

Observe, que os anjos subiram o monte Sinai em sua *dignidade*, sendo capazes de suportar a luz daquele monte de fogo, nunca tendo perdido seu primeiro estado de santidade e honra. Mas eles serviram a ascensão de Jesus no ministério deles, estando prontos para servir em total sujeição a Ele.

Quinta etapa: – Estando agora no ato de levar seu fardo santo monte acima, enquanto lutam pelo cume, os cantores inspirados celebram o dia da provação de Israel, quando o Senhor Se levantará para livrá-los da morte e de sua condição de exilados, para mostrar Sua presença novamente em grande poder para eles, e para recompensar a controvérsia de Sião sobre seus inimigos. Pois isso foi oportuno, como a profecia na etapa anterior; a luta monte acima sendo um símbolo adequado da última provação de Israel, já que o início da ascensão foi da ascensão de Jesus (vs. 20-23).

Sexta etapa: – Tendo conquistado as alturas do monte e a Arca tendo alcançado seu descanso, os cantores, com a mesma adequação, profetizam o glorioso descanso final de Deus e de Seu Israel, quando a mesma presença de Deus ainda será conhecida, embora em uma nova forma, ou como os caminhos do **“Rei”**. As nações então aguardarão com suas ofertas: a lança e a espada serão repreendidas; e Aquele que cavalga nos céus será encontrado tanto em Sua excelência quanto em Sua força para Israel, como é anunciado aqui (vs. 24-35).

O Senhor do céu Se preocupará com Israel nestes últimos dias (veja o versículo 33; Dt 33:26). Pois Ele primeiro, como o cavaleiro no cavalo branco, sairá *do céu* para seu resgate (Ap 19), e depois *nos céus abertos* será o grande centro de glória e poder no reino (Jo 1:51).

Tal é este Salmo mais magnífico, relembrando as virtudes da Presença Divina ao longo da história do povo de Deus. O cântico que foi entoado depois que a Arca foi devidamente colocada por Davi na tenda que ele havia preparado para ela, no monte Sião, é dado em 1 Crônicas 16. Aquele cântico seguiu a este Salmo: este foi um Salmo interrompido, enquanto a Arca estava a caminho; aquele foi um cântico ininterrupto, quando a jornada da Arca terminou.

Salmo 69

Neste Salmo solene e comovente, ouvimos uma expressão do Filho do Homem. Sua alma passa pela sensação de Sua tristeza e pela antecipação do juízo de Seus perseguidores, até Sua ressurreição e Seu reino em Sião no último dia. Temos a comunhão da alma de Jesus com Deus, tanto como Aquele que foi capaz de salvá-Lo da morte (Hb 5), quanto como Aquele que julga com justiça (1 Pe 2). Pois Ele clama a Um e confia a guarda de Si mesmo ao Outro. E assim este Salmo ilustra essas duas coisas que os apóstolos nos ensinaram nessas duas passagens: tão perfeitamente se misturam as luzes que brilham na Escritura velha e nova, seja nos Salmos ou Profetas, ou nas Epístolas ou Apóstolos.

Podemos dividir este Salmo nas seguintes seções ou partes:

Versículos 1-12. Jesus, o Filho do Homem, expressa Suas aflições.

NOTA: O versículo 5 mostra como Ele Se identificou com os Seus eleitos (2 Co 5:21), e é reconfortante para nós sabermos que os nossos pecados foram assim confessados. E Deus sabia o segredo de toda a aflição de Jesus, embora o homem não soubesse (veja Isaías 53:4).

Versículo 6: Ele deseja que ninguém se sinta confundido ou ofendido por causa de Sua vergonha e tristeza (Mt 11:6), mas que aprenda que isso foi suportado em favor de outros. Pois a aflição do justo será uma ofensa para aqueles que não entendem e valorizam isso. Suas tristezas causadas pelas *mãos do homem* eram para a glória de Deus no mundo; Suas tristezas causadas pelas *mãos de Deus* eram para nossa expiação e salvação para sempre. O versículo 4 é citado pelo próprio Senhor em João 15.

Versículos 13-18. Ele revela Sua fonte de alívio e apoio nessas aflições. Como Ele diz em outro lugar: **“Em paga do Meu amor, são Meus adversários; mas Eu faço oração”**. Ele Se entregou a Deus (Sl 109:4).

Versículos 19-28. Ele acusa Seus perseguidores Judeus e clama por julgamento.

NOTA: Este é, portanto, o motivo do presente estado de Israel (veja Romanos 11:8-10). O juízo repousa sobre eles, sobre a alma e corpo deles e sobre suas propriedades. Seu sistema, como testemunho de Deus e nação de Deus, está em ruínas.

Versículos 29-31. Ele implora pela ressurreição, fazendo o Seu voto de louvor.

NOTA: Ele **“foi ouvido quanto ao que temia”**, ou **“por causa da Sua piedade”** (ARA) (Hb 5:7). Ele foi libertado da cova, em uma visão da ressurreição, por Sua própria virtude e santidade (Sl 16:10). Seu povo é libertado pelo Seu sangue (Zc 9:11, Hb 13:20). Mas o grande inimigo está preso ali (Ap 20:1-3)

Ele pagará os votos que faz aqui (veja Salmo 116). E esse louvor pela ressurreição é mais agradável ao SENHOR do que sacrifícios de bois ou bezerros em memória do pecado. E é em comunhão com Jesus *em ressurreição* que os santos agora adoram. Lá eles colocam, como em um novo altar, os seus sacrifícios de louvor (Hb 13:10, 15).

Versículos 32-36. Ele antecipa o arrependimento de Israel e, em seguida, o reino.

NOTA: **“Os teus presos”** é o título para o Remanescente (Zc 9:11-12). Compare o versículo 32 com o Salmo 22:26, onde o Remanescente é claramente considerado.

O gozo comum do céu e da Terra, que acompanha a restauração de Sião para ser a morada de Seu povo outrora pobre, mas agora enriquecido, é docemente antecipado.

Assim, neste Salmo muito abençoado, o espírito de Cristo medita desde Seu sofrimento até o pleno gozo de Seu esperado reino.

Salmo 70

Temos aqui muito da linguagem dos versículos finais do Salmo 40. E essa é uma expressão adequada para o homem de muitas, muitas dores, e poderia ter sido frequentemente repetida. Isso tem alguma conexão também com o próximo Salmo (veja o versículo 2 e Salmo 71:13). Podemos nos lembrar, em conexão com o versículo 3, das blasfêmias de Marcos 15:29.

Salmo 71

Davi é distintamente ouvido neste Salmo. O Espírito de Cristo também, como em companhia do Remanescente, do qual Davi, em suas dores e arrependimento, é uma figura tão marcante. A aflição de Davi vinda da mão de Absalão foi a aflição de sua **“velhice”**, ou quando ele estava **“de cabelos brancos”**. Portanto, misticamente, a aflição do Remanescente será na velhice de Israel (Is 46:4).

O fato de ser tirado da sepultura, ou da cova, ou dos abismos (profundezas) da Terra (v. 20), expressa o perdão de pecados, assim como a ressurreição de Cristo foi a garantia dessa graça (Is 38:17).

Mas o caráter mais marcante neste Salmo é o desejo de Davi de ter Deus e Sua justiça magnificados nele. Ele já havia sido um prodígio, mas desejava ser ainda mais. Sua história tinha sido até então uma exibição de graça maravilhosa. Tirado dos apriscos para ser ungido rei; defendido da cruel inimizade de Saul; levado à honra, como antes havia sido fortalecido para a vitória; esses eram os caminhos brilhantes da graça para com ele. Mas agora, ao ser restaurado após o pecado e a apostasia, isso o tornaria uma maravilha ainda maior. Ele realmente mostraria que *“a graça triunfante reina”*.

É nisso que a alma de Davi se fixa aqui. Não na confissão do pecado, cujo fruto foi seu sofrimento causado por Absalão, mas na glória do pensamento de ilustrar a graça abundante. Ele

aguarda apenas para ser preparado para o louvor de Deus **“cada vez mais”** – de falar da justiça de Deus, **“e só dela”**. E verdadeiramente abençoada é uma experiência tão rica como essa; quando um pobre pecador, na percepção da graça divina, não faz confissão, mas triunfa com o pensamento de ilustrar em sua própria pessoa a abundância da bondade de Deus. Vemos isso em Paulo. Davi pode confessar o pecado, e isso de coração, em ocasiões adequadas, e inclinar a cabeça sob o castigo de tal pecado (veja Salmo 51, e outros); mas aqui, não é seu pecado que ele confessa, mas é a graça de Deus abundando sobre ele que ele exaltaria para sempre, e para esse fim aguarda e antecipa a libertação dos problemas presentes e o aumento de sua grandeza. Assim, sua história mostraria de forma mais impressionante do que nunca a justiça e o louvor de Deus.

E acrescentaríamos (embora já tenha sido sugerido) que a história de Israel é notavelmente semelhante à de Davi: – Sua eleição, embora o menor na casa de seu pai – preservação quando foi perseguido – capacitação e poder – depois, pecado e confisco de tudo, com cativo além do Jordão – e, finalmente, restauração e descanso. Esses são os semelhantes caminhos de Deus com Israel e também com Davi; e assim ambos podem declarar as obras maravilhosas de Deus e falar somente de Sua justiça o dia todo. Portanto o Remanescente, em seus dias, pode muito bem se encorajar na história de seu amado Rei nos dias antigos. Pois, dessa forma, ele é colocado como modelo para eles (como Saulo de Tarso) de toda a longanimidade divina (veja 1 Timóteo 1:15-16).

Salmo 72

Aquele Bendito, que chamou a Si mesmo de **“maior do que Salomão”**, certamente **“está aqui”**. Cristo como Rei dos reis, revestido de toda a régia dignidade e reinando em justiça, com pleno domínio universal e duradouro, como no Milênio ou nos tempos da restauração e refrigério, é apresentado aqui (veja Salmo 45; 2 Samuel 23:1-4; Isaías 9, 11, 32; Jeremias 23:5-8). Este é o tempo do qual se diz: **“E o SENHOR será Rei sobre toda a Terra;**

naquele dia, um será o SENHOR, e um será o Seu nome" (Zc 14:9).

Esse Rei procede de maneira totalmente diferente dos deuses terrenos que são considerados infiéis às suas comissões reais ou judiciais (Sl 82). Ele governará ou julgará sabiamente, conforme demonstrado pelo decreto de Salomão entre as duas meretrizes (1 Rs 3). E o cetro da *justiça* em Sua mão garantirá *paz* – montes e outeiros, ou governos e cargos, trazendo paz por meio da justiça (Sl 72:3). Desse modo, esse reino expressará a presença do verdadeiro Melquisedeque, ou a soberania d'Aquele que é ao mesmo tempo Rei de Justiça e Rei de Paz. Pois a justiça estando em poder, então, a paz, a divina paz, será o resultado em todo o mundo: tudo o que é inconsistente com isso será julgado. Isaías 11 exibe isso de maneira bela também.

Conseguir um nome tem sido o grande esforço do homem, mesmo que o diabo seja o que o tenha dado (veja Gênesis 3:5, 4:17, 11:4; Salmo 49:11; Daniel 4:30; Apocalipse 13:2). Mas Jesus receberá um nome de Deus (v. 17, Fp 2:9). E então a antiga promessa a Abraão será cumprida em Cristo, sua Semente, pois todos serão abençoados n'Ele (veja v. 17 e Gênesis 12:3).

Mas toda essa realeza e poder de Jesus são para o louvor de Deus (vs. 18-19). Pois, no reino todos O reconhecerão como Senhor, para a glória de Deus Pai (Fp 2). E o Seu trono será então intransferível, como é agora o Seu sacerdócio; pois está aqui escrito **"e (Ele) viverá"** – será constituído **"segundo a virtude da vida incorruptível [indissolúvel – JND]"** (Hb 7) – e a oração e o louvor sustentarão e cercarão esse reino, como foi com Salomão, para sempre. Todo desejo termina em uma cena como esta, em um reino como é previsto aqui – as orações de Davi cessam – pois este reino é a resposta delas. E certamente o pensamento é abençoado e animador. Mas sabemos que uma noite sombria deve anteceder aquele dia brilhante e feliz. De fato, sabemos – e esse pensamento é sério. O mundo inteiro se maravilhará após a Besta, antes que toda língua confesse Jesus como Senhor.

Posso apenas acrescentar que esse reino agora não limita as expectativas da fé, embora tenha respondido às orações de Davi. Pois a luz adicional da revelação de Deus nos ensinou a aguardar **“novos céus e nova Terra”** depois desse reino. Aquele reino deve ser entregue, e então Deus será tudo em todos (veja Salmo 8).

NOTA: O Salmo 71 nos dá a velhice da tristeza Judaica; e então, o Salmo 73 a manhã, ou primavera, do gozo Judaico, ou a glória de Salomão. Pois embora haja o tempo de **“angústia para Jacó”**, **“ele, porém, será salvo dela”** (Jr 30).

Aqui termina a segunda parte do Livro dos Salmos, de acordo com a divisão Judaica.

Salmo 73

Este Salmo delinea com muita ternura e precisão o caminho de uma alma tentada. A prosperidade dos ímpios é a tentação. Nos versículos 13 e 14, a tempestade da alma parece estar no auge, e o versículo 15 revela o primeiro controle gracioso dado a ela pelo Espírito. O santuário é então adentrado – isto é, a mente de Deus sobre toda a cena é entendida, e tudo é interpretado à luz de **“o fim”** (v. 17); pois essa é a luz que o santuário fornece e na qual os sábios andam (Dt 32:29; Sl 90:12). E então vemos a obra adicional do Espírito restaurador de Deus, até que a pobre alma reflita sobre seu caminho, trazendo vergonha a si mesma, mas provando também o amor imutável de Deus; pois do comedor saiu comida – a tentação extraiu os recursos ainda mais ricos que estão em Deus. O segredo da ressurreição é apreendido e a alma descansa. O adorador havia sido como um animal, sentindo e raciocinando como se a vida presente fosse tudo. Mas ele aprende (o que Paulo se propôs a aprender dia após dia com mais perfeição – veja Filipenses 3) o poder da ressurreição, e isso lança uma luz nova e calma sobre tudo em que ele anda, e vê Aquele que é invisível (veja Salmo 77).

Observe neste Salmo 73, em contraste com o Salmo 37, o mesmo assunto está diante da mente em ambos – o curso do mundo e a

prosperidade dos ímpios. Mas não há a calma da fé aqui como ali, mas as paixões da alma. Lá, a luz tranquilizadora da fé e da esperança ilumina a alma do início ao fim, mas aqui o repouso e o gozo da fé são alcançados por meio de profundas aflições de coração que surgiram da incredulidade.

Assim também, em contraste com o Salmo anterior, podemos observar como as coisas são diferentes no **“presente século (mundo) mau”** e no **“mundo vindouro”**. Lá, vimos que a justiça e a reparação dos erros marcarão o reino ou o mundo vindouro, e a paz e a prosperidade será o fruto certo da piedade então. Aqui, vemos que o opressor engorda com suas opressões, e um cálice de lágrimas é espremido para os justos.

Mas, dessa forma, diferentes lições são aprendidas. O único mundo em que nosso Deus age e Se mostra nunca poderia ter ensinado as lições do outro. No mundo presente, estamos aprendendo que Ele tem tesouros de *graça* para atender às nossas *necessidades*, e, no mundo vindouro aprenderemos Seus tesouros de *glória* para atender aos nossos *regozijos*. Como a bênção confiada a Arão, e aquela confiada a Melquisedeque (veja Números 6; Gênesis 14). Ambas eram bênçãos, mas diferentes, cada uma se adequando à condição diferente do povo de Deus – ao tempo que eles sofriam necessidade, fraqueza e tentação, e depois ao tempo de força, vitória e honra.

Salmo 74

Temos neste Salmo uma amostra de súplica a Deus muito terna e triste. É evidentemente a expressão do Remanescente à vista da desolação de Sião. O inimigo é visto triunfando no pleno orgulho da vitória sobre a casa e o povo de Deus, e a congregação do Senhor é deixada em opróbrio sem sinal ou profeta. O desejo é que o Senhor Se mostre como o Parente vingador de Israel. Pois, de acordo com a lei, o parente deveria resgatar, vingar e edificar a casa do irmão. E esse é um clamor a Ele para agir como um Vingador. No êxodo do Egito, Ele agiu assim, e isso é pleiteado

aqui. Ele então, como Parente deles, resgatou Israel do Egito e vingou Israel sobre o Egito, dividindo as águas para o Seu povo e quebrantando as cabeças do leviatã. Débora celebra Jeová como um Vingador em Juízes 5, e os céus celebram o Senhor nosso Deus da mesma forma em Apocalipse 19:2.

O profeta ou o suplicante é movido pelo mesmo coração profundo e aflito de Isaías, quando em espírito olhou para a mesma cena de desolação. Ele deseja saber, se pudesse, quanto tempo a miséria duraria (v. 10, Is 6:11).

O suplicante pleiteia ainda as promessas que protegem Israel e a Terra (veja o versículo 17, com Gênesis 8:22; e o versículo 16 com Jeremias 33:20). Ele também clama pelo concerto, e que essa causa era a causa de Deus. E isso está de acordo com seu mediador Moisés, que em seus dias, clamou pelos pais, e o concerto da promessa, e a honra do nome d'Aquele que os resgatou do Egito (veja Êxodo 32:12-13). E o próprio Senhor diz que, na preservação atual de Israel e seu estabelecimento final, Ele tem respeito pelo Seu próprio nome (Dt 32:27). E no relato de Seus caminhos com Israel, em Ezequiel 20, temos o mesmo pensamento repetidas vezes.

A desolação de Sião aqui contemplada é ou pela mão de Nabucodonosor, dos romanos, ou do rei voluntarioso no último dia. De fato, no julgamento de Deus, a Judéia é uma cena de desolação, desde os dias dos caldeus até que o inimigo caia sobre a gloriosa monte santo, e os reinos se tornem do Senhor.

NOTA: O versículo 7 pode nos lembrar da invasão dos caldeus (2 Rs 25:9); o versículo 4 pode nos trazer à mente os ídolos nas muralhas, ou a abominação da desolação (Dn 9:27; Mt 24:15).

Salmo 75

Este é um pequeno Salmo muito marcante e de interpretação fácil e simples.

O primeiro versículo nos dá a ação de graças da nação agora, por antecipação, salva e vingada em resposta ao seu clamor no Salmo anterior. As obras de Deus naquela salvação, e a vingança recém-executada, mostraram que Ele estava perto de Seu povo, enquanto eles celebravam aqui. Seu nome estava há muito tempo distante de Israel. Mas agora, à medida que a fé deles antecipa, prestes a realizar Suas **"maravilhas"** em favor deles, eles sabem que Ele está voltando e trazendo Seu nome para perto novamente.

Os versículos a seguir, do segundo ao fim, são as declarações do Messias. Ele promete governar em justiça, quando receber o povo como Sua herança (v. 2; veja 2 Samuel 23:4; Salmo 101). Ele reconhece a apostasia de todos os reinos e sistemas até que Seu próprio cetro se levante (v. 3; 1 Sm 2:8-10; Dn 2:44). Ele desafia os rebeldes ou os poderes apóstatas do mundo, que se ergueram contra o Senhor, assegurando-lhes que Deus logo os visitaria (vs. 4-8; Sl 82, 83; Ag 2:22; Hb 12:27). Ele então, em contraste com eles, compromete-Se a manter Seu cetro para o louvor de Deus e na justa dispensação de recompensa e punição (vs. 9-10; Mt 25:31; Ap 3:21).

Que consciência santa e gloriosa de Si mesmo enche a alma do Messias em toda essa declaração! Ele sabe que, quando receber a congregação, julgará com retidão. E Ele sabe também que só Ele sustenta os pilares do mundo.

Assim, o assunto deste Salmo se mostra claramente para nós. O cálice de vinho, o cálice de tremor, o cálice de Sua fúria, o cálice do vinho do furor de Sua ira, são vários títulos do mesmo cálice, que é o emblema dos juízos divinos, como as salvas ou taças de Apocalipse 16. O cálice da salvação, por outro lado, expressa o gozo do reino (veja Salmo 116; Lucas 22:18). Oh, que manhã ensolarada será a ascensão e o aceno deste cetro justo, aqui antecipado pelo próprio Senhor, se espalhando sobre esta criação espinhosa e que geme! E é um ponto impressionante e bonito neste Salmo, que o cálice aqui bebido pelos povos da Terra não

passa para o Messias. Ele toma, em vez disso, o outro cálice e imediatamente invoca o nome do Senhor (veja os versículos 8-9 e Salmos 116:3). O cálice da ira é para a mão deles, o cálice da salvação para a d'Ele. Ele uma vez tomou, de fato, o cálice das aflições, o cálice do Getsêmani, por nós, pobres pecadores; mas é o cálice do louvor, o gozo do reino, que permanece para Ele agora, enquanto os poderes apóstatas da Terra estão espremendo a escória do cálice da fúria.

Salmo 76

Este Salmo ainda está conectado aos anteriores. Pois, como o Salmo 74 foi o clamor do Remanescente sobre a desolação de Sião, e como o Salmo 75 apresentou o Messias desafiando o inimigo e tomando o reino como em resposta a esse clamor, então este Salmo O mostra assentado em Sião, não mais, portanto, uma desolação, mas saudada como o trono e santuário do Senhor, feita mais excelente do que todos os montes de presa, ou os reinos precedentes dos gentios. O *nome* de Deus passa a ser **“grande... em Israel”**, como foi anteriormente trazido **“perto”** por Suas ações de julgamento (Sl 75:1, 76:1).

Embora o Espírito tenha pensamentos mais amplos, a ocasião deste Salmo foi, provavelmente, a derrubada do exército de Senaqueribe. Por esse sinal, a libertação foi alcançada eminentemente em favor de Sião (veja 2 Reis 19:20-35). De modo que foi dito ao rei da Assíria: **“A virgem, a filha de Sião, te despreza, de ti zomba”**. Como aqui, o salmista diz que *em Sião* Deus **“quebrou as flechas do arco; o escudo, e a espada e a guerra”**. O versículo 7 nos faz lembrar do Salmo 2:12.

Em um belo esforço, as pessoas manifestam essa grande conquista. E, no final, o Profeta de Deus, que havia antecipado tudo isso, extrai a moral de que o Senhor adquire glória a partir da violência e da iniquidade do homem (Êx 9:14, 16, 29); então, subjuga tudo isso, e por fim, espalha em torno de Si um povo feliz

e adorador, mantendo toda a Terra em piedosa sujeição ao Seu cetro como Rei dos reis.

Os reinos dos gentios são apropriadamente chamados de **"montes de presa"**. Daniel diz, falando deles, **"estes grandes animais"** (Dn 7:17). Eles eram, na estima de Deus, os covis de animais selvagens.

Podemos observar mais particularmente que o versículo 10 revela uma verdade muito gloriosa. Ele sugere que todas as coisas, mesmo as menos promissoras – como **"a ira do homem"** – terminarão em louvor a Deus; e tudo o que não puder ajudar nesse feliz resultado será retirado da cena, restringido, por assim dizer, pelo poder soberano divino. Quão verdadeiramente nossa alma deve triunfar nesse pensamento! As coisas podem parecer más e confusas, mas não há uma circunstância sequer no *"poderoso labirinto"* que não aumente a aleluia ao redor do trono e na presença do Senhor, e ajude a dar-lhes harmonia e poder para todo o sempre.

Salmo 77

Há algo muito tocante, e ao mesmo tempo muito instrutivo, no caminho da alma neste Salmo. Isso pode nos lembrar de Salmos 73. Pode ser lido como uma expressão do Judeu sob sua disciplina no último dia, mas a alma de qualquer santo pode aproveitá-la.

O primeiro versículo nos dá o resultado, ou o fim do caminho, como é comum nos Salmos. O caminho da alma é então traçado de volta ao seu início.

Foi um tempo de angústia, e o suplicante busca religiosamente o Senhor. Mas isso não era propriamente fé. Era a operação do sentimento religioso despertado no dia da angústia. Não levava à força ou à liberdade. Lembranças surgem para agravar a dor. A alma vê a Deus mais em suas próprias tristezas e exercícios do que em Seus feitos e caminhos. Era Deus, mas Deus como em

conexão com as dores presentes; e murmurações são lançadas por toda essa operação. No entanto, o Espírito de Deus, por fim, introduz Seu poder e luz, e ao mesmo tempo a corrente da alma é mudada. Ele leva o suplicante a ver que tudo isso não passava de natureza. **“Isto é enfermidade [fraqueza – JND] minha”**. Havia um caráter religioso nisso, mas era apenas o homem, ou a fraqueza da natureza, não a força e o repouso de fé. E o Espírito então tira a alma de diante de Deus, assim visto à luz de suas próprias tristezas, para Deus visto e entendido à luz de Seus próprios caminhos. As coisas antigas são novamente lembradas; mas são as coisas antigas da salvação de Deus, e não das tristezas do suplicante (vs. 5, 11); dias antigos, quando Seu povo teve que passar por profundezas sem fim e caminhos inexplorados, e ainda assim provou que Ele era seu Líder e Pastor. E os feitos de Deus exibem a Si mesmo, dizem o que Ele é, e assim formam um **“santuário”**, como o salmista fala aqui (v. 13).

E não é este o verdadeiro conforto do Evangelho, conhecer nosso Deus em Seus feitos *por nós*? Com esse Evangelho aprendemos um conto simples que não precisa de intérprete – recebemos um testemunho atento de amor eterno e dedicado. Lemos uma **“glória”** que *nos alegra* **“na face de Jesus Cristo”**. Mas Suas relações conosco são em disciplina e esperam ser interpretadas. Jó ficou perturbado quando pensou no modo como Deus tratava *com* ele; mas por um momento feliz o Espírito o levou aos tratamentos e atos de Deus por ele, e tudo foi triunfo (Jó 19:23-27). E assim também, o salmista aqui.

Salmo 78

Um certo distinto Profeta aqui Se anuncia como tendo segredos profundos para abrir (vs. 1-2). Um grupo de profetas, então, de acordo com a designação divina e por meio de admoestação, traça a história dos caminhos de Deus em graça e os caminhos de Israel em perversidade, desde Êxodo até Davi (vs. 3-72).

Assim, temos **“coisas novas e coisas velhas”** – as novas sendo os segredos apenas sugeridos pelo orador dos dois primeiros versículos, e as velhas sendo as coisas bem conhecidas lembradas pelo grupo de profetas Judeus.

Agora sabemos que o Senhor Jesus Cristo tomou o lugar desse distinto Profeta – o Profeta das coisas novas, e assim, em medida, cada um foi instruído no reino dos céus (Mt 13:35-52). Nesse tal sentido, o menor deles é maior do que João Batista. Paulo estava eminentemente entre esses escribas instruídos, estando consciente de que estava trazendo as coisas novas (veja 1 Coríntios 2, Efésios 3, Colossenses 1), coisas mantidas em segredo ou mistérios ocultos. E nenhum escriba é devidamente instruído no reino dos céus, ou um devido mestre na presente dispensação, se não discernir entre as coisas **“novas e velhas”**.

Mas as coisas velhas, assim como as novas, são da graça. A diferença está no velho ser Judeu ou terrenal, o novo ser da Igreja ou celestial (Jo 3:12). Essa é a diferença. Mas as coisas velhas ou Judaicas deste Salmo falam muito claramente de graça e de salvação *finais*. Pois aqui se registra que Israel se destruiu a si mesmo, e que Deus, por fim, surgiu em graça que poderia estabelecer Davi, e escolheu Sião e Judá para sua ajuda e recuperação. E assim será no último dia. Eles agora são novamente um povo disperso e julgado, tendo novamente destruído a si mesmos; mas novamente eles serão reunidos e abençoados sob o verdadeiro Davi, o verdadeiro Rei de Sião, o verdadeiro Leão de Judá. E na integridade de um coração que nunca pode se desviar, e na habilidade de uma mão que nunca pode errar, Ele guardará e alimentará Seu rebanho Judeu em suas montanhas nativas.

NOTA: Eu sugeriria que um ponto final deve ser colocado no versículo 2; e que os versículos 3 e 4 devem ser lidos assim: “Aquilo que ouvimos e conhecemos, e nossos pais nos disseram, não esconderemos de seus filhos”, etc.

Salmo 79

Ouçó este Salmo como a expressão da aflição dos cativos depois que Jerusalém caiu nas mãos de Nabucodonosor. Mas também o leio como as aflições do Remanescente sob a mão do grande inimigo no último dia.

E podemos observar que os cativos na Babilônia expressariam sua tristeza em linguagem adequada aos Judeus até que o Messias e o reino viessem, porque *a era é uma só*. Os tempos dos gentios começaram com o cativo e não terminarão até que o trono de Davi reviva nas mãos do Messias. A mente de um Judeu justo, se assim posso dizer, em certo sentido é a mesma ao longo desta era. E temos uma coisa semelhante na história da Igreja. Paulo profetiza sobre certos males nos **“últimos tempos”** e nos **“últimos dias”**, mas ainda fala sobre eles a Timóteo como se tivessem chegado (1 Tm 4; 2 Tm 3). E assim, em certo sentido, eles haviam chegado, na medida em que o mesmo espírito estava operando então. Toda a era da Cristandade, assim como Israel, no julgamento discernidor do Espírito de Deus, sustenta um caráter único do começo ao fim.

Mais especificamente, este Salmo, julgo eu, é o clamor do Remanescente na hora de sua mais profunda angústia sob a pressão da besta (Ap 13), após a matança das testemunhas (Ap 11). Isso pode ser lido como o intenso clamor do Remanescente preservado depois que seus irmãos foram martirizados (v. 3). Esses dois remanescentes, ou duas porções do mesmo remanescente, é visto pelo Senhor em Sua grande palavra profética em Mateus 24. Creio que o Apocalipse de João prossegue com a mesma distinção de porções preservadas e martirizadas do fiel Israel naqueles dias.

Reconhecem seu pecado, confiam apenas na misericórdia, pleiteiam a glória do próprio Nome de Deus, apresentam a Deus seu opróbrio e tristeza, e a infidelidade e opressões dos inimigos, e fazem de seu opróbrio o opróbrio de Deus – fazem da causa deles, a Sua causa.

Eu observaria uma diferença que me impressionou. O salmista ou os profetas, ao lembrarem a causa da atual rejeição de Israel, falam de suas iniquidades e pecados como neste Salmo; mas o apóstolo, no mesmo contexto, fala de Israel não se submeter à justiça de Deus (Rm 9-10). Tal diferença é fácil e maravilhosamente compreensível.

Salmo 80

Este Salmo parece estar em conexão com o anterior. O Salmo 79:13 sugere o versículo 1 do presente Salmo. Consequentemente, a alma do Remanescente avança em liberdade e confiança. Não há a mesma confissão de pecado, mas um apelo mais forte por libertação e uma percepção mais completa dos conselhos divinos. O Homem à direita de Deus é invocado – o Filho do Homem é tornado poderoso para os propósitos de Deus. Que pensamento, enquanto o proferimos! Pensar que há um Homem, “um Homem real”, agora glorificado nos mais altos céus. E assim é Jesus em ressurreição e ascensão (veja Mateus 28:18; Salmo 110:1; Daniel 7:13; 1 Pedro 3:22).

O versículo 2 refere-se a Números 10, onde, na jornada da congregação, aprendemos que a Arca ia imediatamente à frente do estandarte de Efraim, Benjamim e Manassés, e ao avançar havia um clamor ao Senhor como aqui.

O versículo 17 pode nos lembrar muito especialmente de Mateus 26:64.

O profeta, ao rogar por Israel, é animado por pensamentos ternos e elevados das antigas glórias de Israel, como o apóstolo depois é também animado (Rm 9:1-5). E isso é muito bonito. A própria natureza da ruína evidencia a grandeza do que foi construído e desperta a empatia mais profunda.

Sobre o peso deste Salmo, por assim dizer (veja versículos 3, 7, 19), pode-se observar que temos a Pessoa do Senhor surpreendentemente revelada por meio da Escritura. Assim,

considerado sob diferentes luzes, Ele é tanto Aquele que responde à oração quanto o Suplicante. Ele recebe o Espírito e derrama o Espírito (Zc 12:10; At 2:33). Ele é a Rocha (Mt 16:18), e ainda assim Ele olha para Deus como a Rocha (Sl 62). Ele é Um do rebanho (Sl 23), e ainda o Pastor do rebanho (Jo 10). Ele está no trono sendo louvado, e ainda assim o Líder do louvor do povo (Sl 116; Ap 5). Ele é um Sacerdote, e ainda assim os redimidos são sacerdotes para Ele (Ap 20:6). Em um aspecto, Ele é Judeu, desejando o favor divino para Sua nação e esperando que a face de Jeová se volte novamente para Seu povo (Is 8:17). Em outro aspecto, Ele é como o próprio Jeová, o Deus de Israel, com o rosto desviado de Seu povo (Mt 23:39), assim surpreendentemente revelado em Seu lugar divino e humano, tanto como o Cabeça esperado de Israel, quanto como o Deus de Israel. Tudo isso pode ser entendido quando o grande mistério de **“Deus manifestado em carne”** e seus resultados gloriosos são entendidos. Mas quem pode declarar tudo? (veja Salmo 18).

Salmo 81

Ainda estamos na mesma conexão; pois este Salmo é a expressão do Remanescente vivificado, como eles haviam desejado no Salmo 80. Esta é a linguagem da alma deles agora revividas e arrependidas, ou de Israel guardando a festa das trombetas, que era a figura de arrependimento de Israel no último dia, de acordo com Levítico 23. Este é o verdadeiro toque da trombeta na Lua nova, ou a expressão do reavivamento de Israel após o atual intervalo gentio (vs. 1-5) – o tempo do retorno da luz, ou quando a Lua brilhar novamente sob a luz de seu Senhor.

Mas o Senhor é movido por esse arrependimento de Israel, e então relembra tanto Seus caminhos como os caminhos deles em tempos mais antigos, justificando, assim, Seus tratos com eles; pois Ele os faz entender que foi a própria loucura e maldade deles que tornaram necessário esse reavivamento; que, se tivessem obedecido à Sua voz, **“o seu tempo seria eterno”** – eles não teriam conhecido nenhuma ruptura ou interrupção. Agora, em

Sua graça, Ele os vivificou novamente; mas deseja que eles nunca se esqueçam disso – que eles mesmos tornaram necessário um reavivamento ou uma nova vivificação.

Mas Ele não apenas justifica Seu tratamento com eles dessa maneira; mas Suas palavras são maravilhosamente adequadas para aprofundar e fortalecer o espírito de arrependimento neles, assim como o olhar de Jesus para Pedro operou, juntamente com o canto do galo, na restauração de sua alma. E isso é bastante natural – pois Deus surpreendentemente entra nos caminhos do coração do homem. O coração, em um dia de brandura e arrependimento, sentiria poderosamente um apelo tal como esse.

O versículo 13 pode nos lembrar de Deuteronômio 5:29 e de Isaías 48:18; de todas essas passagens colhemos outros testemunhos da profunda ternura e empatia do Senhor, pois antes que Israel pecasse, Ele é apresentado como Aquele que deseja que eles não pequem, mas que permaneçam um povo abençoado; depois de terem pecado, Ele é apresentado como lamentando pela maldade deles e perda da bênção.

Salmo 82

Neste Salmo, o Senhor Deus, por direito soberano, Se levanta para julgar os poderes e governos do mundo, aqueles poderes gentios a quem Ele confiou a espada durante a rejeição de Israel. Ele os chama para prestar contas de sua mordomia. Ele lembra a eles de qual foi a sua comissão, convence-os de infidelidade a ela e, em seguida, pronuncia a sentença. Em vista disso, Seu povo se conforta e pede que Ele tome para Si Seu grande poder e reine; pois este julgamento será seguido por Ele tomar para Si a possessão de todas as nações; e sabemos que o conhecimento do Senhor será espalhado por meio de Seus julgamentos (veja Isaías 26:9; Apocalipse 15:4).

Quão abençoado é ver a fidelidade de Cristo à Sua mordomia em contraste com a infidelidade aqui repreendida. O reino, portanto,

não é *tirado d'Ele*, mas Ele o *entrega* (veja 1 Coríntios 15:24), isso prova Sua fidelidade.

Mas podemos acrescentar a este Salmo que ele nos ajuda a ver o contraste entre a dispensação passada e a atual. Naquela época, Deus constituiu deuses terrenos, ou juízes, representantes de Seu poder e governo, entre Seu próprio povo, como vemos em Êxodo 22:28. Mas agora é o Filho enviado do céu, cheio de graça e verdade; não mais o Representante do julgamento no mundo, mas o Ministro da graça para o mundo. Um juiz ou deus terrenal era a expressão do tempo *então* – o Filho do Pai, cheio de graça para com os pecadores, é a expressão do tempo *agora* (veja João 10:32-38). Mas juízes ou deuses terrenos ainda são reconhecidos por Deus (Rm 13:1). Este Salmo pressupõe isso, pois exhibe o julgamento e remoção deles, quando o Senhor tomar o reino no último dia. Mas eles não formam o caráter desta dispensação. A graça aos pecadores faz isso.

Salmo 83

Este Salmo ainda está na mesma conexão. É um dos clamores de Israel no último dia. Eles clamam ao Senhor para quebrar o silêncio (Sl 28:1); eles mostram a Ele as más ações de seus inimigos confederados, dizendo por assim dizer: **“Agora, pois, ó Senhor, olha para as suas ameaças”**; eles fazem a causa tanto d'Ele quanto deles; e pedem tal sinal de julgamento sobre eles que os habitantes do mundo possam assim aprender justiça, ou que há um Deus que julga na terra (Sl 58:10-11; Is 26:9).

Lemos ao longo da Escritura sobre confederações contra Israel (Is 7, 8; Ez 38; Jl 3; Mq 4:11; Zc 14:2-3). A destruição deles será completa, como a expulsão da palha da eira de verão. E o Israel de Deus se comporta aqui como Isaías os instrui. Eles não confiam em uma contra-confederação, mas santificam o Senhor em seu coração e fazem d'Ele seu Objeto (veja Isaías 8).

A confederação contemplada aqui parece existir depois que Israel tiver se tornado uma nação novamente (v. 4). Os Profetas parecem

olhar ocasionalmente para tais assuntos; e sem dúvida a ação dos últimos dias, quando o Senhor tomar o reino e aparecer em Sua glória, será amplamente estendida. Deus, como alguém já disse, não apenas julga a última rebelião do anticristo ou da besta, mas tendo feito sentir Seu poder, chegando o momento de Sua ira, Ele julga todas as nações. A Escritura não pode ser anulada; isso é verdadeiro e precioso. Nós, no entanto, podemos ser capazes de segui-la em nossos pensamentos apenas parcialmente.

O julgamento termina com a exaltação do Deus de Israel, Jeová, em Seu Reino sobre toda a Terra.

Salmo 84

Este Salmo foi uma adequada expressão de Davi quando separado da casa de Deus (2 Sm 15). Esse pode ser o desejo de qualquer santo que, por meio do Espírito, tem sede do céu. E será a expressão do paciente Remanescente que espera.

Na consideração dessa alma há três ordens de bênçãos. *Primeira*, onde há permanência constante na casa de Deus; para eles, a ocupação é com o louvor contínuo. *Segunda*, onde há deslocamento até aquela Casa, com ocasionais refrigérios de espírito. *Terceira*, onde há confiança em Deus, mesmo distante daquela Casa, e sem a presente perspectiva dela (vs. 4-5, 12).

Observe que, para Jesus, toda a Terra estava distante dos tabernáculos de Deus – uma terra seca e cansada (Sl 63). Sua alma estava sedenta em todos os lugares, exceto quando Ele encontrou a fé de uma pobre pecadora. Então, Ele teve comida para comer e água para beber mesmo estando aqui. Mas a presença de Deus era tudo para Ele. E restaurar essa presença a esta Terra apóstata era, em certo sentido, o propósito de Sua visitação a ela. O início e o término de Seu ministério expressaram isso. Pois Ele então purificou o templo (Jo 2; Mt 21) – uma ação que indicava que Ele estava livrando esta Terra da contaminação, para que pudesse voltar a ser a habitação e o louvor de Deus.

O santo parece meditar com deleite divino sobre o pensamento do pardal e da andorinha (representando como se fossem todas as Suas criaturas) encontrando seu descanso no santuário de Deus. Pois assim será no reino vindouro. A criação, que agora geme, será então libertada à liberdade e glória.

O espírito deste precioso Salmo é muito abrangente. Todos os santos, com Jesus como seu Líder, podem respirar essa linguagem. Ele *abrange* o coração de todo o povo de Deus. Bem pode ser, como tem sido, o companheiro apreciado das meditações de nossa alma em todos os momentos. Quão feliz será quando chegarmos juntos àquela casa onde o louvor ainda ou para sempre será ouvido!

Salmo 85

Aqui a eleição Judaica se regozija com a bênção antecipada de sua terra e povo, expressando seu desejo no dia de sua angústia, mas esperando com plena certeza de que serão atendidos em misericórdia.

E eles reconhecem o grande resultado dessa misericórdia: – a verdade brotando da Terra e a justiça do céu aprovando-a – o Senhor dando Sua bênção e a terra produzindo seu crescimento. E eles também parecem apreender a maneira pela qual este reino será introduzido. E sabemos que é da mesma forma pela qual nós, pobres gentios, recebemos bênçãos agora (Rm 11:31); *isto é*, pela cruz de Cristo, onde de fato **“a misericórdia e a verdade se encontraram; a justiça e a paz se beijaram”** (vide Romanos 3:26).

Pois a **“verdade”**, que exigia a morte (Gn 2:17), e a **“misericórdia”**, que não pode pensar em nada além de vida e bênção, estão aqui juntas. A morte é suportada de acordo com a *verdade*, e o culpado recebe vida e liberdade de acordo com a *misericórdia*. A **“justiça”** também beija a **“paz”** e a **“paz”** beija a **“justiça”**. Em vez de se ofenderem com a presença uma da outra, elas se dão as boas-vindas. Pois a justiça é mais do que honrada por aquilo que

Aquele que faz a paz oferece a ela na cruz; e a paz está profundamente satisfeita, ao ver que pode se apresentar aos pecadores com um título tão certo como o da justiça honrada e consumada. E todas essas glórias brilharão em beleza consistente naquele reino que esta cruz maravilhosa introduz. Tudo é harmonia onde antes tudo era conflito.

Nesta nossa era atual, em vez de a verdade brotar da Terra e a justiça olhar do céu, é rebelião e pecado aqui, e graça irradiando do alto.

Salmo 86

Este Salmo, no seu espírito, pode facilmente ser o companheiro de qualquer um dos santos no dia de suas angústias – como parece ter sido o anseio da alma de Davi. O **“pois sou santo”** do versículo 2 não deve ser lido como algo além do que o apelo comum a Deus de uma alma conscientemente piedosa. Isso não parece afirmar perfeição pessoal.

Os queridos e sofredores servos de Cristo desejavam que um sinal fosse mostrado para o bem diante de seus inimigos (v. 1; At 4:29-30). E depois, o temor veio sobre todos (At 5:13). A vara de Arão que floresceu veio desde a presença divina como um sinal para silenciar os adversários, e assim a ressurreição é aquele sinal glorioso em favor de Jesus que confunde todos os que resistem a Ele, e provará em seu resultado que é realmente difícil para eles recalcitrar ou resistir contra os aguilhões.

“O filho da tua serva” (v. 16 e Sl 116:16) tem sido considerado significar *“tua propriedade, como a descendência de uma escrava”*, como *“um nascido em tua casa”*.

Mas o Israel do último dia também pode adotar este Salmo, o Espírito de Cristo guiando o coração deles – como vemos tanto neste livro. Pois uma facção infiel é contemplada; como o propósito da destruição do suplicante (v. 14); orgulhosos que não colocam Deus diante deles. E eles parecem lançar-se

inteiramente na misericórdia, pleiteando algo do nome do Deus de misericórdia, como Ele Se mostrou a Moisés depois que Israel se destruiu a si mesmo no monte Sinai (v. 15, Êx 34:6). E a alma deles tomando essa posição, é conduzida pelo Espírito com muita segurança para antecipar a glória. Eles aprendem que Deus é *Bom e Grande* (vs. 5, 10).

Salmo 87

Este Salmo é em louvor a Sião. Sião é o testemunho de Israel estabelecido em graça e não sob a lei (veja Salmo 78:65-72). Este é o nítido caráter do nome. Consequentemente, seu memorial é abençoado diante de Deus, como os nomes de Abraão, de Isaque e de Jacó estão diante d'Ele (Êx 3). E este lugar é aqui declarado como cenário de Sua força ou de Seu reino duradouro (v. 1) – cena de Seu deleite (v. 2) – a cena também de Sua glória (v. 3).

Encorajada por isso, ela aparece então para proferir o seu próprio louvor, como mãe da família de Deus, dando o próprio Senhor como Testemunha desta dignidade dela (vs. 4-6). E isso será assim quando o Novo Concerto vier para ser administrado em Sião e a partir de Sião (veja Isaías 2, Ezequiel 47, Joel 3). Pois o Novo Concerto é a Sara, ou a mãe. Na presente dispensação, nenhum sistema ou lugar na Terra pode ser chamado de a mãe, porque o sangue e o Mediador do Novo Concerto estão no céu. Portanto, Jerusalém, a mãe, ainda é **“de cima”** (Gl 4). Mas na próxima dispensação ela estará na Judéia, e então a Sião deste Salmo pode olhar à direita e à esquerda, em direção ao Egito e à Babilônia, e reconhecer seus filhos em todos os lugares.

O próprio Senhor parece sancionar isso, encerrando com uma expressão do gozo de Sião e de Seu próprio deleite nela (v. 7).

Mas isso sugere alguma verdade abençoada. Jerusalém destruiu a si mesma; mas em Deus está o seu auxílio. Ela está manchada de sangue; mas o sangue será purificado (Jl 3). Ela agora está desolada e rejeitada, porque rejeitou Jesus; mas ela será saudada em breve, como **“morada de justiça... monte de santidade”**, e

será chamada de **“o SENHOR está ali”** (Jr 31:23; Ez 48:35). Jesus até agora a conheceu como o lugar de Suas lágrimas e choro (Lc 19); mas aqui se tornou o lugar de Suas fontes renovadas e de Seus cantores. Essa mudança no comportamento e nas condições de Sião é muito abençoada. **“É Sião, por quem ninguém pergunta”**, tem sido seu opróbrio; o **“gozo de toda a Terra”** será seu louvor. E em tudo isso Sião é uma amostra da Terra. Pois assim como até agora tem sido a ocasião de tristeza e arrependimento divinos (Gn 6:6-12), será a cena de deleite e glória divinos (Sl 8, 24, 104:31).

Salmo 88

Ouvimos neste Salmo um dos clamores d'Aquele que clamou Àquele que era capaz de livrá-Lo da morte (Hb 5:7). Pode ser que tenha sido proferido em algum momento entre Sua prisão no jardim e a Sua cruz. Pois então todos O haviam abandonado, e Ele mesmo não podia sair (vs. 8, 17-18). A sentença de morte estava então eminentemente n'Ele, embora durante toda a vida Ele fosse Alguém prestes a morrer (v. 15) ou falando como o apóstolo, **“cada dia morro”**. Mas, Ele estava especialmente durante esse intervalo, **“posto [prostrado – JND] entre os mortos”**. E então, por três horas de trevas, encerrado pelo derramamento de Seu sangue ou vida, Ele estava suportando o julgamento do pecado vindo da esmagadora mão de um Deus justo. Pois observamos que, no decorrer da vida, as aflições de Jesus vieram do homem porque Ele era justo. Mas, finalmente, Ele estava sob as pisaduras de Deus, porque Ele foi feito pecado por nós. E durante as três horas de trevas, Ele estava onde nenhum raio gentil do semblante divino poderia entrar, pois era o pecado que ocupava o lugar, a vítima que foi feita **“pecado por nós”**, e Deus só poderia Se retirar e deixar tudo em trevas.

Jesus aqui clama (veja também Salmos 6:5, 30:9, 115:17) para ser libertado da morte, com o fundamento de que os mortos não poderiam louvar a Deus, nem a sepultura O manifestaria. Deus não é o Deus dos mortos, mas dos vivos. **“Os vivos, os vivos,**

esses Te louvarão", diz Isaías, instruído pelo Espírito a abrir os lábios como alguém consciente da ressurreição. E, assim, Jesus clama por libertação com base nesse mais bendito apelo, de que Deus é conhecido não na morte, mas na vida. **"Não morrerei, mas viverei; e contarei as obras do SENHOR"** (Sl 118:17).

Salmo 89

Este Salmo é a linguagem de algum Judeu fiel, seja na antiga Babilônia, ou entre o Remanescente no último dia, que crê na promessa feita a Davi, mas se entristece com sua demora. Nosso Senhor Jesus é o Davi, ou a semente de Davi, aqui mencionada (veja 2 Samuel 7:14 e Hebreus 1:5; Salmo 132:11 e Atos 2:30; Isaías 55:3 e Atos 13:34). A certeza de que tudo ficará bem no final e para sempre é fortemente expressa. As misericórdias do Senhor são **“para sempre”** – a misericórdia é edificada **“para sempre”** – a semente de Davi é estabelecida **“para sempre”** – e coisas semelhantes. Esta é a confiança e o gozo da alma em todas as misericórdias pactuadas e prometidas a Davi, Seu trono e Seu povo. Apesar de todas as aparências, é a garantia do crente de que **“os dons e a vocação (chamado) de Deus são sem arrependimento”**. E sabemos que a ressurreição de Cristo tornou **“feis”** as misericórdias de Davi (At 13).

O que se segue pode servir como uma breve abertura deste Salmo.

1-18: O santo Judeu se alegra com o concerto de Jeová com Davi, recitando-a brevemente nos versículos 3 e 4.

19-37: Ele então o recita de forma muito mais completa. E isso é muito rico e abençoado; e forma o que é chamado em outras palavras, **“as firmes misericórdias de Davi”** (JND), a base de toda a bênção de Israel.

38-45: Mas com todas essas bênçãos prometidas ou pactuadas, ele contrasta as tristezas presentes da casa e do reino de Davi. E podemos observar que a condição no concerto (vs. 30-32) foi a base dessa tristeza; o Judeu não faz alusão a isso, embora esteja inteiramente de acordo com seus pensamentos atuais.

46-51: Ele então expõe e ora: **“difamado as pisadas”**, no versículo 51, parece fazer referência aos escarnecedores, porque o Senhor demora (veja Malaquias 2:17; 2 Pedro 3:4).

52: Ele encerra (podemos supor depois de uma pequena pausa), antecipando a graça de Deus, com louvor; ligando assim o fim de sua santa meditação com o começo.

Neste Salmo, podemos observar a combinação de *misericórdia* e *fidelidade*. Preciosa segurança para o pobre pecador quando lemos: **“Ele é Fiel e Justo para nos perdoar os pecados”**. Pois nossas misericórdias são misericórdias pactuadas – garantidas, prometidas, assumidas, seladas e, em grande sentido, misericórdias compradas. Preciosa segurança! E a partir disso, podemos observar que a disciplina não é o esquecimento, mas sim o sinal de lembrança – o trono de Davi está por um tempo no pó por causa da transgressão, mas não foi esquecido. Por causa disso o inimigo age com desprezo. Eles falam com arrogância das pisadas (v. 51), do atraso ou demora do Ungido. Dizem, **“Onde está a promessa da Sua vinda?”** Mas os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento. O concerto é tão completo e vivo na lembrança de Deus quanto era nos dias do próprio Davi. E o Senhor aparecerá para gozo de Israel, e os seus inimigos serão envergonhados.

Que todo crente provado saiba que disciplina não é esquecimento, mas lembrança. Não, demora não é esquecimento. **“Aquele que há de vir virá”. “O Senhor não retarda a Sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia”**.

NOTA: Aqui termina a terceira parte do Livro dos Salmos, de acordo com a divisão Judaica.

Salmo 90

No início deste sublime Salmo, o adorador ou **“homem de Deus”** expressa seu senso de que tudo falha, exceto o Senhor, e aqueles que n'Ele confiam. Depois, o próprio Senhor tem esse pensamento em Seu ministério – **“O céu e a Terra passarão, mas as Minhas palavras não hão de passar”**.

O adorador então confessa a fragilidade humana e traça a razão dela; e sobre isso expressa seu desejo de que, no sentido pleno dessa fragilidade, ele possa agir com sabedoria e esperar apenas pelo retorno do Senhor; e ele encerra desejando esse retorno, quando a estabilidade tomará o lugar da fragilidade, e a beleza, o das cinzas e do pó.

O senso de toda a distância entre o julgamento da morte sobre o homem e seu retorno da morte parece estar perdido para a alma aqui, em sua forte apreensão do que Deus é (v. 4). Parece que Pedro, pelo Espírito, tem essa passagem em mente (2 Pe 3:8).

O Espírito de Deus, pelo homem de Deus, toca neste Salmo sobre a nova criação em Cristo Jesus. É claro que Ele não poderia anunciar esse Mistério na mesma plenitude que um escriba agora instruído no reino. Mas já tocamos no assunto. Haverá cenas celestiais e terrenais, mas tudo é nova criação. A esposa do Cordeiro, a cidade celestial, levará *nela* a glória de Deus (Ap 21:11); mas Israel e a cidade terrenal também conhecerão essa glória. Ela brilhará *sobre* eles, caso não brilhe *neles*: **“Levanta-te, resplandece, porque já vem a tua luz, e a glória do SENHOR vai nascendo sobre ti”** (Is 60:1). Todos desfrutarão dela, mas em diferentes capacidades. Esse, portanto, é o clamor inteligente de um homem de Deus, embora com esperanças Judaicas ou terrenais, olhando para o reino. **“Apareça a Tua obra aos Teus servos, e a Tua glória, sobre seus filhos. E seja sobre nós a graça do Senhor, nosso Deus”** (vs. 16-17). E essa linguagem nos diz que *Israel* fala neste Salmo, embora fale do *homem* como tal. Isso, no entanto, é simples e adequado. Porque o *homem* foi testado no *Judeu*. A queda de *Israel* é o testemunho da fragilidade *humana*. Setenta anos o salmista menciona como o período que marca a fragilidade ou vaidade do homem, e que também sabemos que foi o tempo da vaidade de Israel, ou seu estado cativo na Babilônia.

No entanto, verdadeiramente abençoada é a verdade geral de tudo isso. A nova criação não teve seu fundamento no pó, mas no

próprio Senhor – no Senhor ressuscitado dos mortos, quando Ele estava em vitória sobre toda a força do inimigo, tendo eliminado o pecado e abolido a morte. **“Senhor, Tu tens sido o nosso refúgio (ou nossa morada)”** (v. 1). O Construtor é a pedra principal do edifício. Ondas e ventos podem bater em vão – a sutileza da serpente é vã. Isso é para sempre. **“dou-lhes a vida eterna, e nunca hão de perecer”**.

Salmo 91

Em contraste com a fragilidade do homem contemplada no Salmo anterior, aqui são celebrados os direitos e prerrogativas daquele perfeito *Homem* em Quem não havia fragilidade (vs. 1-2). Pois todos os outros carregavam a sentença de morte por causa do pecado, mas Jesus não conhecia o pecado. Sua natureza era pura, e Ele sempre cumpriu o prazer divino com perfeição, e tinha direito a plena segurança e bênção. E tais direitos constituídos são aqui atribuídos a Ele (3-13).

Assim, este Salmo era uma cidade de refúgio para Cristo, se Ele quisesse a qualquer momento correr para ela. Mas Ele estava disposto a que o refúgio falhasse para Ele e, embora sem pecado, fosse feito pecado por nós. Ele Se esvaziou desses Seus direitos humanos, como antes havia se esvaziado de Sua glória divina. Filipenses 2 mostra os dois lados disso.

Como toda a vida de Jesus foi a grande contradição do caminho de Adão! Adão não era nada, mas procurava ser como Deus. Jesus era tudo, conscientemente igual a Deus, mas Se fez nada e Se esvaziou. A Pessoa que Ele assumiu – a forma de um Servo; a posição que Ele ocupou na Terra – o Filho de um carpinteiro; Sua vida, Seus caminhos, Seu testemunho – tudo era a completa contradição daquele cuja separação de Deus, em orgulho, moldou o curso do **“presente século [mundo – ARA] mau”**. Ele estava sempre Se ocultando, sempre Se esvaziando. Ele poderia ter comandado legiões de anjos (como este mesmo Salmo O mostra em Seu direito, no versículo 11; Mt 26:53), mas Ele era o

silente Cativo de Seus perversos perseguidores. Se Ele *ensinasse*, e o povo perguntasse, Ele diria: **“A Minha doutrina não é Minha, mas d'Aquele que me enviou”**. Se Ele *fizesse milagres* Ele diria: **“O Filho por Si mesmo não pode fazer coisa alguma”**.

Que adoração, que fragrante incenso diante de Deus, foi esta vida de Jesus! Esse deleite divino n'Ele é aqui expresso (vs. 14-16). E que descanso e consolo para o coração, sim, que satisfação para a consciência, saber que Deus foi tão honrado, tão revigorado, neste nosso mundo. Que fragrância a *vida* de Jesus dá à *Sua morte ou ao Seu sangue*! Seu sangue é a súplica do pecador, seu único título; mas todo o deleite de Deus n'Ele contribui para reforçar a reivindicação desse sangue sobre a confiança do pobre pecador. Que contraste, que honra a Cristo se mostra para nós, quando lemos o Salmo 91 juntamente com o Salmo 90, **“o homem de Deus”** está confessando a *fragilidade humana*, traçando a *causa* dela na iniquidade humana, e reconhecendo que o *único alívio* com que ela pode contar é a nova criação da qual o próprio Deus será o Fundamento, bem como o Construtor, a principal Pedra de esquina, bem como a Cabeça de esquina.

No Salmo 91, um oráculo divino se dirige ao Messias e diz a Ele que, por causa de Sua perfeição em fé, Suas glórias morais, Deus seria Sua segurança contra toda fragilidade, acidente, hesitação, perigo ou dano de todo tipo; e o próprio Deus é ouvido afirmando isso e reconhecendo a perfeição do Messias em *afeição*, como o oráculo havia reconhecido Sua perfeição em *fé e moral*.

Mas há ainda isto, embora não *expresso*, que em Seus dias, o Messias abriu mão desses Seus direitos e garantias constituídos e divinamente atestados, como Filho do Homem, naquele maravilhoso mistério em que Ele estava disposto a ser feito pecado pelos pecadores, e o reivindicador e revelador de todas as glórias de Deus (veja Mateus 26:53-54).

Assim, a fragilidade do homem tem que buscar seu alívio apenas *em Deus*. O Messias tem perfeições, não fragilidades, mas entrega a Deus todos os direitos que essas perfeições Lhe garantem.

Os Salmos 92-101 constituem muitas partes ou capítulos de um pequeno livro. Eles celebram a introdução do reino, ou **“o mundo vindouro”**, e mostram o próprio Messias, Seu Israel e as nações, antecipando o reino. Muitos dos próprios escritores Judeus se referem ao **“mundo vindouro”**.

Outras passagens da Escritura podem nos preparar para tais Salmos. Isaías nos diz que, no meio do julgamento, o verdadeiro Israel levantará a voz e cantará a majestade do Senhor; e esses Salmos podem ser adequadamente assunto desse cântico (Is 24:13-15). Oséias mostra que, no segundo deserto, ou lugar de disciplina, no último dia, lhes serão faladas palavras de conforto; e estes Salmos podem ser a expressão da consolação do coração deles. O vale de Acor será uma porta de esperança, e eles cantarão ali (Os 2).

Na verdade, o Messias diz ao Seu povo para cantar em antecipação ao Seu reino (Is 42:5-16). Josafá cantou ao entrar no campo; e nestes Salmos o Remanescente se regozija e canta com esperança. Assim, os atalaias no último dia cantam as novas de que a salvação está chegando (Is 52:7-8). Havendo colocado esses Salmos como que formando um pequeno livro, e dito isso de maneira geral, eu os abordaria brevemente da maneira a seguir.

Mas quão pequena é a medida aqui dada a elas! E quão feliz e amplamente elas podem, em maior medida, envolver as meditações dos santos! Que todos nós possamos acender cada vez mais nosso coração com tais abençoadas Escrituras na companhia de Jesus (Lc 24:32).

Salmo 92

Essa é a linguagem de Cristo, o Filho e o Herdeiro de Davi, antecipando Seu reino ou Sábado. Mas nesse Sábado vindouro, os *pensamentos* de Deus serão celebrados assim como Suas *obras* (v. 5). Isso dará ao gozo e ao louvor do último Sábado um caráter mais elevado do que o primeiro teve, quando somente as

obras foram celebradas. Pois os conselhos da graça, que são os *pensamentos profundos de Deus*, produziram isso. O primeiro Sábado veio simplesmente após a criação, o último Sábado virá após a destruição do inimigo, como Cristo aqui também antecipa, para que não seja exposto ao perigo e perturbação, como foi o primeiro, mas os justos *ainda* florescerão e serão frutíferos, como é aqui também declarado.

Zacarias falou de Jesus como esse **"chifre de salvação"**, sob o qual Israel deveria ser libertado e florescer. Aqui o orador toma esse caráter para si mesmo (veja Lucas 1:67-79 – KJV).

Mas o Messias, Filho e Herdeiro de Davi, recebe o reino vindo de Deus (Dn 7; Lc 19). Reino que é chamado de reino do Pai. Deus Pai é glorificado, embora seja o dia do Senhorio de Jesus (Fp 2).

Jesus foi ungido para o ministério da *graça* (Is 61; Lc 4); Ele será ungido para o ministério do *Reino* (Is 11:2-10). Este é o **"óleo fresco"**. A fé de uma pecadora perdoada pobre, mas feliz trouxe o seu óleo para saudar esse Ungido (Lc 7; Jo 12). As nações também O alegrarão e O honrarão dessa maneira (Sl 45:8; Mt 2:11). E aqui, Jesus reconhece a fragrância daquele unguento de muito preço que esteve sobre Ele.

Este é, de fato, **"um Salmo, um Cântico para o dia do Sábado"**⁴. Para essa exaltação do Ungido haverá o Reino, do qual o Sábado é a figura e o penhor. E então, **"como o carvalho e como a azinheira"**, que há muito tempo estão secos, florescerão novamente – reviverão mesmo no tempo da velhice. Israel então, depois de tanto tempo, florescerá e brotará e encherá a face da Terra de frutos (v. 14; Is 6:13; 17:6). E tudo isso será para o louvor de Deus. **"Toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai"**.

Salmo 93

Esta é a linguagem do povo, antecipando, por sua vez, o mesmo reino milenar. Eles se dirigem ao Messias, o Rei, celebrando Seu

poder e glória em algumas de suas grandes características:

1. Sua vitória sobre Seus inimigos;
2. A estabilidade de Seu trono, e;
3. A santidade de Sua casa ou governo.

Este Salmo parece anunciar os grandes assuntos que estão nos Salmos seguintes mais detalhados. É uma introdução, fazendo o conhecido ofício de um Prefácio.

Salmo 94

Este Salmo, portanto, resume o primeiro desses assuntos de forma mais ampla. O povo, esperando por seu Messias ou Rei, clama a Ele para julgar o inimigo, para acalmar os rios (Sl 93:3) que estão levantando sua voz. E toda a Escritura se une para dizer que o reino milenar de Cristo não será introduzido até que esse juízo seja executado sobre os inimigos de Israel.

Mas no decorrer deste Salmo, o Remanescente aflito grandemente se consola em Deus, assegurado de que Ele trabalhará por eles. Eles sabem que no meio desses rios e ondas, o Senhor é a sua Rocha que nada pode mover.

O juízo aqui descrito é o dia da vingança do Senhor – o ano da recompensa pela controvérsia de Sião – o dia da derrubada das confederações – o dia do Senhor que será sobre tudo o que for exaltado – o dia da **“vingança contra os Meus adversários”** (Dt 32:41-42). Os rios que levantam suas ondas serão então repreendidos pelo Senhor (Is 17:12-13).

Mas o juízo **“voltará a ser justiça”** (v. 15). O juízo levará à exaltação da justiça na Terra, quando o *poder* estará ao lado da justiça, como no reino.

O caráter *infel* da facção é notavelmente desafiado e repreendido pelo justo Israel (vs. 7-10). O apóstolo Pedro aborda a mesma incredulidade, porém mais no caminho de um mestre da verdade de Deus (2 Pe 3).

Salmo 95

Assim, encorajando a si mesmos, o coração deles está sintonizado com um cântico de gozo e louvor; tão vivas e frescas são suas antecipações. O Senhor, pelo Seu Espírito, parece invadir todo esse gozo antecipado, não para impedi-lo ou alterá-lo, mas apenas para dar uma santa admoestação no meio dele (vs. 7-11). E essa interrupção, ou essa voz do Espírito, age de duas maneiras; diz-lhes que há um descanso (Hb 4); diz-lhes também que devem prestar atenção e evitar tudo o que em seus pais causou a perda desse descanso (veja Hebreus 3). Pois eles ainda estão, em espírito, no deserto ou lugar de disciplina, como antigamente, entre o Egito e Canaã, e, portanto, precisam de tal admoestação. Os comentários do apóstolo sobre esses capítulos dão tal caráter a essa voz. Mas sabemos com certeza que a admoestação é corretamente aplicada a todos nós.

Salmo 96

Eles continuam seu gozo aqui, o que mostra que o Senhor não tinha, por Sua exortação (Sl 95:7-11), planejado impedi-lo; e aqui eles convocam toda a Terra para se juntar a ele. Um **“cântico novo”** é requerido. E os próprios Judeus interpretam “os novos cânticos” da Escritura como pertencentes aos dias do Messias; isto é, para **“o mundo vindouro”**, como fala o apóstolo – o poder do Filho do Homem. E, além disso, como havia um cântico na criação (Jó 38:7), outro e mais rico cântico, **“um cântico novo”**, dará início ao reino ou aos tempos de refrigério e restituição, quando a própria Terra estará na liberdade da glória (Rm 8:21).

Este Salmo é citado em 1 Crônicas 16 e faz parte daquela bela composição, aquele doce conjunto de cânticos e regozijos, que Davi e Israel prepararam para a arca descansar, que era a figura do reino e que, por antecipação, é celebrado aqui.

Todos serão incluídos no gozo de encerramento. Como em Apocalipse 5 os redimidos, as companhias angelicais e todas as criaturas no céu, na Terra, debaixo da Terra e nos mares, se

juntam a ele, assim aqui, todos são convocados para o cântico milenar, para que haja um coro completo de louvor.

Salmo 97

Este Salmo é outro exercício do coração do Remanescente antecipando o reino. É como se eles estivessem agora mesmo trazendo o Primogênito ao mundo pela segunda vez, ou em Sua *glória*; não em Seus *sofrimentos* como em Sua primeira vinda; e alegremente eles relatam, em espírito, Sua vitória sobre todos os Seus inimigos.

Mas aqui novamente, como no Salmo 95:7-11, o Senhor por Seu profeta irrompe em todo esse gozo com palavras de admoestação (vs. 10-12). Ele diz a eles que toda essa luz e glória estão preparadas para os *justos*; e adverte-os, portanto, a aborrecer o mal e a cultivar temperamentos dignos do reino vindouro.

O fogo deve ser o instrumento dos juízos divinos neste esperado dia do Senhor. A batalha do Senhor será com queimaduras e pasto ao fogo (Is 9). O trono do Ancião de dias é como as chamas de fogo, e um rio de fogo sai de diante d'Ele no dia deste julgamento (Dn 7). Assim, na visão de João, o Templo estava cheio de fumaça, enquanto o Deus da glória e do poder preparava as salvas ou taças da ira (Ap 15).

Mas Sião se alegra (v. 8). Então, haverá tamboris e harpas para os justos (Is 30:32). Pois, embora a luz e a alegria só então sejam semeadas para eles, e ainda não *colhidas por eles*, ainda assim eles podem cantar, como já observamos – as antecipações são tão certas; pois **“a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam”**.

Salmo 98

O verdadeiro Israel canta novamente sobre isso. Por assim dizer, eles usam o tamborim e a harpa, que sabemos, como observado acima, pertencerão a eles, mesmo no dia dos juízos de Deus. Sua

justiça judicial é o tema de sua alegria aqui; e novamente eles convocam todos para se juntarem a eles. Eles também cantam sua própria salvação no dia desse julgamento. Pois sabemos que eles serão tirados de muitas águas: como Noé, eles serão preservados no próprio lugar do juízo – como Ló, tirado em segurança do seu meio (veja Salmo 18:16). Então, eles serão poupados, o mesmo dia os iluminará e consumirá o inimigo (Ml 3, 4). Eles só serão refinados por esses fogos (Zc 13).

Toda a Escritura mostra, como este Salmo, que o regozijo de toda a Terra seguirá a restauração de Sião. E os louvores do Senhor serão então como **“brados de alegria”**: pois todos se juntarão a eles; e não haverá repreensão ou silenciamento deles pela incredulidade do mundo. Então, não haverá nada para impedir, mas tudo para intensificar a celebração plena de louvor.

Salmo 99

O mesmo Israel de Deus ainda está ocupado aqui, como é muito evidente, com os mesmos pensamentos e gozos. Eles antecipam amplamente o reino, o perdão dos pecados da nação de acordo com o padrão da misericórdia divina para com seus pais, e então o povo prestando no templo os serviços de louvor, no espírito de reverente temor, pela percepção da santidade da casa e do governo de Deus.

Mas não são os juízos anunciados que elevam o gozo, como vimos anteriormente, mas o efetivo reinado em Sião. O Senhor está agora assentado entre os querubins, em casa, no meio de Seu povo. Ele é **“grande em Sião”**. E Seu povo volta a celebrar Seu louvor, exaltando o Senhor em Seu santo monte, ou lugar do governo justo; toda a retrospectiva do passado, seja nos dias de Moisés e Arão, ou de Samuel, tudo ajuda no louvor. E assim será. Pois tudo aquilo que não ajudar nesse louvor será restringido, como vimos no Salmo 76.

Salmo 100

Este Salmo convida todo o povo gentio a seguir Israel, com louvor, para a santa Casa de Deus. A certeza de Seus testemunhos, Sua verdade e Sua misericórdia são declaradas. E assim o monte da Casa do Senhor é estabelecido, e as nações se dirigem para ele. Muitos povos e nações fortes, de acordo com o profeta, buscam o Senhor dos Exércitos em Jerusalém. A casa do Senhor ali é uma casa de oração para todas as nações; e enquanto os seus muros são salvação, as suas portas serão louvor.

E aqui, no final desses cânticos de Israel, podemos observar novamente que a Escritura nos ensina que Israel, no dia de sua disciplina, conhecerá esses regozijos (veja Salmo 99). É verdade que eles chorarão como pombas; eles confessarão o pecado da nação, como Daniel ou Neemias; eles dirão **“definho, definho”** (ARA); mas eles também terão suas alegrias e cânticos antecipados. O Apocalipse nos mostra o mesmo em princípio (veja Apocalipse 11:16-18). Pois ali o regozijo no céu é antecipado no dia da ira divina e da destruição na Terra. E posso dizer que, como Isaías 60 parece ser o Espírito da Verdade ensinando ao Remanescente quais serão os resultados da vinda do Redentor a Sião (veja Sl 59:20), certamente quando aprenderem essa lição terão ocasião abundante para entoar cânticos em perspectiva do reino. Pois o mesmo Espírito está guiando cada coração, o mesmo Espírito está tecendo juntamente tristezas e alegrias, o pensamento de sua própria iniquidade com o pensamento da salvação e do reino do Senhor, para que cada alma possa ser levada a várias e proveitosas afeições.

Salmo 101

Os Salmos anteriores foram, como vimos, variados e felizes exercícios do Remanescente sobre os grandes temas relacionados ao reino, e que foram sugeridos no início – como a derrota do inimigo, a estabilidade do trono e a santidade da casa ou governo do Senhor. Aqui o Messias é novamente ouvido

pessoalmente, como foi no primeiro Salmo desta série (Sl 92). Ele toma o reino (isto é, por antecipação, desejando-o muito na realidade, v. 2), entrando nele com um cântico quanto **“a misericórdia e o juízo”**; pois a misericórdia e o juízo tinham acabado de ser vistos na maneira de trazer o reino – juízo sobre o inimigo, misericórdia para com o verdadeiro Israel.

E tendo cantado este cântico, Ele Se compromete a ordenar Seu reino em justiça e a manter a santidade da casa de Deus para sempre, como em Salmo 72; 2 Sm 23:5; Is 9:7, 11:4; Zc 14:21.

E observe que, em princípio, **“a misericórdia e o juízo”** são o fardo dos pensamentos ou cânticos de todo crente ou adorador ao entrar em qualquer dispensação divina. Adão saiu do Éden para atravessar uma Terra amaldiçoada como um pecador perdoado, com este cântico em seu espírito – assim Noé entrou no novo mundo – e assim Israel entrou em Canaã da mesma forma; pois cada um deles em seus dias, Adão, Noé e Israel, tinham testemunhado o juízo sobre os outros e eram eles mesmos testemunhas da misericórdia. Entramos em nossa era, cantando igualmente **“a misericórdia e o juízo”**; pois vimos o juízo de nosso pecado ser sustentado por Cristo, e nós mesmos os monumentos da misericórdia. E quando a glória ou reino chegar em breve, como lemos aqui, a misericórdia e o juízo serão novamente cantados. E isso será assim, pois a justiça será mantida, enquanto a graça segue seu curso; a justiça não cederá, embora o amor siga seu caminho.

Que perfeito este pequeno volume parece ser (Sl 92-101). O próprio Messias o inicia e o encerra. No início, Ele próprio antecipa sendo ungido para o reino, ou a exaltação de Seu poder ou chifre – no final, Ele declara como Ele ordenará Seu reino. E Seu Israel, nesse meio tempo, como também vimos, descreveu suas antecipações do reino em sua justiça judicial e bem-aventurança final. Oh, que haja mais harmonia com tudo isso em nosso coração! Oh, que estejamos *“afinando nossos instrumentos próximos à porta”* – deixando nosso coração mais em harmonia

com as alegrias deste reino vindouro! Que possamos orar e vigiar por uma mente assim, e que sejamos habilidosos nos cânticos do Senhor!

Salmo 102

Algo muito diferente é ouvido agora. Este Salmo começa com a queixa do **“Homem de dores”**. Ele Se vê abandonado por Seus seguidores, reprovado pelo inimigo e sustentando a justa ira de Deus – a indignação e a ira devidas a outros que caem sobre Ele (vs. 1-11). Ouvimos então a resposta de Deus a isso; e essa resposta promete a Ele vida e um reino, e uma manifestação em Sua glória, relatando também o tema do louvor com o qual Israel e as nações O celebrarão (vs. 12-22). Então o Messias é ouvido pela segunda vez meditando solitariamente sobre Suas aflições, (vs. 23-24,); e Deus, da mesma maneira, novamente respondendo-Lhe – lembrando-O, por assim dizer, de Suas antigas glórias na criação, e prometendo-Lhe, como antes, vida, um reino e uma semente (vs. 25-28).

A citação em Hebreus 1 deste Salmo parece dar a ele essa estrutura e caráter; pois nos diz que os versículos 25-27 é a linguagem de Deus para o Filho, e isso nos leva a concluir que os versículos 12-22 também são. E assim a estrutura acima do Salmo é determinada.

Mas, em conexão com isso, podemos notar uma coisa. O Senhor Jesus Cristo é o Construtor. Isso nos dá o direito de ver o Cristo como o Cabeça de cada dispensação – o grande poder ativo em todas elas – seja na Criação, entre os Patriarcas, no monte Sinai ou como o Deus de Israel em toda a sua história. Ele fez os mundos ou ordenou as eras (Hb 1:2). Ele edificou a casa de Moisés e todas as casas de Deus (Hb 3:3). E é o Cristo a Quem Deus Se dirige neste Salmo como tendo lançado os fundamentos da Terra e sobrevivido, em Sua glória, a todas as coisas que são feitas – o Cristo que uma vez foi o Pisado e o Ferido. Mistério maravilhoso!

É um Salmo de beleza e grandeza muito tocantes.

É como Jesus no Getsêmani, extremamente triste até à morte, indo adiante e orando novamente, dizendo as mesmas palavras, e ainda assim, sendo ouvido repetidas vezes – o anjo do céu O fortalecendo lá, a resposta de Jeová assegurando-O aqui (veja Lucas 22:43).

Eu poderia observar ainda que este Salmo também nos permite ler, nessas expressões de Jesus e nas respostas divinas a elas, o que aprendemos de outras Escrituras doutrinárias simples – que *as glórias de Jesus vêm de Seu sofrimento*. **“Se o grão de trigo, caindo na terra não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto”**. Mostra-nos **“os sofrimentos que a Cristo haviam de vir e a glória que se lhes havia de seguir”**. Pois o Cordeiro no *trono* é o Cordeiro que havia estado antes no *altar*. É o arco d'Aquele que uma vez foi atingido pelos arqueiros e cuja força permanece. Toda a Escritura nos mostra isso; e temos isso nesses clamores de Jesus, e nas respostas tão abençoadamente dadas a eles.

E quanto à nossa bênção. Tudo depende dos *mesmos sofrimentos de Cristo*. Nenhum pensamento sobre o amor de Deus deve ser permitido que interfira nas exigências de Sua justiça. O amor é sem medida. Isso é verdade. Mas não é uma *simples* emoção. É o que, a um custo indescritível, proporcionou redenção para o culpado. E se pensarmos no amor sem crer na provisão que foi feita para as reivindicações e exigências da justiça, estamos lidando com um simples sentimento de nossa própria mente, e não com a revelação de Deus. E pobres são as melhores concepções da religião do homem – algo realmente diferente da grandeza moral e perfeições do Evangelho de Cristo, onde Deus é *Justo* enquanto *justifica o pecador*, onde aprendemos que Ele trouxe de volta Seus banidos e recebeu Seus pródigos, sempre sustentando as glórias plenas de Seu trono de justiça e fornecendo em Si mesmo uma resposta a todas as Suas exigências. A Cruz de Cristo é o segredo e o centro de tudo isso.

Salmos 103-107

Esses Salmos formam os diferentes capítulos de outro pequeno livro. O conteúdo prova isso; reforçado pelo fato de somente o primeiro deles ter um título.

É uma boa celebração do poder da ressurreição de Deus, ou graça restauradora do perdão.

O Salmo 103 celebra essa graça ou poder na *própria pessoa do salmista*, relatando o perdão de todos os seus pecados e o fato de ter sido guiado para o reino pela mão segura e terna de seu Pai celestial.

O Salmo 104 analisa a *Criação* sob a mesma luz. A providência de Deus governa tudo mesmo agora; mas no final, Sua força de ressurreição será aplicada à criação, que, portanto, novamente, como antigamente, se tornará objeto de deleite divino, e embora agora geme e sofre de dor, será então libertada.

Os Salmos 105, 106 e 107 celebram a mesma coisa em *Israel*;

Salmo 105 olhando para Israel bendito de Deus até que eles foram levados para Canaã, e ali colocados sob a lei;

Salmo 106 olhando para tudo isso em seu fracasso, e Israel trazendo ruína e morte sobre si mesmos; e então;

Salmo 107 apresentando a graça da ressurreição e a força de Deus, chamando Israel do lugar da morte para conhecer Sua bondade amorosa e declarar Sua bondade como um povo que estava morto e reviveu, que estava perdido, mas agora foi encontrado.

O Salmo 106 termina com a repetição detalhada dos clamores de Israel, tão frequentemente ouvidos nos dias de sua angústia em todo o Livro dos Juízes (vs. 43-46). O salmista então retoma o mesmo clamor em relação à angústia *atual* de Israel, e antecipando misericórdia e libertação, bendiz o Deus de Israel (vs. 47-48).

O Salmo 107 dá a resposta de Deus, percebendo essas antecipações de fé.

Este pequeno volume de Salmos pode, portanto, vir com alegria após o Salmo 102, onde ouvimos o clamor d'Aquele que buscou a libertação da morte e foi ouvido, e cuja libertação ou ressurreição é a grande promessa disso a todos a quem Ele lidera; pois **"em Cristo todos serão vivificados"**. Seu próprio corpo místico, a Igreja, ressuscitará à semelhança de Seu corpo glorioso, Israel e as nações reviverão na Terra, e a própria criação será libertada da corrupção.

É verdade que haverá diferentes ordens e glórias, mas tudo será como na ressurreição ou na nova criação. Quando Jesus pregou, Ele curou. Assim como Seus apóstolos e os discípulos que Ele enviou. Aonde Ele veio a doença se foi, a enfermidade desapareceu e a voz de saúde e ação de graças foi ouvida nas aldeias e cidades de Israel. Como antigamente, quando Ele conduziu Seu povo tirando-os do Egito, era como Deus, seu Curador (Êx 15). Ele os liderou. Os pés deles não incharam por quarenta anos – a força de Calebe era tal como quando ele partiu – o testemunho do que teria sido para toda a congregação se tivessem sido obedientes. E assim, quando o reino vier, os coxos saltarão como um cervo, a língua dos mudos cantará. Essas serão novamente as obras do Filho de Davi (Is 35; Mt 12). Pois o povo terrenal estará então em tabernáculos saudáveis e agradáveis (após a longa lepra, a carne se tornará como a carne de uma criança pequena), enquanto nos lugares celestiais mais elevados, os filhos da ressurreição brilharão em corpos espirituais de glória, de acordo com o poderoso poder de Cristo, pelo qual Ele é capaz de subjugar até mesmo todas as coisas para Si mesmo.

Ressurreição ou Redenção (pois elas são uma só coisa em princípio) tem sido o grande propósito de Deus desde o início. Sem fé na ressurreição, **"o poder de Deus"** não é conhecido (Mt 22:29), nem o **"conhecimento de Deus"** é alcançado (1 Co 15:34). A Criação é apenas o caminho ou antessala. A Criação foi para a

redenção, e não a redenção foi segundo a Criação. Porque, em conselho, antes da fundação do mundo, tudo deveria permanecer em redenção. A lei do jubileu nos mostra isso (Lv 25). E o homem de Deus, o pecador aceito perdoado, celebra tudo isso nesta magnífica série de Salmos, regozijando-se, como dissemos, no poder de redenção ou ressurreição demonstradas em si mesmo, na criação e em Israel – vendo-as em todos os lugares, enquanto sua alma examina a gloriosa perspectiva⁵.

Tendo assim visto o conjunto desses Salmos, eles são deixados à consideração dos santos; julgando, no entanto, que uma observação minuciosa de cada um confirmaria essa impressão geral. E uma doce meditação que eles proporcionam à mente renovada. Um pobre pecador, no Salmo 103, permanece, em espírito, diante do altar de ouro (isto é, na plena certeza da salvação) com seu incenso de louvor, e daquele lugar feliz antecipa ou examina os tratamentos passados e futuros do mesmo Senhor, que assim o abençoou em todas as Suas obras e caminhos, seja na própria criação ou no meio de Seu povo. E, de fato, o único poder adequado para interpretar o caminho divino é levar em nossa alma uma amostra dele, como é feito aqui. Para o crente é **“como que primícias”** (Tg 1). Ele já está na reconciliação, como todos estarão em breve (Cl 1). O caminho de Deus é em graça ou em ressurreição, e o pecador conscientemente perdoado é, portanto, o único profeta pleno de Deus – o único que pode desfrutá-Lo ou declará-Lo plenamente. *“Familiariza-te com Deus, se quiseres provar Suas obras.”*

É bom acrescentar que partes do Salmo 105 e do Salmo 106 foram cantadas na remoção da arca em 1 Crônicas 16, como já observamos; o Salmo 96 fornece outra parte desse mesmo belo hino composto, pois essa ocasião, figurativamente, estabelece a época do gozo vindouro de Israel; e esses Salmos são cânticos de louvor adequados a essa época.

Ressurreição – o glorioso intérprete dos caminhos e propósitos de Deus, e o testemunho pleno e eterno de Seu amor e poder –

sendo, portanto, o tema deste livro, podemos dizer, nas palavras finais dele: **“Quem é sábio observe estas coisas e considere atentamente as benignidades do SENHOR”**.

NOTA: A quarta divisão dos Salmos, de acordo com os Judeus, termina com o Salmo 106.

Salmo 108

No início deste Salmo, o Messias, identificando-Se com o Remanescente nos últimos dias de sua angústia, clama pela manifestação do poder de Jeová a favor deles. Mas Ele faz isso com plenas e gozosas antecipações e, portanto, faz Seu costumeiro voto de louvor (vs. 1-6). Uma resposta a isso vem imediatamente do santuário, da presença de Deus, ou, pode ser, de acordo com a **“santidade”** de Seus conselhos, para assegurar ao suplicante que o Senhor, no devido tempo, reivindicaria o Seu reino (vs. 7-9). Isso desperta imediatamente o zelo do Messias pelo dia da vingança ou pelo ano dos Seus redimidos (Is 63:1-5); pois sabemos que Ele está agora *esperando* para, assim, pisar sobre Seus inimigos (Hb 10:13). E então tudo se encerra com Ele novamente olhando para Jeová como a ajuda na tribulação de Jacó, e com Sua confiante antecipação da vitória.

Este Salmo é composto das porções de gozo de dois Salmos anteriores (veja Salmos 57 e 60) que se iniciaram em tristeza e terminaram em regozijo. Pois ali a alma do crente semeou em lágrimas e colheu com alegria; mas aqui a dupla colheita é feita, e o peito do adorador se enche de feixes. E, verdadeiramente, o gozo é o que permanecerá. As tristezas serão deixadas para trás, ou lembradas apenas para aumentar a alegria e dar comprimento e largura ao louvor.

Este Salmo pode seguir alegremente o pequeno volume anterior sobre a Ressurreição (Sl 103-107). Pois a Ressurreição leva ao gozo e ao louvor. Como alguém observou certa vez, o próprio Jesus no túmulo de Lázaro chorou, entregando-Se às lágrimas de todos ao seu redor; mas em Seu próprio túmulo vazio Seu

caminho foi mudado, e na liberdade da Ressurreição Ele mesmo, Ele poderia dizer à Sua amada e amorosa discípula: **“Mulher, por que choras?”**

Salmo 109

Sob o sentido da traição de Judas (e nessa traição Judas era o líder e representante do Israel incrédulo, At 1:16) e sob o pensamento daquela morte para a qual tal traição o estava apressando, Jesus aqui clama Àquele que poderia salvá-Lo da morte e vingá-Lo de Seus adversários.

Já observei que notamos dois caracteres de comunhão que Jesus teve, e dos quais este, assim como o Salmo 69, facilmente nos lembra. Quero dizer, o que é falado em Hebreus 5:7, e o que é notado em 1 Pedro 2:23. O primeiro foi um clamor por *libertação*, o segundo uma espera por *reivindicação* (veja Salmo 69).

Neste Salmo também há alusão à “*prova do ciúme*” de Números 5 (vs. 14, 18). E sabemos por outras passagens que Israel será tratado e até perdoado no caráter de uma esposa infiel (veja Oséias 1-3).

Neste Salmo, Judas e a nação de Israel são um moralmente, assim como em Gálatas 4, Ismael e essa nação são um. Sua terra é apenas um extenso Aceldama⁶ (Is 4:4; Jl 3:21; Mt 27). O Advogado os conecta, também, em Suas próprias palavras aqui, falando tanto no singular quanto no plural o número de Seus inimigos.

O destino de Judas ou da nação apóstata, e o do Israel eleito ou da Jerusalém do Senhor, são notavelmente distintos. Pois neste Salmo, o grande Advogado deseja que Satanás esteja à direita de Judas; em Zacarias 3, Ele mesmo repreende Satanás, quando Satanás toma essa posição contra Jerusalém ou o verdadeiro Israel. Neste Salmo, o Advogado ora por juízo contra esse para que suas dignidades, família e possessões sejam todas destruídas, e que não haja ninguém para se compadecer dele; Em

Zacarias 3, Ele deseja para outro que a glória esteja sobre ele, a mitra e o manto, e que toda iniquidade passe dele, e toda contaminação seja removida. E toda a Escritura, desta maneira, mantém distinto e claro o juízo da nação apóstata, e a redenção e bênção do eleito ou verdadeiro Israel.

O opróbrio do **“aflito e necessitado”**, a morte d'Aquele que estava **“quebrantado de coração”**, é a ocasião do julgamento aqui desejado; isto é, a rejeição de Jesus. O mesmo é o fundamento estabelecido para o julgamento do povo Judeu pelo mesmo Advogado no Salmo 69. E o Novo Testamento também ensina isso, pois a destruição miserável e a retirada de sua vinha vieram sobre Israel, porque eles foram os homicidas do Herdeiro da vinha. E onde está a purificação para a terra, onde está a recuperação do nome de Israel, se não na fé que se volta para este Rejeitado, que olha para Aquele a Quem traspassaram, que aprende a dizer: **“Ele foi ferido por nossas transgressões”**; que reconhece n'Ele uma fonte aberta para o pecado e para a impureza, e que, em maior exultação de espírito, diz: **“Bendito Aquele que vem em nome do Senhor”**?

Salmo 110

Este Salmo transmite, implícita ou informalmente, a resposta de Jeová ao clamor precedente. A ascensão de Jesus aos céus, Sua vingança contra todos os que se levantaram contra Ele e Sua exaltação em Seu reino na Terra são declaradas.

Este Salmo, nesse sentido, sugere um esboço de todo o propósito de Deus concernente à Terra.

O olho do profeta, por assim dizer, segue Jesus no dia do Monte das Oliveiras ou Betânia (Lc 24:50; At 1:9-11) até o céu e vê Sua posição lá à direita de Jeová (v. 1). Nessa visão, ele se dirige a Jesus como Adon (vs. 2-4) e diz a Ele o que Jeová estava preparando para Ele – uma vara de poder, um povo disposto e as mais altas dignidades pessoais. Então, voltando-se de Adon para

Jeová, ele diz a Ele de que maneira Jesus (Adon) possuiria o reino assim preparado para Ele (vs. 5-7).

Esta é, creio eu, a estrutura deste diferenciado Salmo.

É digno de reflexão se a palavra indefinida **“até”** (v. 1) não é o fundamento de Marcos 13:32. E, além disso, sendo esse reino a recompensa do serviço do Messias, o tempo e todas as outras circunstâncias dele estariam à disposição do Pai (Mt 20:23; At 1:7).

Conectado com o Salmo 16, este Salmo nos dá uma bela visão da gloriosa ascensão de Cristo – Deus O acolheu no alto com as palavras: **“Assenta-Te à Minha direita até que Eu ponha os Teus inimigos por escabelo dos Teus pés”**; e Cristo, por assim dizer, respondeu: **“na Tua presença há abundância de alegrias; à Tua mão direita há delícias perpetuamente”**. E, lido à luz de Hebreus 10:12-13, vemos quão devida e perfeitamente a promessa de Jeová foi recebida por Cristo. Isso O encheu de *esperança* ou *expectativa*, que é sempre a resposta adequada à *promessa*.

Mas deixe-me observar que a entrada do Senhor no céu não foi apenas para que Ele pudesse tomar Seu assento à direita do poder, aguardando o dia em que Ele faria de Seus inimigos o escabelo de Seus pés: foi também uma entrada no céu como santuário, para ocupar-Se lá em riquezas de graça, em serviços sacerdotais atuais em favor de Seus santos ainda peregrinos e militantes aqui (veja Hebreus 8).

Este é de fato um Salmo de grande valor profético e muito usado pelo Espírito Santo nas Escrituras do Novo Testamento. Pois por meio dele Ele interpreta que Jesus é maior do que Davi (Mt 22) – mais excelente do que os anjos (Hb 1) agora no céu como Senhor (At 2:34-36) – como Aquele que espera (Hb 10) – e no gozo de um sacerdócio intransferível (Hb 7) que Ele recebeu, não de Si mesmo, mas de Deus (Hb 5). Tudo isso aprendemos por comentários divinos sobre este Salmo obtido em outras Escrituras do Novo Testamento.

O senhorio de Jesus, posso dizer, é uma coisa principal aqui. No Salmo anterior, nós O vimos como **“o varão aflito e o necessitado”**, mas aqui, como o **“Senhor”**. E essas duas coisas formam o grande encargo e tema dos profetas (1 Pe 1:11). Ele Se esvaziou, mas Deus Lhe deu um Nome acima de todo nome (Fp 2). Pedro, em sua pregação inicial aos Judeus após a ressurreição, vê esse senhorio de Jesus em todos os lugares – agora no céu, em breve em Seu retorno à Terra, depois no decorrer das sucessivas eras. Ele vê isso igualmente sobre o Judeu e o grego. Ele traça o *nome* deste Senhor, o *dia* deste Senhor, e a *presença* deste Senhor, em seus diferentes poderes e virtudes (At 2:20-21, 3:19, 10:36).

Mas não é simples senhorio *divino* mas um senhorio *ungido*. E, portanto, Seu senhorio é *para nós*. Israel tinha seu interesse em todos os oficiais ungidos sob Deus; fossem profetas, sacerdotes ou reis, todos eram para uso de Israel. A sabedoria do profeta, os sacrifícios do sacerdote, a força do rei, eram todos para a bênção do povo. Assim é o senhorio de Jesus para nós. Quer seja Ele Senhor da vida, Senhor dos principados e potestades, Senhor de todas as regiões da glória, ou Senhor de todas as chaves, a chave do céu, a chave da casa de Davi, a chave do inferno e da morte, ou do abismo, todo esse senhorio é para nós. Ele está em todos os lugares como Senhor, mas ainda assim por nós. Seus olhos, como os olhos do Senhor, correm de um lado para o outro em nosso favor.

Esse é um senhorio maravilhoso. É, no entanto, *sobre*, bem como *por* nós. Como Davi aqui diz: **“meu Senhor”**. Mas isso tem sido, e ainda será, cada vez mais *praticamente* esquecido. Pois tanto Pedro quanto Judas profetizam sobre a forma final da apostasia da Cristandade como *a negação deste Senhor e Sua autoridade*, a transformação de Sua graça em dissolução (2 Pe 2; Jd) E é, portanto, o Senhor que vem vingar os erros de Seu nome negligenciado (Jd 14) **“Eis que é vindo o Senhor”**.

Este Salmo é verdadeiramente uma grande Escritura. Pode muito bem envolver os pensamentos ampliados de Seus santos que O amam e se deleitam em **“aprender em Seu templo”**.

Salmo 111

Este Salmo, e todos aqueles até o Salmo 118, não têm título. Podemos entender isso como uma pequena indicação de que eles dependem, em certo sentido, dos Salmos anteriores. Pois o grande mistério divino do Homem **“pobre e necessitado”**, exaltado para ser **“Senhor”** no céu agora, com a promessa de um reino, havia sido revelado; e esses Salmos parecem ser certos exercícios de coração sobre esse mistério. E deixe-me dizer, a alma deve estar sempre pronta para acolher toda a revelação divina dessa maneira. Quando o apóstolo, sob o Espírito Santo, traçou profundos e extensos propósitos de Deus (Rm 9-11), no final, ele irrompe com uma nota de admiração: **“Ó profundidade das riquezas”**! E pobre e sem proveito será todo o nosso conhecimento, se não levar a isto – *“se de nossas meditações não trouxermos para casa alguns gravetos para acender nosso próprio fogo”*.

Os Judeus conectaram vários desses Salmos (Sl 113-118) e os chamaram de “o Grande Hallel”⁷, usando-os particularmente nas festas.

O próprio Jesus, ou o Espírito de Cristo no adorador, é ouvido neles.

O louvor irrompe desde o início. Esse seria o fruto dos lábios, quando a alma estivesse ouvindo (como presumimos) o grande tema dos Salmos precedentes.

Aqui no Salmo 111, o adorador está celebrando as obras do concerto de Deus, das quais, em meio à multidão delas, como sabemos, os sofrimentos e a glória de Jesus formam o grande conteúdo. O **“bom entendimento”** daqueles que temiam o Senhor também é declarado, pois o fim certamente mostrará a sabedoria de ter vivido assim neste presente mundo mau.

Salmo 112

O tema continua – as bênçãos adicionais daquele que teme ao Senhor. No sentido pleno, Jesus é este Obediente; e tudo o que é aqui falado foi prometido a Ele na ressurreição, e será Sua porção no reino. As atuais virtudes e vantagens daquele que é bom e justo, daquele que teme a Deus, também são mais plenamente exibidas. Mas este é outro aleluia – ainda é para o louvor do mesmo Senhor – outro levantar da voz em louvor.

O caráter Judaico deste Salmo (como é o dos Salmos em geral) pode ser deduzido com muita certeza pela maneira que o Espírito no apóstolo Paulo usa o versículo 9 em 2 Coríntios 9:8-10. Pois podemos observar que o que é questão de promessa aqui, é apenas questão de desejo ali, em 2 Coríntios. E isso é facilmente explicado – e é belo. Pois as bênçãos, com as quais os santos devem contar nesta era, não são terrenais, ou nas circunstâncias da vida presente, como a promessa de Deus neste Salmo sugere. Podemos desejar, em amor fraternal, apresentar coisas boas para os santos, como João faz para Gaio (3 João 2); mas essas coisas não são objeto de promessa de Deus para nós.

Salmo 113

Este ainda é um enunciado de gozo e louvor preparado para o mesmo tempo e povo. É uma nota rica e elevada de ação de graças a Jeová por tudo o que Ele fez em graça por Seu povo, expressa nas figuras impressionantes de levantar o pobre do pó e de fazer a mulher estéril cuidar da casa. Os cânticos de Ana (1Sm 2) e de Maria (Lc 1) são semelhantes a este; e elas eram, em seus dias, a pobre e a esposa estéril e, em um mistério, Jerusalém. As obras foram louvadas no Salmo 111; o tema mais profundo, o *Nome* de Jeová (TB), é entoado aqui.

Salmo 114

Novamente, temos o mesmo assunto. O Êxodo é aqui lembrado pelo Israel do último dia. E seus pais, no dia de conflito com seus

inimigos, foram ordenados a ter a mesma lembrança, para que não temessem ninguém que se levantasse contra eles (veja Deuteronômio 7:18).

E o segredo de toda santa coragem é revelado de forma muito impressionante – o poder da presença divina sentida em toda a criação, assim que ela se colocou em companhia do Israel escolhido e redimido.

E de uma forma ainda mais tremenda a natureza sentirá isso novamente, quando o Senhor Se levantar pela segunda vez para Israel e para juízo. Haverá então um grande abalo. Os céus e a Terra serão comovidos, e o Sol e a Lua se escurecerão, e as estrelas retirarão o seu resplendor. Nessa linguagem, os profetas anunciam o poder daquele dia vindouro, quando o juízo cairá sobre as nações, e Israel novamente se tornará o santuário e domínio do Senhor. O segundo advento surpreenderá o mundo, como a presença de Jeová no passado fez com as colinas e os mares, conforme descrito aqui em figura.

As concepções aqui estão no mais rico estilo de poesia, como outros já observaram. Quão variadas as belezas dos oráculos de Deus, quão altas e profundas as maravilhas, quão infinitas e indescritíveis as glórias morais!

Salmo 115

Este Salmo ainda está em bela conexão. A Terra pode tremer, como acabamos de ver, quando o Senhor estiver Se revelando e declarando Sua justiça, mas então Israel terá um cântico. E este é o cântico deles, em espírito; em antecipação, o cântico de ressurreição de Israel (vs. 17-18). Ele irrompe muito gloriosamente, atribuindo todo o louvor de sua atual condição ao Senhor. A ressurreição consciente precisa fazer isso (veja Romanos 4:20); pois um morto, agora em vida novamente, tem nada menos do que o poder divino para se apropriar. O Israel do último dia aqui celebra Jeová como seu **“auxílio”** e **“escudo”**. Por meio de toda a sua ordem santa, eles fazem isso. E eles triunfam sobre seus

adversários e todas as confianças vãs deles, e confiam n'Ele para as bênçãos que ainda estão por vir (vs. 12-13). E essa confiança é imediatamente honrada por um oráculo de cima (vs. 14-15).

Israel se regozija com o pensamento de que o seu Deus está **"nos céus"** (v. 3; veja Salmo 110:1). Eles podem não entender completamente; mas sabemos que, assim como Jesus *no túmulo* foi um sinal para eles (Mt 12:40), assim é também Jesus *em ressurreição* (At 2:30-31, 13:32-33). E eles terão uma resposta para o desafio frequentemente repetido de seus inimigos: **"Onde está o seu Deus?"** (vs. 2-3; veja Salmos 42, 79; Jl 2; Mq 7).

Salmo 116

Este é o cântico de ressurreição do Messias. Ele segue de maneira bela o precedente, como se o Messias Se juntasse a esse gozo e louvor, ou melhor, deixasse Sua voz elevar e crescer acima da de Israel, para que Ele pudesse ser o Líder da congregação. Sabemos, por 2 Coríntios 4:13, que é *Jesus* que é ouvido neste Salmo; mas dali nós também aprendemos que qualquer um com **"o mesmo espírito de fé"** pode, em sua medida, usá-lo.

Ele, a Quem Jesus clamou como capaz de salvá-Lo da morte, O ouviu; e este Salmo é para expressar isso quando Ele diz, **"Pai, graças Te dou, por Me haveres ouvido"** (Jo 11). O verdadeiro Ezequias, Cabeça e Representante de Israel, é ouvido aqui. **"Os vivos, os vivos"** Ele louva a Deus (veja Isaías 38). Ele *paga* aqueles votos que, em Sua angústia, Ele *havia feito* (Sl 22, 61, 66). Jacó, em certa medida, falhou em fazer isso, ou foi tardio em fazê-lo (Gn 28, 35).

A **"terra dos vivos"**, ou a terra da glória (Is 4:5; Ez 26:20), é Canaã. Os Judeus a interpretaram assim. Mas isso, é claro.

Os *cálices* do Senhor são dois, – o da tristeza e o do louvor; em outras palavras, o do Getsêmani ou Calvário (Lc 22) e o do reino (veja Salmo 75).

A “**precipitação**” do Senhor (v. 11) parece expressar o caráter pascal de Sua alma. Os críticos nos dizem que a palavra original não implica “defeito moral”. Ela é a mesma palavra de Êxodo 12:11. Pois toda a Sua vida era no caráter estrangeiro de Israel na Páscoa do Egito, e era a grande testemunha segura de que todos os homens eram mentirosos – apóstatas de Deus. Mas dentre meros “**homens**”, Ele separa os eleitos, parecendo dar-lhes uma íntima identificação. Consigo mesmo, sendo eles ao Senhor também preciosos em sua morte, assim como Ele havia sido.

Seu cântico no reino é novamente sugerido aqui (Sl 22; Hb 2). E se Jesus cantou com Seus discípulos nos dias da Sua carne (como sabemos que Ele fez – Mateus 26:30), quanto muito mais Ele estará preparado para fazê-lo nos dias do reino!

Mas além de o Senhor assim cantar em companhia de Seus santos, não podemos sugerir que em alguns momentos Ele será ouvido sozinho? Pois aqui é testemunhado a respeito d'Ele: “**Pagarei os Meus votos ao SENHOR, agora, na presença de todo o Seu povo**” (vs. 14, 18). É um terno pensamento, e a alma o tocará suavemente. Mas parece que Ele será ouvido *sozinho* às vezes. Pois se Suas tristezas foram uma vez *peculiares*, então podemos dizer que Suas alegrias também assim serão. E isso pode nos levar a permitir o pensamento de que Jesus, em certos momentos, terá um cântico solitário ou peculiar, e a congregação então dando-Lhe ouvidos; como em certos momentos sabemos que eles próprios serão ouvidos; e em outros momentos Ele os conduzirá (Sl 34:3).

Salmo 117

Aqui a Terra é chamada a se unir no gozo e no louvor da ressurreição e a celebrar “**benignidade**” e “**verdade**”, como Israel ressuscitado estava fazendo agora. Israel, e o Cabeça vivo de Israel, foram ouvidos entoando suas várias aleluias, e as nações agora, por sua vez, são convocadas a essa harmonia e a participar dessa santa melodia.

Este Salmo, a porção mais curta do Livro de Deus, é citado em Romanos, e é dado muito valor a ele (Rm 15:11). E a esse respeito foi observado de forma proveitosa: *“É uma pequena porção da Escritura e, como tal, podemos facilmente ignorá-la. Mas não é assim com o Espírito Santo. Ele recolhe este pequeno e precioso testemunho que fala da graça aos gentios e chama a nossa atenção para isso”*.

E posso dizer, há muito tempo tenho me deleitado no fato de que o Espírito no decorrer do Novo Testamento muitas vezes traz à luz, por assim dizer, alguns cantos obscuros das Antigas Escrituras que podem ser naturalmente ignorados – como Oséias 11:1; Amós 5:26, 9:11; Habacuque 1:5; Provérbios 25:22; Naum 1:15. Mas isso ajuda a afirmar a preciosa verdade de que **“toda a Escritura é inspirada por Deus”** (ARA). As estrelas naquele hemisfério de glórias podem diferir em magnitude, mas são todas igualmente obras de uma mão. Não há, talvez possamos dizer, nenhuma parte do Velho Testamento que não seja expressamente citada, ou distintamente referida, ou silenciosamente vislumbrada no Novo.

Salmo 118

Este Salmo encerra esta série de sublimes cânticos de louvor. O Salmo 110 havia assentado Adon⁸ ou Cristo à direita de Jeová no céu, antecipando Seu retorno ao poder e ao descanso do reino. Aqui, a nação de Israel O acolhe de volta e, apropriadamente, no caráter da **“cabeça da esquina”**, pois Sua anterior exaltação nos céus Lhe havia conferido tal posição (At 4:11). Essa é a linguagem de Israel, pronta para Jesus e Seu reino (Mt 23). É a introdução dessa pedra de esquina com aclamações (Zc 4:7).

A Escritura está repleta de referências a Cristo como **“a Pedra”**.

Essa maravilhosa Pedra ou Rocha foi formada no Calvário; pois os arqueiros tiveram que entristecê-Lo, atirar n'Ele e odiá-Lo, antes que Ele, como Pedra (Gn 49), pudesse ser totalmente formado, a **“Pedra provada”** (TB). Então, no devido tempo, Ele foi

estabelecido diante de Israel como seu *Fundamento*; mas eles tropecaram n'Ele em vez de construir sobre Ele (Is 28, Rm 9). Ele é agora, com o mesmo caráter, apresentado a um mundo inteiro de pecadores, e alguns O encontram como sua Pedra vivificante, enquanto os homens geralmente O rejeitam (1 Pe 2). Mas Ele está no céu, reconhecido como Cabeça da esquina, e dessa posição elevada Ele descera no devido momento, e em Sua vinda esmiuçará Seus desprezadores até o pó (Dn 2; Mt 21). Então, Seu verdadeiro Israel O acolherá, como este Salmo nos mostra. E em Seu reino Ele será a Pedra – na Terra, gravada com **“sete olhos”**, exercendo um governo diligente sobre toda a terra (Zc 3) – no céu, entronizado como a gloriosa Pedra preciosa (Ap 4), com Seus santos ressuscitados resplandecendo como gloriosas pedras preciosas ao Seu redor (Ap 21).

Maravilhosa história! Mas isso só quando passamos por este magnífico Salmo; no entanto, como alguém observou, sendo nossa *admiração* nada menos que *adoração*.

É o reino, ou **“dia do Senhor”**, que é aqui comemorado com regozijo, como havia sido **“a ressurreição”** antes, no Salmo 116. E este **“dia”**, sem dúvida, trará **“luz”** (v. 27) a Israel; e será também a grande testemunha de que **“a Sua benignidade é para sempre”**, o grande tema ou ocasião de contínuos sacrifícios de louvor e de ação de graças (vs. 28-29). Pois o gozo de Jesus e Seus santos é duplo: o gozo da *ressurreição*, e o gozo do *reino*. Jesus conheceu o primeiro, quando Ele destruiu em Sua própria Pessoa o poder da morte e da sepultura; Ele conhecerá o segundo no dia vindouro de Seu poder em Jerusalém.

Este é um encerramento adequado e solene deste grande Hallel, como os próprios Judeus chamam esta coleção de Salmos, como já observei. E este último deles, o Salmo 118 é a celebração dos gloriosos caminhos do Senhor, em um estágio além daquele ao qual (salvo em perspectiva) o Salmo 110 O levou. Lá nós O vimos assentado à direita no céu, e O deixamos lá, como Alguém que espera o Seu dia e reino. Mas aqui Sua expectativa se concretiza.

Seus inimigos foram subjugados, e Ele está entrando pelas portas de Sua cidade real. Assim como Ele uma vez subiu o brilhante caminho da Terra até a destra de Deus, agora Ele desceu do céu pelo brilhante caminho, para executar vingança contra Seus inimigos, como então prometido a Ele, para satisfazer os corações desejosos de Seu povo e para Se assentar no reino.

Que caminhos para os pés de Jesus são esses! Aqueles pés que conheciam apenas os lugares espinhosos deste mundo desértico, percorrem nestes Salmos esses caminhos gloriosos – o caminho ascendente para Deus e o caminho descendente para o reino. Então o Senhor terá o Seu dia. E será um jubileu, quando os princípios de Deus formarem e preencherem a cena (Lv 25). Seus conselhos de sabedoria e amor serão manifestados e exaltados, e Seu povo levantará o louvor, como fazem aqui – “atai a vítima da festa com cordas, e levai-a até aos ângulos do altar”. Mas quem pode expressar tudo isso? Como nosso poeta canta:

*“Quem cumprirá o cântico sem limites?
Quem é o ousado pretendente que se atreve?
O tema transcende a língua de um anjo,
E o coração de Gabriel desiste da esperança”*

Salmo 119

Este Salmo relata as várias virtudes da Palavra de Deus e o deleite e o proveito dos santos nela. Qualquer crente, de modo geral, pode usá-lo como os anseios de sua própria alma; mas em seu completo caráter profético, parece que será a linguagem do verdadeiro Israel em seu retorno a Deus e Seus oráculos há muito negligenciados.

Quando o Senhor veio, Ele encontrou os Judeus negligentes e ignorantes da Escritura. (Mt 15:6, 22:29; Jo 5:38, 47). Mas o Remanescente é direcionado a ela (Is 8:20; Ml 4:4). E este Salmo mostra a obediência deles nessa direção e o exercício de coração nos escritos divinos. Eles abandonaram suas próprias tradições e estão ouvindo **“Moisés e os Profetas”** (Lc 16:29-31).

Esdras, enquanto estava cativo na Babilônia, ocupou-se diligentemente com a Palavra de Deus, assim como o Remanescente fará (Ed 7:6). Os Judeus da Bereia apresentam uma amostra deles, da mesma forma, nesse caráter (At 17:11). E a história de Josias faz o mesmo. Ele reinou depois que o julgamento foi pronunciado contra Jerusalém. Seu arrependimento não poderia mudar isso. O juízo ainda estava por vir; mas Josias (como o Remanescente de Deus) será poupado. Pois ele havia proposto em seu coração servir ao Senhor quando tudo estava se apressando para a ruína. Mas temos na história mais um fato – que no meio de seus feitos e serviços, o Livro da Lei é encontrado, e que imediatamente opera para dar um novo tom a todos os seus caminhos. Ele começa consigo mesmo. Ele toma o lugar de alguém convencido e humilhado. Nesse espírito, ele se dispõe a trabalhar novamente, e *faz dos oráculos de Deus a regra de todo o seu serviço* (2 Rs 22-23; 2 Cr 34-35).

Josias, dessa forma, com zelo se voltou à Palavra de Deus que havia sido tão inteiramente perdida para a nação por causa de suas vaidades idólatras. E assim, o último dia, o Remanescente arrependido se voltará com um coração atento e obediente para a Palavra de Deus, tratando-a com especial honra e consideração, conscientes como estarão de tê-la negligenciado por tanto tempo e de forma tão grave. Pois esse é o fruto que o arrependimento produziria de forma devida e natural. Será a restauração; restituindo, como Zaqueu, quatro vezes a mais aquilo que eles haviam defraudado.

Mas não podemos passar por este Salmo valioso e profundamente devocional sem uma pequena pausa adicional. Desde o início de Seus caminhos, vemos o valor de Deus para Sua Palavra escrita. Ele fez uma cerca em volta dela, para que nenhuma mão irreverente possa tocá-la sem ficar culpado, seja para acrescentar ou tirar algo dela. E Ele a atou ao redor do coração, diante dos olhos e nas mãos de Seu povo. Os portões do campo, as portas da casa, a manhã e a noite da família, a

caminhada fora e o descanso dentro de casa, tudo era para testemunhar isso (Dt 6, 11). Isso deveria misturar-se com toda a vida pessoal e social de Seu povo e lançar sua luz em todos os caminhos de sua jornada diária, por mais comuns que fossem. Não é abençoado ver o Senhor assim estimando Sua própria revelação e recomendando-a assim à nossa estima? E agora isso deve ser apagado de nossos portões e portas e das palmas de nossas mãos? “A malícia de Satanás não se enfureceu menos contra o *Livro* do que contra a *verdade nele contida*”. A vida divina do santo atende a ela e não pode se privar dela. É o alimento da vida de fé e da esperança. Ela leva a alma a Deus e a mantém perto d'Ele e com Ele, por meio do Espírito. Quanto mais as virtudes e consolações da nova vida forem valorizadas, assim será a Palavra. E o crente invoca a Palavra ou a Escritura como a resposta a essa grande pergunta: **“Onde se achará a sabedoria? E onde está o lugar do entendimento?”** (Jó 28:12 – ARA). Pois somente Ele, que conhece o caminho da sabedoria, fez da Escritura sua morada. E com Ele o santo fala, comparando-a com tudo o mais: **“O que é a palha para o trigo?”** (Jr 23:28 – JND)

Que possamos segurá-la firme, bem como usá-la habilmente à luz do Espírito Santo em nós! Pois se há o erro de tirar essa chave da ciência (Lc 11), também há o erro de usá-la com uma mão indouta e inconstante (2 Pe 3). Vamos usá-la com a mente reverente e adoradora do servo de Deus neste belo e mais precioso Salmo. Saibamos algo sobre os anseios de seu coração sobre os santos oráculos, dizendo: **“Abri a boca e suspirei, pois ansiava por Teus mandamentos”** (Sl 119:131 – JND).

Cânticos dos Degraus

Os Salmos 120-134 são intitulados **“Cânticos dos Degraus”**. Tem sido considerado que eles foram colocados juntos e receberam um título comum porque foram usados em alguma ocasião ou diziam respeito a alguma ação, em seus diferentes estágios, como o retorno dos cativos da Babilônia a Jerusalém. E pelas marcas internas, isso pode muito bem ser assim. Embora escritos

pelo Espírito em momentos diferentes, eles foram usados, com toda a probabilidade, na ordem em que aparecem aqui, por aqueles cativos retornando, em diferentes estágios de sua marcha de volta para casa – como as várias partes do Salmo 68 foram cantadas em diferentes pontos daquele cortejo, que estava levando a Arca para a cidade de Davi. Pois nesses Salmos encontraremos uma percepção crescente de nos aproximarmos cada vez mais de casa ou do lugar de descanso até que finalmente esse lugar seja alcançado com louvor.

A saída da Babilônia é celebrada antecipadamente pelos profetas, em linguagem muito elevada (Is 48:20, 52:11-12). Mas fala-se da libertação da Babilônia, depois que o cativo voltou dali nos dias de Ciro (Zc 2:6-7). Assim, o retorno naquela época foi, como uma figura, a garantia do retorno de Israel de outro cativo, isto é, sua atual dispersão; e esses Salmos podem responder às declarações do Remanescente dos últimos dias, ao passar por diferentes estágios de suas provações, até serem trazidos para o repouso do reino. E eles podem apropriadamente, em espírito, sob certas condições e experiências, ser a expressão de qualquer santo peregrinando pelo presente mundo para a glória e presença do Senhor – um homem peregrino com Jesus.

Mas posso observar ainda que esses Salmos provavelmente foram cantados pelos cativos que retornaram, pois, com Zorobabel, outros 200 cantores são mencionados, e outros também com Esdras, em seu respectivo êxodo da Babilônia. (veja Esdras 2:64-65, 7:7). E segundo esse padrão feliz, nós, em espírito, devemos cantar, na jornada da Babilônia a Jerusalém – da cidade do homem à cidade de Deus – deste presente mundo mau para o mundo vindouro. Deixando um e alcançando outro que temos por nosso chamado. E a percepção disso deve colocar um cântico em nosso coração. Mas ainda estaríamos apenas **"a caminho"**, insatisfeitos com tudo aquilo que não é Jerusalém. Poços de água e cânticos de alegria não podem fazer do lugar de nossa jornada o nosso lar. Os 300 escolhidos por Gideão expressam isso. O refrigério não tinha poder para detê-los no caminho. Eles o

tomaram somente por causa da viagem, ou como um povo viajante deve fazer. Eles lamberam a água como um cão viajante a lambe, e não se ajoelharam diante dela, como se estivessem ficando dependentes dela.

E esta deve ser a nossa mente. Somos salvos em esperança; e até mesmo o Espírito Santo, a devida Fonte de todas as consolações pelo caminho, habita em nós para dar força e não impedimento à esperança (Rm 15:13); pois Sua presença não é nossa Jerusalém, Seus refrigérios não são a ceia do Cordeiro.

Esses Salmos, na versão siríaca, são chamados de “Cânticos da subida desde a Babilônia”. Isso está de acordo com a visão que temos deles aqui. E podemos notar que a mesma palavra hebraica é usada em referência à viagem ou subida dos cativos da Babilônia à Jerusalém, como é usada para expressar o título desses Salmos (Ed 7:9), passagem essa que confirma isso ainda mais.

Gostaríamos agora de destacar cada um deles um pouco mais particularmente.

Salmo 120

Este Salmo ainda se adequa devidamente a um Israelita, (embora prestes a deixar de ser) um cativo relutante na Babilônia, ou nas moradas da iniquidade. A língua, como aqui, é frequentemente notada como o ofensor especial contra Deus e Seu povo. Doegue, Simei, as falsas testemunhas (Sl 12, 52) assim ofenderam. E o mesmo acontecerá com o último inimigo (Jd 15-16) de acordo com o seu tipo, o chifre pequeno (Dn 7:25). Mas brasas vivas de zimbro e as flechas agudas do Valente (Cristo – Ap 19) o aguardam; e o cativo, embora ainda em cativeiro, encoraja o pensamento desse juízo sobre seus inimigos. O cidadão de Jerusalém pode muito bem pronunciar a linguagem dos versículos 6-7, enquanto ainda está na Babilônia; pois uma é a cidade de Deus, *“a cidade da paz”*; a outra, a cidade do homem, *“a cidade da confusão”*.

NOTA: Os próprios Judeus entendem este Salmo como do presente cativo, do qual esse, o da Babilônia foi o exemplo ou precursor, como sabemos.

Salmo 121

Aqui, como se o decreto de libertação tivesse acabado de ser publicado, o Israelita olha para Deus em busca da jornada esperada e recebe uma resposta de paz. E que companhia diferente é essa para o pobre Israel de Deus! Nas tendas de Quedar antes, ele tinha a língua falsa contra si; agora, na jornada para casa, ele espera em seu Senhor vigilante. Essa não seria a antiga glória da Coluna manifestada que o guiava, mas ainda havia igual cuidado e certeza dos olhos do Pastor vigilante sobre Seu povo – vigilante, embora invisível.

E as promessas aqui feitas ainda são para o retorno de Israel no último dia (veja Isaías 49:9-10).

O versículo 1 me leva a dizer isto – que devemos acostumar nossa alma a olhar mais para nossos *recursos* do que para nossas *necessidades* ou *dificuldades*. **“Elevo os olhos para os montes: de onde me virá o socorro?”**. O Senhor ordena isso; como, por exemplo, em Deuteronômio 7:17-19. E o que é Romanos 8:31-39, senão o santo que se vangloria de seus recursos diante de todas as necessidades? Devemos familiarizar nosso coração com as promessas e provisões da graça, para que, quando surgir a ocasião, possamos entrar no campo de batalha, como o exército de Josafá, com a doce voz dessas promessas, como instrumentos de música, em nossos ouvidos, e sermos levados adiante nessa alegria para a vitória. Pois **“alegria... é... força”**, como Neemias disse à congregação (Ne 8:10).

Os versículos 3-8 parecem ser a linguagem de um oráculo divino entregue em resposta à fé expressa nos versículos 1-2.

Salmo 122

Este cântico pode ter sido inspirado para o uso dos adoradores que subiam para as festas; mas era adequado para os cativos que retornavam, os quais, no Salmo anterior, estavam antecipando o cuidado de Deus por eles na jornada, e agora antecipam o fim dessa jornada e a recuperação da casa do Senhor. Portanto, pode ser a aspiração de qualquer alma renovada olhando para Jerusalém nos céus. E certamente servirá ao Remanescente afligido pelos problemas do último dia.

O salmista celebra de maneira muito bela a cidade de Deus como a cidade da paz, o lugar onde Deus gravou Seu nome, a cena de gozo e louvor, o centro de adoração e de todas as santas solenidades, e também a sede do governo de Jeová. Ela é saudada como o testemunho tanto do Trono como do Templo, onde a Glória e a Espada habitavam juntas, onde, como falamos, uma Teocracia é manifestada. Ele convida os outros a buscar a paz dela e, finalmente, dirige-se a ela com calorosas garantias de amor, tanto por causa de seus irmãos quanto por causa do Senhor seu Deus; pois o ajuntamento solene deles estava ali, e *Sua Casa* estava ali.

Salmo 123

O suplicante (identificando-se com os outros) olha, em meio às reprovações dos adversários, para o Senhor nos céus; tomando para si a mente feliz de um servo, que pode esperar cuidado e proteção da mão d'Aquele a Quem serve. Pois o versículo 2 expressa a atitude de *confiança*, não de *sujeição* – *embora* naturalmente *sujeição* esteja implícita. E *proteção* pode ser reivindicada onde *sujeição* é prestada.

Isso se adequa à expressão dos cativos, no momento em que eles estavam partindo em sua longa e árdua jornada; aqueles que estavam **“à vontade”** na Babilônia naquele momento zombavam deles e os desprezavam. Os **“soberbos”** de lá só então os teriam visto como um grupo de pobres peregrinos, uma marca

adequada para seu escárnio. Eles suportam o mesmo desprezo em sua presente dispersão entre os pagãos ou gentios (Jr 30:17). O dedo ainda é apontado.

A alma vivificada, apenas começando a voltar-se para Jesus, deve contar com tal desprezo. Pois, em espírito, este Salmo é a linguagem de todo santo que deve entender o que é o desprezo dos soberbos e sofrê-lo de bom grado. **“Estás louco, Paulo! As muitas letras te fazem delirar!”**.

Salmo 124

Este Salmo é proferido sob uma calorosa percepção de alguma nova e distinta misericórdia. É adaptado aos cativos que retornam, pois acabaram de superar o desprezo de seus inimigos caldeus, que, como vimos, estavam sentindo no Salmo anterior. Mas ele mostra que eles haviam suportado perseguição, bem como desprezo – tal perseguição que os teria destruído, se não fosse pela ajuda pronunciada do Senhor.

No dia da oposição dos homens, esta declaração pode, da mesma maneira, servir a qualquer alma piedosa; e pode, não duvido, ser especialmente usada pelo Israel dos últimos dias, que deve suportar muito dessa oposição vinda dos homens da Terra, que têm sua porção no mundo do homem.

Salmo 125

Como o Salmo anterior foi proferido sob a percepção de alguma recente libertação, este Salmo é a expressão de estar conscientemente mais distante de tudo o que aflige ou ameaça. O Israel de Deus aqui desfruta de calma após a tempestade. O coração dos cativos que retornam agora está em paz; e o resgate deles da Babilônia os ensinou que, embora o Senhor possa por um tempo usar os ímpios como uma vara de ira sobre Seu povo, Ele não deixará essa vara repousar ou permanecer sobre eles. Ele combaterá com Sua vara, dando-lhe uma medida de *duração*, bem como uma medida de *severidade*, lembrando graciosamente

que o espírito poderia falhar sob uma opressão muito longa (veja Eclesiastes 7:7). De fato, Ele encerrará Sua indignação contra Israel pela destruição daquela vara (Is 10:5-25).

Israel, então, deseja ainda mais o bem do Senhor, e eles se asseguram de que Ele tratará com justiça os hipócritas e os malfeitores. E assim a nação será purificada no último dia de tudo o que não é o Israel refinado de Deus, a parte trazida através do fogo.

Mas neste Salmo podemos dizer quão surpreendentemente os pensamentos do Espírito nos profetas expressam a provisão variada do Senhor para o Seu povo! Ele plantará montes à roda de Sião quando ela precisar de segurança; Ele espalhará uma planície ao redor dela quando ela precisar se aquecer à luz da glória (veja o versículo 2 e Zacarias 14:10)

Salmo 126

Os resgatados do Senhor, que agora estão a caminho, como vimos, lembram-se de seu regozijo quando o decreto de Ciro foi publicado, e também das gentis palavras de alguns de seus vizinhos naquela ocasião. Pois na multidão ao redor da cruz, enquanto havia aqueles que clamavam: **“Crucifica-O, crucifica-O”**, havia também as filhas de Jerusalém que choravam. Isso também tem sido comumente visto no martírio dos santos. E eles aparecem aqui no retorno de Israel da Babilônia. Alguns os desprezavam (Sl 123:3-4), enquanto outros se congratulavam com eles (v. 2).

Os cativos em seu retorno, e isso muito naturalmente, lembram sua oração (v. 4), e são capazes de extrair a moral de toda a história (vs. 5-6) – uma moral, também, que marca a história do próprio Cristo e de todo o Seu povo. Depois, Ele semeou em lágrimas sobre Jerusalém (Lc 19:41), mas, em breve, Ele segará com alegria (Is 65:18-19).

Quão pouco os crentes percebem o gozo da libertação expressada neste belo Salmo. Os cativos, por decreto de Ciro, eram como homens que sonhavam. Era como se alguma ousada ficção houvesse enchido o coração deles, tão extasiados estavam com a alegria daquele momento. Oh, que possamos conhecer isso quando pensamos na salvação e em Jesus! O eunuco seguiu seu caminho jubilando-se, e o regozijo parece tê-lo deixado indiferente à estranha partida de seu querido companheiro. Como nosso coração deveria cobiçar esse saciante deleite n'Ele!

NOTA: Não podemos deixar de notar que Ciro, o conquistador da Babilônia e o libertador de Israel, é uma figura de Cristo, e assim tratado por Isaías (veja Isaías 44-45). Ele e suas conquistas foram nomeados e descritos por aquele profeta quase 200 anos antes de Seu nascimento.

Salmo 127

Este Salmo também é adequado aos cativos que retornavam, os quais, durante a jornada, precisavam ter a casa e a cidade em perspectiva, bem como as alegrias de lares e famílias novamente diante deles, quando sua frutificação e prosperidade em sua própria terra dariam uma triunfante resposta a muitas palavras de escárnio de seus arrogantes adversários. E assim será com o Remanescente nos dias vindouros, quando, embora em provações, eles terão expectativas dadas a eles pelo Deus da esperança. E este Salmo é uma confissão devota de que essas bênçãos esperadas, sim, que toda força e bênção vêm somente de Deus, e que sem Ele o trabalho humano é vaidade (veja Zacarias 4:6).

Mas muitas vezes (quantas vezes!) há exercício de espírito onde todos devem estar quietos (v. 2) **“estai quietos e vede o livramento do SENHOR”**. É a incredulidade que levanta tudo isso. Assim como Jacó: ele estava *orando* quando deveria estar *descansando na promessa* (Gn 22). Ele teme, calcula e resolve tudo de acordo com o melhor conselho do homem, quando,

como herdeiro da bênção e possuidor da primogenitura, deveria ter confiado e descansado. No entanto, o mesmo não aconteceu com Pedro. Na sua prisão, entre dois soldados e amarrado com duas correntes, ele dorme, e dorme tão profundamente na promessa e suficiência de Deus, que seu libertador tem que tocá-lo no lado para despertá-lo (At 12). E como dormia o verdadeiro "*Amado Bendito*", quando ventos e ondas estavam ao Seu redor (Mc 4).

Salmo 128

Pensamentos decorrentes das mesmas expectativas continuam. A felicidade de um cidadão de Sião, em sua prosperidade temporal, em seus prazeres familiares e na paz e honra de seu país, é descrita. Pode ter sido, assim como o Salmo anterior, a linguagem de Salomão; pois em seus dias os cidadãos de Sião se manifestaram assim em sua prosperidade. Mas também, como o anterior, combina bem com os cativos que retornam; pois eles voltam, é claro, cheios de visões de toda essa felicidade. E será a gozosa expectativa do Israel de Deus nos dias futuros.

A felicidade da família patriarcal é aqui aguardada; pois isso será revivido no reino da Terra (v. 6 e Gn 1:28). Os prazeres humanos na ordem familiar e nas bênçãos terrenais em geral serão a porção de Israel nos dias do reino. Como antigamente, nos dias que eram figurativos do reino, lemos que **"eram, pois, os de Judá e Israel muitos, como a areia que está ao pé do mar em multidão, comendo, e bebendo, e alegrando-se"** (1 Rs 4:20).

Salmo 129

Aqui, o mesmo grupo tem uma *lembrança*, pois nos dois Salmos anteriores eles tinham uma *perspectiva* em mente. Eles olham para trás aqui, como lá eles estavam olhando para frente. Lá o que os ocupava era a bênção esperada em Jerusalém, aqui suas aflições lembradas na Babilônia – sim, as aflições de sua nação desde a infância.

Tudo isso é um exercício variado e natural do coração de um povo em seu caminho; como nossa alma também o tem ao atravessar este mundo de confusão indo para casa, para nosso Deus e para o repouso que nos espera.

Os resgatados do Senhor relatam suas injustiças sofridas pelas mãos de seus inimigos, e a sua libertação pelo Senhor; e esperam um julgamento justo sobre os que odeiam Sião – tudo isso servirá para outra geração de Israel em uma condição semelhante. E novamente eles publicam que o próprio Senhor era tudo para eles. Eles contrastam também o estado desfalecido e murcho dos ímpios com seu próprio estado de florescimento que acabamos de apresentar nos Salmos anteriores (veja também o Salmo 1; Jeremias 17). A rápida destruição do inimigo e dos ímpios no último dia, mesmo no exato momento de seu maior orgulho, também pode estar indicada. Pois esse será o destino, conforme a Palavra de Deus, tanto da Babilônia quanto da besta (Dn 11:45; Ap 18:10).

Salmo 130

Este Salmo exprime o gozo e a confiança que brotam da simples percepção do amor perdoador de Deus; pois somente isso, sem ajuda, tem o poder de transformar o pecador convicto em um adorador aceito e um que aguarda a glória (Rm 5:1-2). É o evangelho que aqui é aprendido e desfrutado pela alma. A pobre alma havia estado clamando desde suas próprias profundezas, porém, apreendendo o amor perdoador de Deus, foi imediatamente levada a cantar sobre Suas alturas e aguardar por Ele.

É um belo resumo de Romanos 7-8 – perfeito, embora tão curto. Pois aqui, como lá, a alma é ouvida pela primeira vez como nas tristezas da convicção; depois, no firme terreno da confiança; e então, nas brilhantes elevações da esperança, os anseios e expectativas de um herdeiro de Deus. E este é um evangelho, adequado para ser a expressão de cativos que retornam, de

qualquer alma conscientemente em seu caminho em direção a Deus, e também, do Israel despertado e exercitado do último dia. E como nos três Salmos anteriores ouvimos os cativos que retornavam, lembrando-se da Babilônia agora atrás deles, e antecipando Jerusalém agora diante deles, aqui neste Salmo eles também têm lembranças e antecipações, mas de caráter mais profundo, pessoal e espiritual.

O pecador, conscientemente aceito, pode corajosa e alegremente dizer a seus companheiros pecadores que olhem junto com ele para Jesus – como aqui a alma chama Israel a esperar no Senhor por causa de Sua misericórdia e salvação.

Salmo 131

A feliz confiança do Salmo anterior não deve ser condenada como presunção. Eliabe pode acusar Davi de maldade e de um coração presunçoso, mas não é assim. A esperança **“no Senhor”** será ousada; e assim era a de Davi então, e assim é a da alma nestes Salmos, e assim é o de todo pobre pecador que recebe a graça e a salvação do evangelho.

Este Salmo, portanto, segue o anterior de forma impressionante e bela. Esse foi o sentimento, possivelmente, do realmente manso Davi, ao se desviar da reprovação de Eliabe (1 Sm 17:28-30). Mas este Salmo poderia depois ter sido usado alegremente pelo Israel resgatado, que estava então livre e confiante na salvação de Deus. E essa segura **“esperança no Senhor”** é sempre, quando real e espiritual, combinada com a quietude e a submissão de uma criança desmamada.

Essa alusão a Davi leva-me, por um momento, a olhá-lo em 1 Samuel 16-17. Podemos chamar o tempo desses capítulos de juventude ou primavera da alma de Davi. E quão maravilhosamente simples e quão cheio de verdadeira dignidade moral é!

Ele era o negligenciado da família. Mas estava contente em ser assim. Ele cuidava prontamente das ovelhas no campo, enquanto seus irmãos mais estimados permaneciam em casa para receber os convidados e fazer as honras da casa.

Com a chegada do profeta Samuel, ele é chamado. Mas como o desprezo não o desanimou, as distinções não o exaltam. Assim que a ocasião termina, ele está de volta entre os rebanhos.

Ele é então convocado à corte do rei para fazer um serviço que ninguém além dele poderia fazer. Mas, novamente, quando o serviço termina, ele está no deserto com suas poucas ovelhas, desprezado, mas contente (1 Sm 17:15).

Ele foi chamado uma terceira vez. Ele agora tem que ir ao arraial, como antes foi à corte. Mas depois de realizar os maiores feitos, ele está disposto a ser ainda desconhecido e, sem pensar em ressentimento, diz quem ele era para aqueles cuja ignorância sobre ele era em si uma espécie de desprezo ou indignidade (1 Sm 17:55, 58)

Que beleza, que verdadeira elevação de alma! E qual era o segredo de tudo isso? *Ele encontrou sua satisfação em Cristo*. O aprisco era tão importante para ele quanto a corte ou o arraial, porque **“o Senhor era com ele”**. Ele não vivia de entusiasmo, nem se afundava na indiferença. Ele fez o mundo saber que era independente do que eles poderiam lhe dar ou fazer a ele. Uma conquista abençoada! Pode nos lembrar daquelas palavras afetuosas dos Hinos de Olney:

*“Contente em contemplar Seu rosto,
Tudo ao Seu prazer resignei,
Nenhuma mudança de estação ou lugar
Poderia mudar minha mente.*

*Quando abençoado com a sensação do Seu amor,
Um palácio pareceria um brinquedo;
E prisões se transformariam em palácios*

Se Jesus estivesse comigo lá”.

Salmo 132

Este Salmo é a súplica de Salomão ao Senhor para se levantar e tomar posse da Casa que ele havia construído, com base no zelo e aflição de Davi, e no próprio concerto e promessas do Senhor (vs. 1-13). O Senhor parece responder imediatamente a isso com promessas ainda maiores do que fizera antes, e com bênçãos mais ricas do que Seu servo desejara (vs. 14-18).

Pois este é o Seu caminho – isso é divino. Até mesmo a promessa de Seus próprios lábios, bem como o desejo do coração de Seu povo, é excedido. E a promessa que era condicional (v. 12) agora é sim e amém em Cristo Jesus (vs. 17-18).

Acho que vejo uma mente muito correta, se assim posso dizer, em Salomão aqui. Pois enquanto ele deseja a bênção de Deus sobre si mesmo, o **“ungido”**, ele a deseja em conexão com a presença de Deus, ou com a entrada da Arca em seu descanso. Isso é exatamente como deveria ser. Podemos buscar a felicidade se a buscarmos no e com o Senhor.

A Arca tinha sido uma estrangeira nos dias de Saul (1 Cr 13:3). O primeiro desejo de Davi era restaurá-la; e este Salmo mostra que esse desejo o consumia. Podemos admitir isso, quando entendemos Davi como nos foi apresentado em 1 Crônicas. E isso em Davi é pleiteado aqui por Salomão. Então, Jesus poderia dizer: **“O zelo da Tua casa Me devorará”**. Restaurar a Deus uma morada entre os homens, e trazer o homem de volta a Deus, foi a fonte de Suas energias, o segredo de Suas muitas aflições. As dores e a cruz de Jesus abriram um caminho para que a glória retornasse, ou para que a presença de Deus, há muito tempo afastada, enchesse novamente a Terra em sua estação; assim como o mesmo sangue já rasgou o véu e está preparando moradas na casa celestial para nós.

A **“lâmpada”** (ou **“lâmpada de fogo”** Gn 15:17 conforme – KJV), que aqui é prometida para brilhar no reino do Filho de Davi em breve, foi espiada de longe por Abraão que assim viu o **“dia”** de Cristo e se **“exultou”**. Esse tem sido o desejo de Cristo e de Seu povo, durante todo o tempo da noite deste mundo presente (Is 62:1). O próprio Senhor, em resposta a esse desejo, a acenderá no devido tempo (Sl 18:28). E então ela brilhará em todo o seu esplendor no reino (Is 60:1).

Assim, o **“chifre [a força – ARC]”** (JND) irá então **“brotar”**, como aqui também prometido. O carvalho de Judá, o tronco de Jessé, há muito tempo é um toco seco. Mas a sua substância tem estado nele, embora esteja desfolhado (Is 6:13); e no último dia, trazido para fora, como a vara de Arão, como vinda da presença de Deus (Nm 17), ele reviverá, brotará e será frutífero. **“As misericórdias de Davi”** são **“firmes”** em Jesus ressuscitado (At 13:34 – TB).

Temos tudo isso neste magnífico Salmo de Salomão. E sendo de tal caráter, poderia de maneira muito feliz ter sido usado pelos cativos, agora se aproximando desta casa que Salomão havia construído para o Senhor. E assim pode ser novamente retomado pelo coração e pelos lábios do povo nos dias do reavivamento de Israel, quando a expectativa conta com um rápido cumprimento.

Salmo 133

O Salmo anterior era uma expressão dos cativos, aproximando-se de Jerusalém ou da casa de Deus. Isso vem em ordem e é apropriado para eles quando estão prestes a entrar naquela casa. Pois ela era o centro das tribos, o lugar da comum alegria de Israel, onde, conseqüentemente, o precioso óleo da unidade fraternal, como aqui declarado, foi derramado, de modo a tornar o lugar bom, suave ou agradável e frutífero sob o orvalho da bênção divina. Posso supor que isso tenha sido lembrado por alguns nas primeiras reuniões dos santos do Novo Testamento em Jerusalém, no dia de Atos 2. Também pode ser o suspiro do santo na alegria de seu coração ao contemplar a concórdia dos irmãos. E pode vir a servir para o Israel de Deus nos últimos dias, quando seu desejo por paz e restauração for satisfeito; pois os dias vindouros do reino foram assim antecipados, – **“Naquele dia, diz o Senhor dos Exércitos, cada um de vós convidará o seu companheiro para debaixo da videira e para debaixo da figueira”** (Zc 3:10). O “lar”, quando alcançado pelos irmãos que retornam, testemunhará e garantirá sua **“unidade”**.

Abençoada perspectiva! Isso deve nos armar com um espírito de paciência e longanimidade enquanto estivermos a caminho; pois tudo ficará bem em breve. Estamos a caminho **“do que é perfeito”**. *“Todo Cristão está trilhando o aumento de sabedoria e bondade, e chegará um momento em sua jornada, em que os seres muito elevados, os antigos extremamente capazes e eficientes em virtude, o considerarão seu companheiro digno e se deleitarão em sua conversa”*.

Salmo 134

Tendo agora entrado na casa, os adoradores a enchem imediatamente com a bênção do Senhor. Isso está no espírito de Melquisedeque – adequado à sua posição na **“esperança da glória”**; pois eles bendizem o grande Deus e abençoam os outros

em Seu nome, em nome do Possuidor dos céus e da Terra, como fez aquele rei de Salém. Ele havia habitado sozinho nos altos lugares de sua glória, sem que os caminhos do mundo o perturbassem, nem mesmo a história do povo de Deus o notasse, até que os servos de Deus terminaram sua guerra. E então ele apareceu. Esse era o momento devido para seu resplendor, trazendo consigo suas recompensas, seu refrigério e sua bênção. Aquelas moradas solitárias de glória, onde ele estivera morando como em um templo e um palácio, foram reveladas, e Seus ricos tesouros apresentados. Como aqui, a voz do mesmo santuário, a Sião de Melquisedeque, saúda os cativos que retornaram.

Este é um jubiloso final para o caminho deles através do deserto. E, além disso, é feliz observar que esses dois Salmos, 133 e 134, nos apresentam dois aspectos da casa de Deus que, como vimos, os cativos que voltaram, agora chegaram – isto é, a unidade do povo de Deus e o louvor do povo a Deus – a alegria da família, e a glória de sua Cabeça; pois a Casa de Deus sempre, em princípio, provê e exhibe essas coisas. É a morada do amor e o átrio do louvor.

E deixe-me acrescentar isso – que a alegria divina no Senhor tem um poder moral maravilhoso. Como Neemias, no dia do reavivamento, o dia da Lua nova, ou da Festa das Trombetas, o primeiro dia do sétimo mês, disse à congregação de Israel: **“porque esse dia é consagrado ao nosso Senhor; portanto, não vos entristeçais, porque a alegria do SENHOR é a vossa força”** (Ne 8:10).

Temos um exemplo disso em 1 Crônicas 12:30-40. Foi um momento brilhante e animado. Davi deveria ser feito rei e, como lemos, **“havia alegria em Israel”**. Judá não poderia então ter provocado Efraim, nem Efraim poderia então ter invejado Judá. A alegria comum havia unido todos os corações, levou-os para longe e fez deles suas próprias criaturas. Uma tribo era, portanto, a serva pronta da alegria de outra. Nenhum sentimento particular poderia ser tolerado, nem interesses separados consultados. Foi

um dos dias dos céus sobre a Terra (Dt 11:21); a congregação de Israel sentiu esse poder, como Pedro sentiu o do monte santo. Pois quão disposto ele estava então, por causa da alegria de seu coração em ser o servo dos outros. **“Mestre, bom é que nós estejamos aqui e façamos três tendas, uma para Ti, uma para Moisés e uma para Elias”.**

Salmo 135

Este Salmo é do mesmo caráter que o anterior. Não é intitulado **“cântico dos degraus”**, nem tem, de fato, qualquer título. É uma espécie de adjetivo para o Salmo anterior. Pois a congregação ainda está na casa de Deus – o átrio de louvor, ao qual, como vimos, eles acabaram de chegar. De Sião, Deus ainda está brilhando.

O próprio *Senhor* é louvado, e Seu *nome* é louvado – Seu nome, como distinto d'Ele mesmo, sendo aquela variada honra e dignidade que Ele adquiriu por Seus poderosos feitos.

E o Senhor de Israel é aqui glorificado como o único Deus verdadeiro que faz a Sua vontade nos céus e na Terra, e que também obteve para Si vitória e honra no Egito, entre os amorreus, em Basã e nos reinos de Canaã, mas tudo por causa de Seu povo e em favor dele. E quão abençoada é essa associação! O Senhor que formou e estendeu os céus, e ninguém menos do que Ele, foi Quem dividiu Canaã por sorte entre as tribos. Aquele que mede as águas na concha de Sua mão é Aquele que reúne os cordeiros em Seu seio e os carrega em Seus braços (Is 40)

E muito devidamente este Salmo dos cativos que voltaram, preparado para aqueles que estão nos átrios do Senhor, declara a vaidade dos ídolos; pois isso acabara de se manifestar na queda da Babilônia e no decreto do Persa para permitir que Israel se afastasse daquela fortaleza de idolatria. O nome do único Deus verdadeiro, o Deus de Israel, assim permanece para sempre, enquanto os memoriais de todos ao redor perecem para sempre (veja também o versículo 14 e Deuteronômio 32:36).

Salmo 136

Este Salmo tem o mesmo caráter geral. Ainda está anexado, sem nenhum título novo, ao Salmo 134, como já observamos que o Salmo 135 também está.

É um Salmo que desperta pensamentos particularmente felizes. Ele nos fala, e ecoa repetidas vezes, a alegria e o cântico que estão preparados para a eternidade.

Os Judeus dizem que estão preparados para os dias do Messias, o que significa, em seus pensamentos, os dias do reino. E certamente é assim. É um hino nacional milenar no qual, ao ser revisto, tudo é encontrado para despertar a gratidão da nação.

Em contraste, observamos que este Salmo vê *misericórdia* onde o Salmo 135 viu *glória*. A criação dos céus e seus acontecimentos diários, os divinos tratamentos com o Egito, com os amorreus, com Basã e com os cananeus, todos eles declararam o *nome* ou a *glória de Deus*, e atraíram *louvor* (Salmo 135); mas agora as mesmas coisas são celebradas como a publicação de Sua *misericórdia*, que despertam *ações de graças* (Salmo 136). E isso é assim. Os mesmos caminhos e obras do Senhor publicam tanto Seu nome quanto Sua misericórdia, Sua glória e Sua graça. Com a mesma clareza e certeza eles *honram a Ele próprio e abençoam Seu povo*. E assim, eles são o tema tanto de *louvor* quanto de *ações de graça* de Seus santos. O louvor primeiro abre os lábios (Salmo 135) e, em seguida, as ações de graças (Salmo 136). Pois é para o nome ou a glória de Deus, como refletidos em Suas obras, que eles primeiro olham, e depois para suas próprias bênçãos ou proveito dessas obras. Seu *Nome* permanece perpetuamente (Sl 135:13) e Sua *misericórdia* também (Salmo 136 – ARA).

E, com certeza, Deus uniu Seu louvor e nossa bênção em todos os conselhos e obras que Ele formou e executou. E tal coisa é digna d'Ele. No jardim do Éden, ou na criação, Ele proveu para Sua própria honra e para a felicidade de Sua criatura. Em Canaã, ou no assentamento de Israel, ainda era o mesmo; o santuário, erguido

no meio da terra e do povo, testemunhava o serviço constante de Deus e da congregação; o mesmo altar encontrando o que Lhe era devido como o Senhor do Templo, e as necessidades deles como pecadores, dia após dia. Então, no nascimento do Senhor Jesus, a palavra dos anjos era esta: **“Glória a Deus nas alturas e paz na Terra”**. E na mesma graça e sabedoria imutáveis, quando no final a Santa Cidade descer do céu, trará consigo **“a glória de Deus”** e **“a árvore da vida”** – testemunhará a honra de Deus e a saúde e felicidade da criatura. Assim, do começo ao fim, em cada cena e dispensação da energia divina, vemos essas duas coisas unidas, como esses dois Salmos em sua ordem celebram.

Mas, a propósito: o tema deste Salmo muito alegre foi chamado de coro Judaico – **“porque a Sua benignidade [misericórdia – ARA] dura para sempre”**. Foi ouvido em Jerusalém nos dias de Salomão (2 Crônicas 5), pois aqueles eram, em figura, os dias da glória. E isso foi ouvido antes, quando Davi trouxe a Arca para o seu lugar (1 Crônicas 16). E depois, quando os cativos que voltaram estavam lançando os alicerces do segundo templo (Esdras 3). Pois essas ocasiões também tinham sabor do reino ou da alegria da nação. E aqui este Salmo ou coro nacional é cantado, enquanto os cativos completam sua jornada e permanecem na cidade santa novamente. E será elevado com uma alegria ainda mais sublime, quando Israel aprender **“os cânticos de Sião”**, nos dias do reino.

Salmo 137

Este Salmo também não tem título. Portanto, ele pode ser lido como os Salmos anteriores, como sendo a linguagem dos cativos que chegaram em Jerusalém. Eles se lembram de seu cativeiro na Babilônia e que naquele momento não tinham música (veja Tiago 5:13). Eles se recusaram a colocar suas harpas em qualquer cântico que não fosse aquele que celebrasse Sião, ou a ter cântico na presença dos inimigos de Sião. Eles agora se lembram disso. E essa lembrança é fácil e natural. Eles agora estavam colhendo com alegria, mas no meio da colheita, eles se lembram

de como haviam semeado em lágrimas. E a festa dos Tabernáculos, que era a grande época da festividade Judaica e a figura da alegria milenar da nação, retinha as mesmas lembranças. Pois o povo então habitou em tendas sete dias em *lembrança do deserto*. Mas todos esses pensamentos do passado apenas dão entusiasmo e plenitude ao presente; como nosso próprio coração bem entende.

O Israel que retornou, também deseja juízos sobre seus opressores. Isso ainda está em seu caráter. E esses exercícios do coração estão de acordo com os padrões celestiais. Pois, no Apocalipse, ouvimos os santos glorificados assim ocupados de várias maneiras, seja contando sua alegria presente, lembrando-se de sua tristeza e degradação passadas, ou antecipando o juízo vindouro de seus inimigos (veja Apocalipse 5, 7, 11), eles celebram Cristo como Parente-Redentor; e esperam Cristo como Parente-Vingador. E, quando Ele Se levanta para agir como Vingador, eles são então preparados para triunfar em Seus juízos (Ap 19), como antes haviam sido para celebrar Sua graça (Ap 5); como a mãe em Israel de antigamente cantou: **“Louvai ao Senhor pela vingança de Israel”** (Jz 5:2 – ACF).

Edom e Babilônia são os inimigos vistos pelo longamente afligido Israel de Deus. Babilônia, sabemos, é amplamente tratada como um mistério na Escritura. Quanto a Edom, podemos apenas notar que seu julgamento também é terrivelmente anunciado. **“Enquanto se alegra toda a Terra, a ti te porei em assolação”** (veja Isaías 34; Jeremias 49; Ezequiel 35; Obadias 1; Malaquias 1). Pois Esaú (chamado de **“profano”**) deliberadamente, desistindo de seu interesse em Deus, tomou em troca o mundo como sua porção.

Mas, voltando-nos aos pensamentos mais felizes deste belo pequeno volume (Salmos 120-137), podemos observar que ele nos mostra que, enquanto Israel estava na Babilônia, eles não tinham cânticos; enquanto estavam a caminho de casa, eles tinham cânticos ocasionais; mas depois que chegaram em casa,

eles tinham cânticos constantes – seja de bênção (Salmo 134), de louvor (Salmo 135) ou de ações de graças (Salmo 136), continuamente. O mesmo acontece com o crente. Ele aprende que toda a sua diversão antes de conhecer o Senhor deveria ser vergonha e tristeza; então, ele vivencia celebrações mistas de alegria e tristeza, de oração e louvor; mas ele anseia ser um morador na casa de Deus, e então ter cânticos e regozijos indivisíveis para sempre.

Podemos observar, no entanto, além disso, que lendo esses Salmos como as expressões do Remanescente que retorna e que já retornou, e ao ver esses cativos também à luz dos livros de Esdras, Neemias e Ester, podemos julgar que, enquanto estavam na Babilônia, que a alma deles foi mais abençoadamente exercitada do que a nação havia sido no Egito antes; e durante seu retorno da Babilônia, mais do que Israel no deserto. Não havia a mesma glória manifestada, mas, mais da energia espiritual interior. A nuvem não estava sobre eles, mas o coração exercitado estava neles. Enquanto na Babilônia, eles penduravam suas harpas em salgueiros; quando se levantam para partir, exercem uma bela fé às margens do Aava; enquanto viajam, eles despertam suas almas com um cântico ocasional; e em seu retorno, embora em fraqueza e desprezo, eles se dedicam a servir e cantar.

Salmo 138

Este Salmo é um de especial interesse para a alma. No Salmo 56, a alma se regozijou *na Palavra* acima de tudo. Tudo em Deus era motivo de louvor, mas acima de tudo, Sua Palavra, Sua promessa, Seu concerto. **“Em Deus louvarei a Sua Palavra”** (Sl 56:4, 10).

Neste Salmo *a Palavra* é louvada novamente – estimada, acima de todo o nome de Deus ou da revelação de Si mesmo. O adorador reconhece que ele havia clamado, e o Senhor o tinha ouvido. Isso foi para a honra de Sua Palavra; essa foi a fidelidade de Sua promessa. Mas sabemos que é somente no Filho de Deus,

Jesus Cristo, que todas as promessas são, portanto, sim e amém (2 Co 1:19-20), e que Ele mesmo, em um sentido excelso, é a *Palavra*. De modo que este Salmo é como a linguagem de uma alma após a descoberta de Jesus. Ele aprende **“o Verbo”** (Jo 1:1) ou **“a glória de Deus na face de Jesus Cristo”**, e vê que Deus Se magnificou nessa revelação além de todas as outras, e que ali Ele brilha, cheio de benignidade e verdade, ou, na linguagem do Novo Testamento, de **“graça e verdade”** (v. 2; Jo 1:14). Deus publicou Seu Nome repetidas vezes no progresso da história deste mundo. Ele revelou sucessivamente a glória dele. Ele é **“Deus”, “o Senhor Deus”, “Deus Todo-Poderoso”, “Jeová”**; e agora Ele Se revela em plenitude na luz, na glória e na bem-aventurança de Seu Nome no Novo Testamento.

Após essa descoberta, todo tipo de gozo e bênção é antecipado; pois o clamor do pecador foi respondido e a alma foi fortalecida. Os reis são ouvidos não apenas temendo ou caindo (veja Salmo 72, 102), mas cantando nos caminhos de Deus. Os humildes são exaltados, os orgulhosos são humilhados, de acordo com o ministério de Jesus (Mt 23:12), e a pregação de Seus apóstolos (v. 6; Tiago 4:6; 1 Pedro 5:5). Gozo na angústia, vitória diante dos inimigos, sim, reavivamento ou ressurreição, são antecipados, e a plena realização de tudo o que diz respeito à alma que assim apreende e confia nesta preciosa revelação de Deus. Pois assim é a própria obra de Deus, como ensina o Evangelho – **“Nós somos feitura Sua, criados em Cristo Jesus”**, como é afirmado aqui, com verdadeira confiança e liberdade do Evangelho. E esta é a confiança mais elevada e abençoada – o crente fazendo sua causa a causa de Deus. Como o profeta disse: **“a peleja (batalha – KJV) não é vossa, senão de Deus”** (2 Cr 20:15), quando ele, por meio do Espírito Santo, encorajaria o exército de Israel e o rei Josafá. A bênção do santo é, portanto, a causa de Deus: e a confiança é que ela nunca será esquecida.

Salmo 139

Este Salmo parece acompanhar o anterior. É como a festa dos Pães Asmos que acontece na Páscoa. Pois na festa, a *graça*, é apresentada; aqui é a *santidade*, de nosso chamado em Cristo Jesus. Pois a luz é a luz de Deus, confortando o pecador, mas repreendendo o pecado.

O crente começa confessando a temível realidade de que *Deus o conhece*. Isso era esmagador para uma alma devidamente convencida do pecado. Mas ele encontra alívio total e ocasião para louvor nisso, pois *ele conhece a Deus*; e O conhece também, no mistério da sepultura de Cristo e da nova criação lá (Ef 2:5). Esta é a espantosa e maravilhosa obra: Eva tirada do Adão adormecido. Isso imediatamente coloca nos lábios o louvor, o desejo de purificar ainda mais a alma e a prontidão, não o medo, para ser examinado pela inquiridora **“Palavra de Deus”** (Hb 4), para que nenhum fermento possa ser encontrado naquilo que agora é conscientemente a morada de um Israelita. O senso da graça mais rica está, portanto, em companhia do mais estrito ciúme de santidade (Salmos 138-139). A Páscoa e a Festa dos Pães asmos ainda estão juntas.

Talvez não haja lugar nas Antigas Escrituras onde a unidade mística de Cristo e Seu santo seja mais distintamente reconhecida.

NOTA: – O corpo humano é, como sabemos, tratado como o símbolo da Igreja ou do Cristo místico. Ambos foram formados de modo assombroso e tão maravilhoso (ACF). E esse **“grande... Mistério”** é visto neste Salmo.

Ele é ouvido como nos lábios do próprio Cristo (vs. 14-16), pois pessoalmente, se assim posso expressar, Cristo é ouvido nesses versículos. O tema era bastante digno de Seus próprios lábios e de Sua própria presença pessoal. O santo convencido, guiado por Seu Espírito, tinha, como observamos acima, reconhecido a perscrutadora luz de Deus, e ela era solene para a alma (vs. 1-13);

mas agora, tendo ouvido essa bem-vinda e animadora interrupção dos lábios de Cristo (vs. 14-16), ele continua com suas meditações e comunhão, mas no pleno alívio de alguém que tinha, em espírito, bebido no refrigerio de tal mistério (vs. 17-24). E agora o *feliz* santo pode desejar (em seu amor a Deus e à santidade e justiça de Seu poder) *apresentar o julgamento espiritual de si mesmo e o juízo vindouro que destruirá o mal*. Ele anseia por aquela busca, a qual o santo convencido antes temia.

Salmos 140-150

Os Salmos 140-150 formam outro pequeno Livro, dando-nos primeiro os clamores e depois os louvores do Israel de Deus nos últimos dias. Eles podem ter sido escritos para servir em diferentes épocas e pessoas (como observamos nos Salmos 120-134), mas estão aqui juntos, adequando-se, em sua aplicação completa e final, àquela eleição Judaica, cuja tristeza e libertação encerrarão esta era e inaugurarão o reino. E, assim, eles formam um fechamento oportuno e belo de todo o Livro.

O Israel de Deus fala aqui mais como mártires do que arrependidos. E isso ainda é moralmente adequado. Pois eles estão agora em seu caminho *em direção* ao reino.

O Espírito de Cristo é ouvido distintamente no meio de Seu Israel. Ele assume as tristezas e as expressa como se fossem de Sua própria Pessoa. É a fala de *um* arrependido, e o inimigo também é referido ou mencionado individualmente. Mas é Cristo em empatia com Seu Israel, e o inimigo é apenas o chefe de uma grande facção, como outras passagens tão plenamente nos dizem.

Essas aflições do Salmista são como as de Davi por causa de Saul, e não por causa de Absalão. E essas foram as aflições (aflições de mártires) que levaram, da mesma maneira, diretamente ao reino. Ele tinha consolações, no entanto, também tinha provações. O inimigo o perseguiu como uma perdiz nos montes; os homens ingratos de Queila e os oportunistas zifeus o

traíram; e até mesmo seus companheiros, no calor e angústia de uma hora difícil, falam em apedrejá-lo; mas ele tem a espada de Golias, o profeta e o sacerdote com ele; o refrigerio também da fé de Abigail; e a força do Senhor contra os amalequitas (no momento de seu maior orgulho), aquele amargo e antigo inimigo de Israel, cujo despojo ele é capaz de compartilhar com seus amados na terra. E tudo isso é Davi em 1 Samuel 21 e 30, seus dias de exílio de Israel pela inimizade de Saul.

E esses também são os dias da angústia de Jacó, como fala o profeta Jeremias (Jr 30:7); mas Jacó será libertado deles, como o exilado ungido foi conduzido por entre suas aflições até seu reino; e como esses Salmos começam com uma alma no pesar da noite, mas o deixam na retornada e eterna alegria da manhã – o amanhecer do reino.

Salmo 140

Neste Salmo, o afligido Israel é colocado à prova pelo **“homem violento”** e pelo **“homem de má língua”** e por aqueles que estão associados a eles. Eles (ou Jesus, o grande Precursor deles e também seu Senhor que Se compadece em toda essa aflição) clamam por proteção contra as ciladas desses inimigos e por juízo sobre eles, especialmente o juízo de **“fogo”** e das **“covas profundas [abismos – ARA]”** sobre os chefes ou “cabeças” (veja Apocalipse 19:20, 20:1). Ele então expressa Sua confiança de que o Senhor, em Quem Ele coloca toda Sua confiança, manterá Sua causa como a do pobre e justo.

Eu diria que é claro demais para se questionar, que os inimigos contemplados são os grandes apóstatas infiéis dos últimos dias – **“a besta”** e **“o falso profeta”**, e seu exército ou associados.

Em diferentes momentos do amadurecimento da iniquidade humana, houve essa confederação de reis e conselheiros contra o Ungido do Senhor. Faraó e seus magos resistiram a Moisés; depois, Balaque e Balaão. Saul aconselhou-se com a feiticeira, aquela grande abominação na terra; assim Absalão e Aitofel se

conluíram contra Davi. Os Judeus e Caifás, com o rei Herodes, estiveram em companhia contra o verdadeiro Ungido. E assim, nos últimos dias, a besta e o falso profeta resistirão à Semente justa na Terra e imitarão o poder e a honra do próprio Senhor. Seja no Egito, em Midiã, em Israel ou na Cristandade, assim tem sido e será (e em espírito sempre é), o homem empregando todos os seus poderes, sua força e sua sabedoria combinados. Mas o Senhor provará que Ele está assentado acima de todas as correntezas e reina como Rei para sempre. Ele zombará deles.

Salmo 141

Este Salmo segue muito adequadamente o anterior, pois é a oração do Remanescente para ser guardado de toda comunhão com aqueles apóstatas, por cuja iniquidade, seja em palavras ou ações, o juízo viria sobre eles (como eles ali desejaram e anteciparam). Desejavam ser guardados de toda essa iniquidade, embora ao custo de serem feridos pelas repreensões e admoestações dos piedosos. Então, quanto ao inimigo, eles se recusam a se vingar (como Davi, 1 Samuel 24:6, e como Jesus – Mateus 26:51-52), mas deixam as injustiças sofridas nas mãos de Deus, o Senhor, para que Ele faça justiça.

O versículo 6 pode nos lembrar de 1 Samuel 24 e 26; pois lá os juizes ou líderes do povo estavam como em lugares pedregosos, e poderiam ter sido quebrados e derrubados; mas, em vez disso, eles ouviram as palavras de paz de Davi.

E, de forma bastante notável, em conexão com versículo 5, Davi, no capítulo intermediário (1 Sm 25), havia sido repreendido pelas palavras da justa Abigail, que se mostraram um excelente óleo para sua cabeça, ungindo-o com um espírito de sabedoria e de temor do Senhor, para afastar Davi do conselho de seu próprio coração (1 Sm 25:30-34).

Mas todo esse tempo Davi foi o mártir; ele e seus homens tinham sobre eles a sentença de morte, para que não confiassem em si mesmos, mas n'Aquele que ressuscita os mortos. Mas o Espírito

de Cristo olha além das aflições de Davi aqui; porque o povo de Davi não foi então morto, como alguns de Israel no último dia serão (veja Salmo 79). De modo que este Salmo ainda é o sopro do Espírito de Cristo em empatia por eles. Embora possa (como todos os outros, em um sentido amplo, podemos dizer) ser usado por qualquer santo, quando suas circunstâncias e estado de alma o sugerem; como as palavras dadas a Moisés (Dt 31:6, 8) e a Josué (Js 1:5) podem **“com confiança”**, na santa ousadia da fé, ser recebidas e adotadas por qualquer um de nós (Hb 13:5-6).

E como o versículo 4 adverte nossa alma de que os maus, contra os quais o Espírito do Senhor aqui clama nos justos, têm suas **“delícias”**, suas sutis e sedutoras tentações, para enganar, se fosse possível, até mesmo os eleitos.

Salmo 142

Este Salmo, em suas concepções, parece ter sido também o clamor de Davi no dia de sua deserção. As visitas de Jônatas (1 Sm 20, 23) foram promessas muito felizes para sua alma de que, no devido tempo, os justos (como este Salmo fala no v. 7) o rodeariam. Também pode ter sido a reflexão da alma de Jesus em uma hora como a do Getsêmani, quando Ele estava lembrando a opressão de Seu espírito e antecipando a subsequente deserção de Seus discípulos (Mt 26:42, 56). Em sua aplicação, também, como notei acima, pode muito bem se adequar à alma de qualquer santo tentado dessa maneira; como Paulo que poderia ter encontrado uma expressão para seu coração aqui, nas circunstâncias de 2 Timóteo 4:16-17.

Mas ainda mais precisamente esta é a linguagem do Israel de Deus, ao entrar no sentido de sua condição em que eles devem estar, exatamente na véspera de sua libertação. Pois então o Senhor os verá como abandonados e sem amigos, sem um olhar de compaixão, sem mãos que salvem, a não ser as d'Ele (Dt 32:36; Is 59:16); e nessa condição, Ele mesmo despertará por eles. E neste pequeno e comovente Salmo, eles entendem e se

solidarizam com isso; estão sentindo aquele estado de coisas que o Senhor, em outras passagens, diz ver e aliviar. E posso observar outra empatia como essa no Salmo 140; pois sua linguagem no versículo 8 está de acordo com os pensamentos do próprio Senhor em Deuteronômio 32:27. Isso pode ser notado por nossa alma com grande interesse – o Espírito formando experiências nos santos em companhia com a mente de Deus.

Salmo 143

O clamor neste Salmo parece naturalmente seguir o anterior; pois lá o suplicante foi abandonado por seus amigos; aqui ele se encontra, conseqüentemente, no meio de inimigos. Tanto em sua concepção quanto em sua aplicação, eu o li como fiz com o último.

“A terra”, onde este aflito está agora arduamente trabalhando em tanta aflição consciente e inimizade dos ímpios, ele a chama de **“terra sedenta”**; mas a terra que ele aguarda a chama por dois belos títulos – **“a terra dos viventes”** e **“a terra da retidão”** (Sl 142:5, 143:6, 10 – KJV). Estes são títulos felizes e honrosos do lugar e reino de Deus na Judéia, como será em breve. No cômputo divino, a justiça (retidão) e a vida são sempre encontradas juntas, assim como o pecado e a morte. **“Se tivesse sido dada uma lei, que pudesse dar vida, a justiça, na verdade, teria sido pela lei”**.

Mas este Salmo sugere que, enquanto eles estão sofrendo por causa da justiça no último dia, Israel estará aprendendo seus próprios caminhos, e que diante de Deus eles são apenas pobres pecadores. Enquanto clamam por libertação e justiça contra o homem, confessam o pecado a Deus, desejando ser guiados por Seu Espírito, sem o Qual nada é santo. Na terra da retidão, bem como a terra dos viventes, eles buscam ser guardados nos caminhos da justiça de Deus, bem como ser conduzidos de seu atual lugar de morte para o reino do Deus vivo.

Esta é uma preparação abençoada para o reino para o qual eles estão agora se apressando – sofrendo por causa da justiça e,

ainda assim, aprendendo sua indignidade como pecadores. E este é o caminho de cada santo, humilhado diante de Deus, de coração quebrantado por causa de uma falha consciente, permanecendo na plena liberdade de Cristo e andando entre os homens em justiça sofredora.

Salmo 144

Este Salmo segue, posso dizer, na linha do anterior; pois no seu final o suplicante buscou a destruição do inimigo, e aqui ele fala como tendo certeza de que Deus seria sua fortaleza, seu escudo e sua vitória na batalha. Ele, portanto, deseja o dia do conflito, antecipando a vitória. E além disso, ele antecipa seus frutos e alegria no reino, toda a prosperidade humana, filhos e riquezas e paz estabelecida, e o veredicto comum de todo o mundo, que **“bem-aventurado é o povo cujo Deus é o Senhor”** (veja Deuteronômio 33:29).

O suplicante (Cristo, sem dúvida, em empatia com o Remanescente) contempla Deus como Se tornando para ele tudo o que ele pode precisar ou desejar (vs. 1- 2); e imediatamente após isso ele se maravilha que seja assim (v. 3). E essa surpresa é expressa na mesma linguagem do Salmo 8, só que lá é o senso da grandeza divina – aqui é o senso da vaidade humana que desperta essa surpresa de que Deus deve tomar tais conselhos de graça e glória sobre nós.

Em tudo isso, novamente encontramos Israel aprendendo lições divinas sobre si mesmo, como observamos no Salmo anterior. Eles reconhecem que são menos do que a menor de todas as misericórdias de Deus, perguntando-se, por assim dizer, se deveriam ser Seus objetos.

Aqui respira-se muito o espírito do Salmo 18. E essa é surpreendentemente a linguagem do verdadeiro Davi na grande libertação Judaica do último dia, que conduzirá ao reino (veja também v. 5 e Isaías 64:1). Então, aqui o suplicante sabe que essa libertação desejada levará diretamente à alegria dos dias do

Messias ou do reino (vs. 11-15). Assim como a criação sabe que sua libertação da corrupção na escravidão presente será para a liberdade gloriosa; e como os santos podem e cantam: **“aos que justificou, a esses também glorificou”** (Rm 8:21, 30). Pois quando o bendito Deus abrir um caminho de fuga para pecadores ou cativos, em Seu amor Ele os levará a mais do que liberdade.

Salmo 145

Rigorosamente em ordem, este Salmo prepara a ação de graças pela vitória e pela paz antecipadas no Salmo anterior. E isso introduz os louvores do reino, que ocupam a harpa do Profeta daí em diante até o fim. O primeiro versículo é muito significativo disso. **“Eu Te exaltarei, ó Deus, Rei meu”**. É Deus *como Rei* que o coração do profeta agora celebra peculiar ou exclusivamente. Isso dá um caráter forte e decisivo a este Salmo como sendo milenar, ou tocando o reino. O Senhor era **“Varão de guerra”** no Salmo anterior, mas aqui, tendo a guerra acabado, Ele é um **“Rei”**. O povo milenar Judeu acabara de ser declarado bem-aventurado (Sl 144:15), e aqui eles expressam sua bem-aventurança. Por assim dizer, outros disseram: **“Grandes coisas fez o SENHOR a estes”**; e agora eles respondem: **“Grandes coisas fez o SENHOR por nós, e, por isso, estamos alegres”**.

Louvor e melodia expressam essa alegria. E o mesmo acontece com a conversa deles; pois eles *falam* de Sua glória e *relatam* de Seu poder (v. 11). *Com tristeza*, os discípulos uma vez falaram das coisas que aconteceram em Jerusalém (Lc 24), mas agora o povo dela *promove a alegria uns dos outros*, enquanto caminham e conversam juntos. E o diálogo afina o coração para o louvor, e então o êxtase irrompe no fluxo uniforme do espírito deles sempre alegre e feliz. Como no progresso do Livro do Apocalipse, a família no céu às vezes é ouvida em seu êxtase, no transbordar de sua alegria além do seu fluxo habitual (veja Apocalipse 5, 7, 11, 12, 14, 15, 19).

O conteúdo para este louvor incessante também é amplamente preparado, – Seus atos poderosos – a gloriosa honra de Sua majestade – Sua grandeza, bondade e justiça – Sua defesa dos fracos – Seu cumprimento do desejo dos necessitados – Sua preservação daqueles que O amam – Sua vingança sobre os ímpios – esses são alguns dos temas de louvor que envolverão as alegrias e cânticos do reino vindouro. Uma geração deve relatá-los para outra. E o próprio Senhor é o Líder desse louvor, de acordo com o que Ele havia prometido em Sua angústia (Sl 22:22). Jesus – os santos ou o povo Judeu – os filhos dos homens ou toda a carne – as obras da criação – todos se unem em seu caminho e medida. Os santos, por assim dizer, tomam-na dos lábios do Senhor e ensinam-na às nações, e uma geração ensina-a à outra.

Nesse momento, o caráter ou a geração do povo Judeu mudou. Até agora tem sido **“perverso e deformado”** (Dt 32 – ARA) **“obstinado e rebelde”** (Sl 78 – ARA). Mas a geração final será uma nova criação – um povo formado por Deus para anunciar Seu louvor (Sl 22:30, 102:18; Is 43:21). A primeira geração ainda não passou (Mt 24:34). Israel ainda é perverso; mas o Senhor terá uma semente em Israel que será contada ao Senhor **“por uma geração”** (Sl 22:30 – JND). E Salmos como este nos permitem ver e ouvir alguns de Seus felizes regozijos (veja Salmo 12).

NOTA: – Versículo 1 Cristo é certamente o **“Rei”** (veja Salmo 45:1). Davi aqui o reconhece como seu **“Deus”**, e no Salmo 110 ele O reconhece como seu **“Senhor”** (veja João 20:28).

Salmo 146

Esta nota de louvor relata a vaidade do homem e de toda confiança nele, que certamente agora terá sido abundantemente provada, neste dia do encerramento da história do mundo do homem. Mas celebra, por outro lado, a bênção daquele que tem o Deus de Jacó como seu auxílio e porção. O Espírito amplia as

excelências do Deus de Jacó e termina repetindo o chamado para louvá-Lo.

Podemos observar quão mais elevados são os cânticos que encerram os caminhos de Deus do que aqueles que, no passado, os abriram. A obra da *criação* era o único tema para as **“estrelas da alva [manhã – TB]”** e os **“filhos de Deus”** naquela época. Mas agora o Senhor, o Deus de Jacó, tem recebido louvor em outros atos que não o da criação – tais como Ele guardando a verdade, executando o juízo, alimentando os pobres, libertando o prisioneiro, curando o cego e o oprimido, amando o justo, preservando o estrangeiro e reinando eternamente em Sua Sião – estes são novos e honrosos louvores para o Senhor dos céus e da Terra.

Esses belos Salmos são a expressão, da Terra ou de Israel, daquela mesma alegria que se ouve no céu assim – **“Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do Seu Cristo, e Ele reinará para todo o sempre”** (Ap 11:15).

A alegria de *Israel* guiará e garantirá alegria da *Terra*, pois o rei de Israel é Deus de toda a Terra (Is 54); e o que será o seu restabelecimento senão a vida dentre os mortos? (Rm 11 – ARA). *“Cenas que ultrapassam a fábula e ainda são verdadeiras”* serão então testemunhadas. E em palavras muitas vezes apreciadas, posso encerrar esta meditação:

Um só cântico emprega todas as nações, e todos clamam –

“Digno o Cordeiro, pois Ele foi morto por nós!”

Os moradores dos vales e das rochas

Bradam uns aos outros – e dos topos das montanhas,

De montanhas distantes captam a alegria que voa,

Até que, nação após nação, ensinou-se o cântico,

A Terra entoia a arrebatadora Hosana em roda.

Salmo 147

Este Salmo constitui outro dos louvores preparados para o reino. “O instrumento”, como alguém expressou, “está afinado aqui à porta”. Ele é mais abrangente do que o Salmo anterior, celebrando o louvor do Senhor em todas as Suas altas e santas honras – em Seu poder e conhecimento, na criação e providência, em Israel, na graça e no juízo – como Alguém que, embora tão elevado que conta e nomeia as estrelas, ainda ouve o clamor dos jovens corvos. E o Deus dos céus e da Terra é o Deus de Israel. Aquele que faz a Sua vontade em todo o universo dá paz e abundância a Israel. Sião é, portanto, especialmente convocada a se juntar a esse louvor, pois Deus Se tornou especialmente seu Deus; e aqueles que foram muito perdoados e muito abençoados devem amar muito e louvar muito.

E como o Salmo anterior mostrou como Deus recebeu louvor por Seus atos de graça e redenção, além de tudo o que Seus atos de criação Lhe trouxeram, aqui vemos que os mesmos atos de graça e redenção Lhe trazem mais prazer do que os outros. Não é **“a força do cavalo”** ou **“as pernas do homem”** (TB), que são agora o deleite divino, embora elas mostrem Sua obra; mas **“O SENHOR agrada-Se dos que O temem e dos que esperam na Sua misericórdia”**.

Nada gratifica o amor (podemos, a partir disso, dizer) como usá-lo. *O amor não age para ser admirado, mas para ser usado.* Nada satisfaz tanto o coração de Jesus do que extrair para si mesmo d'Ele e confiar n'Ele. A mulher de Samaria O revigorou muito mais indo embora com um coração transbordando de água do Seu poço, do que se tivesse dado a Ele de seu cântaro (embora Ele precisasse). Pois isso permitiu que Ele dissesse: **“Uma comida tenho para comer, que vós não conheceis”**. Este era Jesus na Terra, Este é Deus no céu. E Israel Lhe dará esse prazer em breve, como agora todo pobre pecador que sabe que o sangue de Cristo e a justiça de Deus são suas preciosas propriedades e,

portanto, as toma, e todas as coisas com elas, como o dom da graça, com confiança e alegria de coração.

NOTA: A Septuaginta divide este Salmo em dois, começando um novo no v. 12 (veja a nota do Salmo 10).

Salmo 148

Esta aleluia, ou cântico de louvor, convoca os céus e a Terra e todas as coisas neles contidos para se unirem na celebração da glória do Senhor. E provoca esse louvor de Israel, cujo chifre ou majestade foi exaltado, a quem **“o primeiro domínio”**, como outra Escritura o expressa, agora chegou. O próprio Senhor, no entanto, está acima de toda esta Terra e céu milenares, em Sua própria glória. Só Seu nome é admirável (veja Salmo 8).

Toda essa alegria dos céus e da Terra é amplamente mencionada. Os tempos da restauração e refrigério são sentidos por toda parte – **“a presença do Senhor”** se torna a revigorante atmosfera em todos os lugares. João, em espírito, ouviu todas as criaturas no céu, nos mares, na Terra e debaixo da Terra, proferindo seu louvor em perspectiva disso (Ap 5). Mas eu observaria que o apóstolo conecta toda essa alegria da criação à **“manifestação dos filhos de Deus”** (Rm 8) e os profetas a conecta à redenção de Israel (Is 44:23, 49:13, 55:12). Pois esses distintos testemunhos estão de acordo com os vários ministérios de apóstolos e profetas. Em um lugar, nosso salmista conecta brevemente os dois, tocando o acorde onde suas harmonias se encontram – **“quando o SENHOR edificar a Sião, e na Sua glória Se manifestar”** (Sl 102:16).

Que não digamos, com base nisso, que muitas vezes, entre os santos, falta alguém que desempenhe esse feliz ofício de “o doce cantor” em Israel, para assim atingir o verdadeiro uníssono. Pois as vozes não são discordantes, a não ser para o ouvido não afinado. Pode haver verdadeira unidade no espírito de nossa mente, mesmo onde há diversos julgamentos e pensamentos – **“comer”** e **“não comer”** –, se ambos forem **“para o Senhor”**, isso é verdadeira unidade, na consideração do Espírito de Deus, embora

no julgamento do homem possa ser discórdia e separação (Rm 14). Mas isso só enquanto estamos passando.

NOTA: A supremacia da **“Palavra”** nas operações do que é chamado de natureza é declarada, como em 2 Pedro 3:5-7 (veja v. 8, Salmo 147:15-18).

Salmo 149

Isso ainda é, não preciso dizer, do mesmo volume de cânticos para o reino. Mas este é exclusivamente para Israel.

Parece, a partir de muitas passagens, que Israel será empregado como as armas de guerra do Senhor contra os pagãos facciosos que subirem contra sua terra (Is 41:15; Jr 51:20; Mq 4:13; Zc 9:13, 10:3-4). Mas eles entrarão na batalha com **“tamboris e harpas”** (Is 30:32); ou, como este Salmo expressa, **“Nos seus lábios estejam os altos louvores de Deus”** (ARA), tão satisfeitos e felizes estarão nos seguros resultados de ter a glória com eles.

Não falamos sobre a ordem dessas coisas: mas depois que a terra se tornar uma das **“aldeias não muradas”**, e **“as terras desertas que agora se habitam”**, e **“o povo que se ajuntou dentre as nações”**, outro exército, ao que parece, surgirá. Mas eles perecerão sob a força do Senhor que os enfraquecerá com pedras de saraiva, pestilência, fogo e chuva inundante; e então o Senhor será o **“Altíssimo sobre toda a Terra”** (veja Salmo 83; Ezequiel 38-39).

Temos apenas pensamentos parciais de toda a extensa ação desses dias vindouros. Mas isso nós sabemos, o louvor deve fechar a história e encher a cena. O **“vale da Decisão”** se tornará o **“vale da bênção”** (ARA). Pois o vale de Josafá é o lugar da última luta (Jl 3), e esse é o **“vale de Beraca”** ou **“vale da bênção”** (2 Cr 20), onde o alarido da batalha se dissipou na melodia de louvor. E a Terra milenar será um extenso vale de Beraca. Tudo será bênção lá. A cidade do homem terá se tornado então uma ruína; os pés dos pobres a pisotearão. A cidade de Deus então brilha; seus

muros são salvação e seus portões louvor; e a nação justa entra (Is 25-27). A luz e a alegria, que ainda não foram semeadas (Sl 97), serão então colhidas, e **“será para o SENHOR por nome, por sinal eterno, que nunca se apagará”**.

Eu poderia aproveitar a ocasião deste Salmo para dizer que, **“as Guerras do Senhor”** (Nm 21:14), são de dois tipos – aquelas que *Ele conduziu inteiramente sozinho*, e aquelas em que *Ele empregou Seu Povo*.

A batalha do Mar Vermelho foi do primeiro tipo. O Senhor estava lá sozinho. Israel não tinha nada a fazer a não ser ficar quieto e ver a salvação de Deus. Ele olhou para fora da coluna de nuvem e perturbou o exército do Egito (Êx 14). Também na contenda com Balaão. O Senhor estava novamente sozinho, à parte de Israel, que não sabia na época o que estava acontecendo nos lugares distantes de Moabe (Nm 22-24). As cenas em 2 Reis 7 e 19, na história final de Israel são as mesmas.

As batalhas com Amaleque, com Arade, o cananeu, Seom, o amorreu, e Ogue de Basã, são do segundo tipo. O Senhor empregou Seu povo nelas (Êx 17; Nm 21) Então, depois que eles entram na terra, as batalhas de Gideão, Jônatas, Davi, em Jericó e Ai, e as demais, não preciso dizer, são dessa classe. Num caso, Jeová triunfou *para* Israel no outro, *em* Israel.

Cada um desses tipos de batalha tem seu próprio sentido moral ou espiritual. Assim – o grande ato de redenção, como a libertação de Israel do Egito, foi totalmente individual, como sabemos. O Senhor bebeu o cálice sozinho e até a borra. *“Seu nome é o do Vencedor, que lutou sozinho”*. Mas há uma classe de batalhas, para as quais devemos pessoalmente entrar no campo para lutar. Nossa responsabilidade é lutar, e nada é feito sem nós. O crente passa os conflitos espirituais em sua própria pessoa. Neles, ele está profundamente consciente da luta. Ele pode saber que não tem força suficiente para a ocasião, mas sabe que deve estar em campo do início ao fim. O Senhor, é verdade, traz a força, mas ela é usada em e por meio de Seu santo. O Espírito que

habita em nós encontra o pecado que habita em nós; ou, o novo homem em Cristo mortifica os membros terrenos.

Assim é agora conosco. E nos dias ainda à nossa frente, o Deus de Israel reviverá Sua obra tanto *por* quanto *com* Israel. Como com a vara de Outro Moisés e com a espada de Outro Josué, Ele escreverá novamente a história do Êxodo e a de Canaã. De novo curvará Judá para Si mesmo, e encherá o Seu arco com Efraim (Zc 9). Como este Salmo expressa de maneira sublime nos versículos finais.

Salmo 150

Este é a aleluia de encerramento, o louvor de Deus em Seu santuário, Seu santuário superior, **“o firmamento de Seu poder”**. No Salmo precedente, o Seu louvor é no santuário inferior, **“a congregação dos santos”**. Ali Israel foi ouvido, mas aqui, os céus são ouvidos. Seus atos e Ele mesmo, Sua grandeza e Seus caminhos, são os temas deste elevado louvor. **“Toda sorte de música”**, por assim dizer, gaita de fole, sambuca, flauta, saltério (pois a altissonante alegria será, em seu lugar, tão santa, como outrora foi profana – Dn 3), são convocados a tocar, e tocar bem alto, e todos os que têm capacidade de louvar, se juntarão à aleluia. Cada versículo está repleto de louvor. Cada pensamento é sobre isso. Cada objeto o desperta. Todo poder se usa somente neste serviço.

Os levitas mudaram o seu serviço. Já não têm cargas para levarem no deserto, mas exaltam os seus cânticos na casa do Senhor (1 Cr 15:16, 23:25-26, 30).

Os céus mudaram o seu comportamento também. Eles cessaram seu riso diante dos orgulhosos confederados (Sl 2), pois tais confederados foram respondidos com juízo; e os céus estão cheios de alegria e canto, e com aquela glória que deve irromper deles, e ser uma cobertura sobre todas as habitações de Sião (Is 4).

Estes são **“os dias do céu sobre a Terra”** (Dt 11:21). O reino chegou, e a vontade do Bendito é feita tanto aqui como ali. A escada mística conecta os santuários superior e inferior.

Apêndice 1: Pensamentos Sobre os Salmos Finais

Mas esses Salmos finais, posso observar, não apresentam diante de nós os elementos do mundo milenar. Jerusalém, Israel, as nações com seus reis, príncipes e juizes, os céus e a Terra, e toda a criação em toda a sua ordem, são contemplados como na **“restauração”** e no **“refrigério”**, mas são detalhados, como lá, apenas em suas circunstâncias. É antes o *louvor* de tudo o que se ouve. O salmista antecipa as *harpas em vez das glórias* do reino; e isso é maravilhosamente característico.

Louvores coroam a cena. A visão passa diante de nós com o entoar de todos os tipos de cânticos. O homem tomou o instrumento de alegria em suas mãos; para tocá-lo, no entanto, apenas para a glória de Deus. E este é o resultado perfeito de todas as coisas – a criatura é feliz e Deus glorificado. **“Majestade e esplendor há diante d'Ele, força e alegria, no Seu lugar”** (1 Cr 16:27).

Que encerramento dos Salmos de Davi! Que encerramento dos caminhos de Deus! A alegria, de fato, veio pela manhã e entoou sua nota para o **“único dia eterno”**. Louvado seja o Senhor! Amém.

Sim, louvor, todo louvor; fruto incansável e satisfatório de lábios que expressam a alegria da criação e o reconhecimento da glória d'Aquele Bendito. Essa é a justa felicidade.

E aqui, em conexão com isso, e ao encerrar essas meditações, que o pensamento nos anime, amados, de que a felicidade é nossa e para sempre. Pode ter havido um caminho através do Calvário, do desprezo do mundo e da sepultura na morte; mas isso levou à alegria e aos prazeres eternos. O caminho por um período passou pelas águas da Babilônia, mas Jerusalém foi

recuperada – como nossos Salmos nos mostraram. O vale de Baca era o caminho para a casa de Deus. Pode ter havido **“tribulação”**; mas **“outra vez vos verei”**, disse Jesus.

Quanto ao nosso *título* a isso, não deve haver nenhuma reserva, nenhuma suspeita em nossa alma. Essa é a nossa porção divinamente designada. Não alcançar a felicidade será o destino apenas de corações rebeldes. Nosso título para aguardá-la vem do próprio Deus. Nosso título reside no sangue de Jesus, o Filho de Deus, o Deus-Homem dado por nós nas riquezas da graça divina; e a fé em nós lê, entende e pleiteia esse título. E não há motivo para hesitar em desfrutar de seus resultados e benefícios – nenhum sequer. Não há mais motivo do que Adão teria para questionar seu direito de desfrutar do jardim do Éden, porque ele nunca o plantou; nem para o arraial de Israel no deserto beber da água da rocha, porque eles nunca a abriram. O jardim foi plantado *para* Adão, a rocha foi aberta *para* Israel, assim como o Salvador, e toda a alegria que Sua salvação traz consigo mesma, foi tão simples e seguramente provida *para* os pecadores. Nossa alma deve fazer disso uma questão de glória de Cristo, e não de nossa dignidade. Ele agiu assim quando Ele estava aqui. Ele nunca levou alguém doente ou mutilado a investigar sobre sua própria aptidão, mas simplesmente a reconhecer Sua mão e Sua glória. **“Se tu pode crer”**, ou seja, se você está pronto para Me glorificar, para ser devedor a Mim por essa bênção, então aceite-a e seja bem-vindo.

Então, quanto aos nossos *recursos*. Não se trata apenas de *amor*, o *poder* também está de nosso lado. Amor e poder juntos formarão a cena que devemos contemplar para sempre, como esses têm sido nossos “cooperadores” desde o início, ensinando-nos a respeito dos nossos maravilhosos recursos.

Veja-os assim trabalhando juntos em alguns pequenos momentos nos dias do Senhor Jesus. Cinco mil são alimentados com cinco pães e dois peixes. Alimentado até a saciedade – e doze cestos de pedaços sobraram! Isso fala da *riqueza* do Senhor

do banquete, bem como Sua *bondade*. E que satisfação de coração isso transmite! Se aproveitarmos a generosidade de outra pessoa e tivermos motivos para temer que tenhamos participado do que ela precisava para si mesma, nosso desfrutar diminuirá. Esse temor se intrometerá, e com razão, e estragará nossa tranquilidade enquanto estivermos assentados à sua mesa. Mas quando sabemos que por trás da mesa que nos está preparada, há provisão na casa, esses temores são suprimidos. O pensamento da *riqueza* do anfitrião, bem como de seu *amor*, deixa todos à vontade. E deve ser assim conosco em nosso desfrute de Cristo.

Portanto, ao usar Sua *força*, bem como Sua *riqueza*, Seus recursos são incomensuráveis. Veja isso na cena de perigo no lago da Galileia. Ele Se mostra no alto, acima de toda a dificuldade que aterrorizava os discípulos. Ele caminha no topo daquelas ondas e em meio aos sopros daqueles ventos, que estavam levando os discípulos ao "limite da capacidade" deles. Que alívio triunfante foi esse para eles! O perigo não era nada na presença de tal Libertador. Quão facilmente Ele poderia manejar um barco para eles na tempestade, Ele mesmo que assim controlava a tempestade sem barco algum! Havia força suficiente e de sobra aqui, assim como havia pão suficiente e de sobra antes, e eles não podiam perecer (veja Marcos 6).

Aqui estão figuras dos nossos recursos! Recorremos a um Senhor rico, bem como amoroso. Usamos um braço poderoso e estendido. Consultamos um Médico que pode curar tanto a morte quanto a doença. É como Davi fala: **"de beneficência de Deus"** desfrutamos. *"A plenitude reside em Jesus, nosso Cabeça"*. Somos alimentados, resgatados e curados de maneiras dignas d'Aquele cuja riqueza, força e habilidade não conhecem medida. Seus recursos, e, portanto, os nossos, são gloriosos e insondáveis, e sobram pedaços deixados para quem quiser tomar deles. E o reino vindouro os revelará com perfeição.

Então, depois de assim inspecionar nosso *título* e nossos *recursos*, posso somente dizer que, quanto ao caráter da *alegria em si*, será digno de seu Doador, e se expressará, como encontramos nestes Salmos, em júbilo, como de corações transbordantes, em todos os tipos de melodias. E será uma alegria de qualidade tão rara, da qual nunca se saciará, nunca se cansará, nunca terminará, mas ainda surgirá com mais do que o seu frescor inicial.

Como sabemos, haverá, então, diversas ordens de glória. **“Uma é a glória dos celestiais, e outra, a dos terrestres”**. Mas ambas serão glória – e glória é o fruto do amor, ou a manifestação do que o amor preparou para o seu objeto.

E esse dia vindouro teve suas sombras no passado. A alegria de Adão no Éden com seus dias de coroação e esposório (Gn 2), o estabelecimento na terra sob José (Gn 47), o encontro com Jetro e o arraial de Israel no monte de Deus (Êx 18); a festa dos Tabernáculos e o ano do Jubileu (Lv 23, 25); os dias brilhantes e prósperos de Salomão, com as nações prestando honras e colhendo suas alegrias em Jerusalém (2 Cr 1-9); o monte santo e suas duas companhias (Mt 17); essas são algumas entre as passadas ou fugidas sombras dessas glórias futuras brilhando juntas, ou em suas várias esferas. Em espírito, podemos cantá-las de antemão e também distinguir suas ordens, celestiais e terrenais, como estes versos de nosso hino testemunham:

*“Abençoada manhã! Há muito esperada,
Eis que eles enchem o ar povoado!
Enlutados uma vez, pelo homem rejeitados,
Eles, com Ele exaltado ali,
Cantam Seus louvores,
E compartilham Seu trono de glória.*

*“Rei dos reis! Que a Terra O adore,
Nas alturas em Seu trono exaltado;
Curvem-se, nações! Curvem-se diante d’Ele,
E Seu cetro justo reconheçam:*

*Toda a glória
Seja para Ele e para Ele somente!"*

Oh, que tenhamos poder para ansiar por tais alegrias nos desejos insatisfeitos de nosso coração no presente! Devemos confiar ampla e ricamente, com certeza desmedida, que somos indescritivelmente felizes.

Mas há que haver reserva neste ponto – que tomemos cuidado para que nossa felicidade esperada seja *justa* felicidade, tal como Deus pode garantir e o próprio Jesus pode compartilhar (veja Salmo 132). E isso não pode estar na Terra como ela está agora. O evangelho não se propõe a produzir um mundo feliz, ou a replantar o Éden aqui. O retorno da glória, a presença do Senhor, deve fazer isso. Pois onde está a glória, somente ali estão as cenas de regozijos e expectativas corretas. Se a glória deixou a Terra, nossas expectativas também devem deixá-la. Quando ela retornar, nossos deleites e perspectivas podem retornar com ela. Cena feliz, quando tudo voltar a falar de Deus, e Ele encontrar na Terra um descanso para Seus pés tão agradável a Ele em seu lugar quanto Seu trono no céu! E então haverá uma rebelião nas nações por não encontrar sua alegria aqui. O pão dos enlutados não devia ser comido diante do Senhor. E assim, quando se diz de Jerusalém: "O Senhor está lá", se as nações não subirem para celebrar a festa dos Tabernáculos, se elas se recusarem a se alegrar diante do Senhor, o Rei, elas sofrerão a repreensão e o juízo.

Oh, que, com corações desmamados do mundo e afeições desejosas por Ele mesmo, pudéssemos realmente dizer: **"Vem, Senhor Jesus"**.

*Grande Pai de misericórdias, nós nos curvamos,
Com agradecimentos por nossa liderança acima!
Nem menos, santo Jesus, és Tu
O objeto de louvor e de amor!*

Nas três Pessoas gloriosas em Deus,

*Cuja soberania todos adorarão,
Por meio de Cristo, e pela fé em Seu sangue,
Nós nos gloriaremos e exultaremos para sempre.*

Apêndice 2: Aplicação Adequada dos Salmos

Tendo agora, em nossa medida, passado por esses sopros do Espírito de Deus, podemos perguntar: o que temos neles? Ou melhor, talvez, em um sentido amplo, o que não temos neles? Pois quantas paixões da mente renovada, quantos atos de disciplina divina e suas correspondentes experiências no crente, o Espírito de Deus aqui antecipou? E quão amplamente Ele traçou os caminhos do coração de Jesus! Seus clamores, lágrimas e louvores, Suas horas solitárias, Suas aflições causadas pelo homem e Suas consolações em Deus; tudo isso é sentido aqui em sua profundidade e poder. O que se passava em Sua alma quando Ele permanecia em silêncio diante do homem, conduzido como um cordeiro ao matadouro; aquilo que aqueles que então O cercavam não ouviram, nós ouvimos neste maravilhoso livro. Seus pensamentos sobre os homens, Sua adoração a Deus, com todo o incenso de Suas várias e perfeitas afeições, são entendidos aqui. O Novo Testamento nos diz que Ele orava e cantava, mas este livro nos dá Suas próprias orações e cânticos.

E, além disso – todo o mistério de Jesus, desde o ventre até o trono de glória, é narrado aqui em suas alegrias e tristezas. Nós o rastreamos até tão distante quanto desde o **“princípio do Livro”**. Nós lemos sobre Ele Se entregando antes da fundação do mundo. O profundo silêncio da eternidade é quebrado em nossos ouvidos por aquelas palavras: **“Eis aqui venho para fazer, ó Deus, a Tua vontade”**. E, a partir daí, nós O vemos avançar em direção à eternidade diante d'Ele. Assumindo nossa natureza; na infância, segurado ao seio de Sua mãe; em Sua vida de vergonha, tristeza e

pobreza; e em Suas últimas aflições, a traição de Seus companheiros, a mentira das falsas testemunhas, o escárnio dos inimigos, a lança, os pregos e o vinagre e, acima de tudo, o abandono de Deus. Tudo isso é ouvido e sentido aqui. E então O seguimos em Seus regozijos e cânticos em ressurreição, e testemunhamos Sua ascensão e Suas boas-vindas e honras no céu. E, finalmente, observamos Seu retorno dali para o julgamento das nações e para Sua gloriosa liderança de Israel e de toda a Terra. Tudo isso é contado neste Livro, não meramente, por assim dizer, com caneta e tinta, mas em linhas vivas, em fragmentos do coração que este livro reuniu.

Essas coisas estão entre os vastos e maravilhosos conteúdos deste pequeno livro. E, como notamos, ele delineia as experiências dos santos. Pois os santos, tendo **“a mente de Cristo”** e **“o mesmo espírito de fé”** (2 Co 4:13-14), são capazes de ali também ler suas aflições e regozijos, e as meditações de seu coração.⁹ Consequentemente, este livro tem sido o companheiro deles, quando muitas vezes quase tudo o mais teria sido intrusivo e desarmonioso.

Mas ainda assim, ao usá-lo, devemos lembrar que, tendo o Espírito Santo em nós, nossas experiências devem fluir disso. A experiência Cristã é a apreciação do fruto da presença do Espírito, e está de acordo com as formas em que, como nos é dito na Escritura, Ele age em nós. E quão rico isso deve ser, quando Ele habita e age em nós, como uma *Unção*, um *Penhor* e uma *Testemunha*. Que alegria de esperança, que amplitude de entendimento, que força de fé, devem ser nossas! Que percepção do amor divino, quando o próprio Espírito Santo está derramando esse amor em nosso coração! E como essa é a devida experiência do santo, na medida em que o Livro dos Salmos reflete somente o coração de um Judeu justo, o santo agora é levado além dele ou ao lado dele. O Salmista diz, por exemplo: **“O meu corpo se arrepiou com temor de Ti, e temi os Teus juízos”**; o santo agora deve provar que **“o perfeito amor lança fora o temor”** (ACF) e que ele tem **“confiança” “no dia do juízo”**. Então, novamente –

“não me deixes envergonhado da minha esperança”; o santo é ensinado que **“a esperança não envergonha”** (TB). Dessa maneira, o santo agora passa além do Salmista e caminha na luz mais intensa e brilhante do Novo Testamento, na força do Espírito Santo nele.

Assim, no Salmo 112, toda a prosperidade terrenal é prometida *de forma absoluta* ao homem piedoso; mas o apóstolo, citando esse Salmo (2 Co 9:8-11), apenas declara o *poder* de Deus para dar prosperidade, – e ora por uma medida dela em favor dos santos em Corinto¹⁰.

Mas muitos erros sobre esse assunto da experiência Cristã têm surgido, creio eu, por causa do uso errado do Livro dos Salmos. Muitos, diligente e graciosamente desejosos de andar com Deus, fizeram disso uma espécie de modelo para si mesmos e procuraram fazer com que o coração se conformasse às provações, consolações e outras experiências delineadas nesse Livro. Mas esse não é o seu uso adequado. Ele deve ser lido, antes, como a imagem variada da alma *exercitada pelo Espírito sob certas condições e circunstâncias*. A circunstância, juntamente com a graça e a energia do Espírito, e não qualquer esforço de nossa própria alma, é o que deve ser a origem da experiência.

Creio que isto deve ser lembrado. Os Salmos não eram modelos para Jesus. Ele não passou, por exemplo, pela paciência ou pela alegria do Salmo 16 e do Salmo 22, como se estivesse conformando os caminhos de Sua alma a certos padrões. Esses Salmos eram antes as antecipações inspiradas de quais seriam os caminhos de Seu Espírito. As circunstâncias pelas quais Ele estava passando atraíram Sua alma perfeita àquelas declarações.

Há, sem dúvida, muitas outras fontes de erro relacionadas a esse assunto. Mas essa, penso há muito tempo, pode ser observado como uma delas.

Mas, voltando ao assunto da diferença na linguagem dos Salmos e do Novo Testamento, podemos dizer que tudo isso é perfeito

em seu devido tempo, mas surpreendentemente sugere uma diferença entre as pessoas e coisas celestiais e as terrenais. E o fato de irmos além do livro do Salmista em nossas *experiências*, é como irmos além dos livros dos Profetas em nossa *esperança e chamado*. Pois a Terra, o seu povo, o seus juízos e a sua glória, são os temas *apropriados* dos Profetas. E não se deve esperar que as coisas celestiais entrem na mente do Espírito no Salmista de maneira mais ampla do que nos Profetas. Os santos encontram suas empatias neste livro e o usam para seu conforto espiritual, mas seu chamado e glória nos céus não são o *assunto* do livro. A Jerusalém do Salmista não é a Jerusalém celestial de Apocalipse 21, mas a Jerusalém na terra de Israel. E o povo deste livro em geral é o povo dela, ou aquele Remanescente que nossas meditações têm contemplado tão amplamente.

E deixe-me aqui observar algo mais particularmente quanto a essa ideia de “*um Remanescente*”, tão comum na Escritura.

Tem seu fundamento formal na *incorrigibilidade* do homem. O homem pode sofrer e gritar sob a vara, mas ele volta à sua maldade repetidamente. O Livro dos Juízes ilustra isso. E Isaías 1 nos mostra que a ideia de um Remanescente, como eu disse, surge disso. Pois o profeta nos diz que aqueles que foram criados como filhos amados se rebelaram e que depois, castigados como filhos desobedientes, se recusaram a se arrepender. *Eles eram incorrigíveis. Flauta lhes tocaram, lamentações lhes cantaram* e não houve resposta. E sobre isso o Senhor só tem que agir na soberania da graça, ou no princípio de um Remanescente – como ainda diz o profeta: **“Se o SENHOR dos Exércitos nos não deixara algum remanescente, já como Sodoma seríamos e semelhantes a Gomorra”** (Is 1:1-9).

O Senhor estava constantemente, no decorrer do tempo de Israel, exibindo essa soberania da graça na eleição e manifestação de um Remanescente. Tais momentos foram chamados (e com razão) de “Reavivamentos”. Os tempos de Samuel, Davi, Ezequias, Josias, Zorobabel, Esdras e Neemias marcam muitos

reavivamentos ou eras de recuperação espiritual de um estado doentio. Mas a condição atual de Israel nos diz, mais uma vez, que a floração se transformou em podridão. O verão deles se foi. A terra e o povo testemunham isso. Mas nem sempre isso será assim. Ainda haverá o maior reavivamento de todos. Aqueles que traçamos aqui foram apenas as recuperações ocasionais de um sistema enfermo, que carregava em si o princípio da morte! Mas o último reavivamento será eficaz, pois será na vida de ressurreição e na força do Filho de Deus. Pois, embora nada no homem seja confiável, e nada que tenha sido confiado ao homem permaneça, n'Ele todas as promessas de Deus são sim e amém (2 Co 1).

E no tempo do último e glorioso avivamento em Israel, haverá um grande ato do Senhor, como sempre houve em tais épocas. Samuel foi exercitado no coração antes de se manifestar, e Davi da mesma forma, e Esdras, e Neemias, e os demais, embora de forma variada. O Espírito de Deus estava preparando o instrumento antes que a mão de Deus o usasse. Como lemos sobre Sansão, **“E o Espírito do SENHOR começou a incitá-lo de quando em quando [às vezes – JND] para o campo de Maané-Dã, entre Zorá e Estaol”** (Jz 13:25 – ACF). E assim, em Israel nos dias vindouros, haverá a obra secreta do Espírito novamente na eleição de entre a nação.

Os Profetas, repetidas vezes, nos contam o fato de que eles, um povo reavivado, será trazido por meio de muito exercício da alma; a saber, que eles suportarão a indignação do Senhor porque pecaram contra Ele – lamentarão sua magreza e o fato de serem apenas como uvas vindimadas – esperarão pelo Deus de sua salvação – se lembrarão de Seus feitos anteriores – serão um povo aflito e pobre, abstendo-se da iniquidade e de falar mentiras, e fechando os olhos para não ver o mal – virão com choro e súplica – serão conduzidos ao deserto e lá ouvirão palavras de conforto – retornarão e buscarão a Deus e a Davi, seu rei – levarão consigo palavras – reconhecendo suas ofensas – falarão frequentemente um com o outro, etc. Tudo isso nos é mostrado, historicamente, sobre o Remanescente pelos Profetas,

como os evangelistas nos mostram, historicamente ou como fatos, os caminhos de Jesus. E então, este livro de Salmos vem, e, por sua vez e lugar, sob o mesmo Espírito, e nos mostra o caminho oculto tanto de Jesus como desse Seu Israel eleito por meio destas circunstâncias assim registradas pelos Profetas e Evangelistas.

Da eleição do meio de Israel, ou do Remanescente de quem tanto falamos, Daniel, Esdras, Neemias e outros nos dão exemplos. A alma justa de cada um deles foi atraída para o exercício piedoso sobre o estado da nação e sobre os oráculos de Deus. Assim, Josias é exercitado em um dia em que o juízo sobre o povo não poderia ser evitado, mas a semente justa seria preservada (2 Cr 34).

E assim como as vozes de Ageu e Zacarias animaram o povo na obra da casa do Senhor, assim a atenção reavivada às palavras dos Profetas dará vivificação e direção a cada coração de um Remanescente semelhante, em breve, destinados, pela graça, a serem filhos ou cidadãos da Jerusalém terrenal (veja Esdras 5).

Mas o fruto proposto de toda essa disciplina de alma e de todas as outras disciplinas é apenas este – **“de se haver tirado o seu pecado”** (Is 27). Pois, quando toda essa purificação terminar, **“a oferta de Judá e de Jerusalém será suave ao SENHOR, como nos dias antigos”**. O vale de Acor será uma porta de esperança, como era antes (veja Josué 7, Oséias 2) – uma saída para a aflição e disciplina (certamente por meio daquele sangue de Jesus que é a única fonte para todo pecado, seja deles ou nosso - Zacarias 13:1), produzirá para eles alegria e honra. Seu deserto produzirá uma vinha ou um jardim de rosas. (Is 35, Os 2). Acã deve ser removido, e então a terra será tomada. Os rebeldes devem ser expurgados, e então o rebanho será salvo, novamente deitado como *“sob a sombra do Líbano”*, e Davi será seu pastor novamente.

Essas simples considerações podem nos preparar para ouvir a voz deste povo, o verdadeiro Israel de Deus neste livro. Eles serão,

em seus dias, levados a encontrar nele o que se adequará à condição de cada um deles a partir das circunstâncias em que sua obediência a Deus os levará. Pois o Espírito de Cristo, em empatia com eles, escreveu esses Salmos para serem usados em seus dias. E disso, Atos 4:25-27 nos dá um exemplo muito simples, mas muito claro. Pois lá, as circunstâncias que os cercam formam a mente dos discípulos (sob o Espírito Santo, certamente), de tal forma que eles são imediatamente lançados na comunhão com o Salmo 2; e, sem esforço ou demora, eles obtêm a expressão adequada de seu coração por meio desse Salmo.

Esta é apenas uma amostra do que queremos dizer; e é uma garantia muito feliz para isso, ou seja, que os Salmos são preparados pelo Espírito de Cristo para o Seu Israel no dia de sua vivificação, que deve ser o dia de suas provações também. E podemos observar que o Salmo 78 foi, dessa forma, preparado para outras gerações distantes, como nos é dito logo no seu início. Assim, Moisés nos diz que seu cântico era para todas as gerações do povo, e seria usado para abençoar ao testemunhar contra eles, e levá-los a conhecer a abundante graça em Deus, e a misericórdia que triunfa sobre o juízo (Dt 32). Essas, portanto, são mais garantias para dizermos que as antigas palavras do Espírito de Deus na Escritura foram preparadas para o uso futuro de Seu povo, no dia do abrandamento do coração deles. E não é uma passagem como Isaías 53 claramente desse caráter? Todos nós agora a usamos plenamente como se nossa fosse; mas certamente, pelos próprios termos dela, devemos ver que Israel a usará, como se tivesse sido *totalmente* escrita por causa deles (veja 1 Coríntios 9:10), no dia de seu arrependimento.

Certos Salmos, então, não duvidamos, são escritos pelo Espírito de Cristo para o Seu povo no tempo de seu reavivamento. E isso vem da empatia de Cristo com Seu Israel eleito, cuja empatia podemos estar preparados para encontrar nos Salmos, pois ouvimos falar dela *continuamente* em outras passagens: **“Em toda a angústia deles foi Ele angustiado” – “Se angustiou a Sua alma por causa da desgraça de Israel” – “aquele que tocar em vós**

toca na menina do Seu olho". Aqui está a *doutrina* da empatia do Senhor por Israel. E ainda mais nas palavras do Senhor por meio de Natã a Davi: – **"Por todas as partes por onde andei com todo o Israel, porventura, falei alguma palavra a algum dos juízes de Israel, a quem ordenei que apascentasse o Meu povo, dizendo: Por que Me não edificais uma casa de cedros?"** Pois Ele não descansaria até que Seu povo descansasse, mas ainda iria, como Ele diz no versículo 5, **"fui de tenda em tenda e de tabernáculo em tabernáculo"**; como Ele havia andado com Davi **"Por todas as partes por onde andei"** (1 Cr 17). Uma bela passagem sobre a total empatia do Senhor por Seu Davi e Seu Israel. E Seus caminhos exibiram o mesmo. Pois quando eles estavam na fornalha egípcia, Ele estava numa sarça ardente; quando viajavam pelo deserto, Ele estava em um carro de nuvens; quando eles estavam sentados sob as muralhas hostis de Jericó, Ele estava como Capitão do exército deles. Como depois, Ele estava no campo com os juízes ou libertadores de Israel; como Débora encoraja Baraque: **"Levanta-te... o Senhor não saiu diante de ti?"** Aqui está a empatia. Aqui está o Senhor falando e agindo como Um com Israel. E da mesma maneira estava cuidando do rebanho com Davi, quando o leão e o urso o encontraram; e com ele no vale do Carvalho ou de Elá, quando o filisteu incircunciso saiu ao seu encontro.

Assim, os Salmos (na medida em que são essas declarações preparadas pelo Espírito de Cristo para o Seu povo) são apenas a expressão de tudo isso novamente. Eles são, por assim dizer, as vozes de Jeová-Jesus novamente da sarça ardente, ou do carro de nuvem, ou de debaixo dos muros de Jericó na noite anterior à batalha. Neles, podemos dizer, Jesus está novamente com Moisés e Davi, com Josué e com Gideão; novamente vivo para a aproximação da espada do perseguidor, e dizendo: **"Saulo, Saulo, por que Me persegues?"**. E estas são algumas das declarações que ouvimos neste livro maravilhoso e precioso. Pois as experiências da alma de Jesus, seja em Sua própria história pessoal, seja em Suas empatias com Seu povo, podem ter sido

tão importantes para as antecipações do Espírito no Salmista, quanto os fatos e circunstâncias de Sua vida foram para as antecipações do mesmo Espírito nos Profetas.

Essas empatias são, verdadeiramente, profundas e fervorosas; e elas ajudam a nos dizer, como também toda a Escritura ajuda, que quando o Senhor retornar a Israel, Ele retornará com todo o fervor do **“primeiro amor”**. Pois não é simplesmente *aqueles a quem* Ele ama que Ele ama até o fim, mas *da maneira como* Ele os ama, Ele ama até o fim. O primeiro amor nunca esfria. *“Nada muda a afeição de Deus”*. Feliz verdade, seja para Israel, ou para a Igreja, ou para qualquer santo. Quando o Senhor visitou Israel nos dias do justo Josafá, houve uma amostra da restauração dos dias de Salomão – os gentios lhe trazem presentes, seus oficiais de estado o aguardam ao seu redor e o temor do Senhor cai sobre todo o mundo por causa de Josafá. Aqui estava novamente algo dos dias de glória de Salomão. E tudo isso mostra que a antiga glória ainda estava à espera. Ela havia apenas se retirado para dentro de um fino véu. E é assim agora; até que Israel aprenda a dizer: **“Bendito o que vem em nome do Senhor”**, e a glória que partiu retornará.

Ele mudou? O Senhor Se tornou um deserto para Israel ou uma terra de trevas? Ou Ele ainda Se lembra da bondade da juventude e do amor dos esposórios, quando todos os que devorariam Israel O ofenderam? Com certeza, Se lembra. E quando Ele voltar, no dia do arrependimento de Israel, será na plenitude do Seu **“primeiro amor”** por Israel, nesta afeição da sua juventude. O amor mantém seu primeiro *fervor*, bem como seu *objeto*, nas *“afeições de Deus”*. Portanto, Isaías diz sobre o retorno do Senhor a Sião, que será assim: **“como o noivo se alegra com a noiva, assim Se alegrará contigo o teu Deus”** (Is 62), assim como Oséias 2, Sofonias 3, e assim como toda a Escritura. E então, nosso apóstolo escreve: **“quanto à eleição, amados por causa dos pais”**, palavras que nos dizem que o amor do princípio, a primeira afeição, ainda é lembrado; que é o amor para com Abraão, Isaque e Jacó, que reunirá e deleitar-se-á com Israel, no dia do seu

concerto. E o fim provará que o arrependimento está oculto dos Seus olhos; e que a maneira tão imutável quanto o objeto de Seu amor será lembrada até o fim.

Mas não continuaremos com esse assunto, mas notaremos outro, que essas breves meditações também sugeriram; – o iníquo, ou o orgulhoso apóstata do último dia.

Como dissemos antes sobre o Remanescente Judeu, agora podemos dizer desse, sobre quem os profetas falam repetidamente. E não é de se admirar! Pois esse iníquo aperfeiçoará a história da apostasia humana. E ele ocupa um lugar tão especial na realização dos propósitos divinos na Terra, que ele teve sua figura em toda a Escritura, do começo ao fim – Ninrode, Faraó, Amaleque, Balaque, Adoni-Zedeque e Abimeleque, Saul e Absalão, Nabucodonosor, Hamã e Herodes – estes, estendendo-se ao longo de toda a linha da história da Escritura, apresentam-no sob diferentes características de seu caráter e ações. E, finalmente, ele aparece sob o símbolo da besta, a quem o dragão dá seu poder, seu assento e grande autoridade, e que finalmente cai diante do resplendor da vinda do Senhor.

A inimizade deste rei voluntarioso, o orgulho infiel deste iníquo, encerrará o curso e o poder do mundo que se opôs a Jesus em Seus dias, e sempre esteve em rebeldia, em contradição com Deus.

E a partir disso podemos esperar encontrar (como temos) este grande apóstata do último dia muito notado nos Salmos. Pois, nas Escrituras proféticas, o Espírito de Deus está continuamente olhando para a grande crise – as solenes cenas finais do conflito entre a luz e as trevas, entre Cristo e o inimigo; e se assim for, o Remanescente Judeu e este apóstata e sua facção devem ser vistos também, pois cada um deles tem sua parte distinta nessa crise. Não esquecendo, no entanto, mas admitindo plenamente, que *nós* temos mais pessoal e imediatamente a ver com aqueles princípios e obras de iniquidade que estão levando a esta crise –

“o mistério da iniquidade”, que, com mais ou com menos energia, tem estado em ação desde os dias dos apóstolos. E é mais importante para nossa alma conhecer *os falsos princípios* agora funcionando assim, do que ter grande conhecimento sobre *o Anticristo ou o rei voluntarioso*.

Mas, embora este seja nosso ponto de observação, e nossa sabedoria e dever de vigilância, ainda assim os Profetas e os Salmos têm a ver (profeticamente) com a crise. E uma direção errada será dada à alma de um crente, se, em seu caráter profético, os Salmos não forem assim aplicados. Assim como a orientação errônea que foi dada, em dias anteriores aos nossos, à mente de muitos filhos de Deus, ao ler as guerras dos Israelitas, como se fossem os tipos das ações apropriadas dos santos agora, e assim obter deles um mandado para pegar a espada e ir para a batalha como do lado do Senhor. Mas tudo isso era zelo sem direção correta. Pois não devemos agora chamar o Vingador para Se mostrar, como o Salmista faz, – para invocar o Senhor para arrancar Sua mão de Seu peito, ou levantar Seus calcanhares para as desolações perpétuas. Ao contrário disso, devemos estar dispostos a esperar por nossa herança, regozijando-nos porque a demora ou a longanimidade de Deus é a salvação para os outros (2 Pe 3).

Quando chegar o dia do Vingador, os santos cantarão (Ap 19). No presente momento, eles têm suas lágrimas sobre as corrupções ao seu redor, e tais lágrimas são fruto de uma mente piedosa. Mas, ainda que isso seja assim, essa tristeza deve ter sua medida. Choramos por uma criação contaminada, um Éden perdido, uma terra perdida de Canaã ou a atual ruína da Cristandade. Mas deve haver medida em tal luto. Jesus lamentou as cidades incrédulas, mas teve alívio nos conselhos do Pai (Mt 11). Paulo podia ficar triste com os professos apóstatas, mas tinha alívio na certeza dos fundamentos de Deus (2 Tm 2). Samuel, nos dias antigos, chorou pelo pecado de Saul e pela desonra do ungido do Senhor, mas suas lágrimas foram enxugadas pelo próprio Senhor (1 Sm 16). E nos Salmos, Jesus, em empatia pelas aflições dos justos, quando

a iniquidade está enchendo sua medida, espera vingança e reivindicação, sabendo que há recurso em Deus para todo o mal que os homens possam fazer. Assim, como eles nos mostram, Ele deseja a libertação e prosperidade dos justos – a elevação dos humildes, o rebaixamento dos orgulhosos, a reivindicação do nome do Senhor e o estabelecimento de todas as coisas de acordo com o direito. Ele pode dizer, é verdade: **“Ah! Se o Meu povo Me tivesse ouvido!”** (Sl 81), como nos dias de Sua carne, Ele disse: **“Jerusalém, Jerusalém”**. Mas ainda assim, Seu Espírito nos Salmos é geralmente exercido nos justos e estabelecidos conselhos de Deus. Jeremias, no mesmo espírito, clama por juízo (Jr 17). Pois é *resistência a Deus que Ele vê*: como Paulo, em sua medida, quando fala em Gálatas 1:8 e em 2 Timóteo 4:14. E Ele vê muito disso, como eu disse, em empatia com o Remanescente sofredor dos últimos dias, quando a iniquidade encherá a sua medida. Como já foi dito, *“Assim que o evangelho concluir seu curso, Cristo exigirá um julgamento justo contra o mundo. É Cristo clamando por justiça e pedindo isso (geralmente pelo Seu Espírito nos humildes e mansos da nação Judaica) contra o homem orgulhoso e violento. Não é Davi pedindo para governar seus inimigos, mas Cristo que exige julgamento, porque é chegado o tempo”*.

Isso foi dito, creio eu, com muita justiça, sobre muito do que obtemos nos Salmos, e simplesmente explica os sopros e desejos ali, que não estão, e não deveriam estar, em harmonia com os movimentos *atuais* da mente renovada dos santos. Mas não vamos prosseguir com isso.

O livro dos Salmos nos dá, como podemos dizer, fragmentos da história da Redenção. Eles não são as partes ordenadas de uma narrativa, ou de um argumento, ou mesmo de um poema. Eles são apenas fragmentos e estão espalhados também aqui e ali. Ainda assim, no entanto, precisa ser descoberto algo de método, mesmo nessa dispersão. Não é uma desordem totalmente caótica. E o apóstolo, nomeando um Salmo como **“o Salmo segundo”**, testemunha que há alguma ordem no Livro conhecido

pelo Espírito Santo. E assim, nessas breves meditações, encontramos alguns Salmos agrupados, enquanto outros estão separados. Mas deve haver um cuidado santo na alma para reunir esses fragmentos, juntá-los com uma mão cautelosa, e caminhar sobre o terreno onde eles estão com nossos pés descalços. Certamente devemos considerar isso como **"terra santa"**, já que Jesus está ali em Suas tristezas e em Suas alegrias. As cordas da harpa de Davi são as cordas do coração de Cristo; e quando elas são tocadas, devemos ficar quietos. Deve haver algo do profundo silêncio daqueles que ouvem música distante; pois as melodias daquele coração estão longe o suficiente deste mundo grosseiro e turbulento.

Deve ser assim com nossa alma em nossas meditações aqui. Que tristezas, provações, tentações, gemidos, orações, meditações, alegrias, cânticos, clamores e louvores, ouvimos neste Livro maravilhoso! É a sede das afeições – o coração, por assim dizer, de todo o Volume inspirado, como antes nos permitimos chamá-lo. E quantos exercícios de espírito foram despertados nos santos por meio deles! Como eles acalmaram e elevaram o coração do povo do Senhor, regularam os movimentos ali e, como o menestrel¹¹ do profeta, os capacitou a seguir seu curso tranquilo e feliz novamente! A presença do rei de Israel perturbou a mente de Eliseu, e antes que ele pudesse profetizar, ele precisava ouvir a harpa de um menestrel. E assim tem sido essa harpa de Davi, essa harpa de muitas cordas, para muitos santos de Deus quando outras ocasiões surgiram para entristecê-los. Esse tem sido o seu gracioso ministério sob o Espírito Santo, o Consolador dos santos, e ainda é a cada dia.

Mas, como essas meditações nos mostram, as paixões da alma, proferidas neste Livro, não são meras descrições, mas o poder sentido de circunstâncias reais. Elas são experiências em *cenas reais da vida*, para que aprendamos sobre os *eventos* por meio das expressões. O principal é a paixão da alma, mas o evento ou circunstância que a produziu é revelado por meio dela. Desse modo, um Salmo é como um cântico. Em uma música, a melodia

é o principal, o assunto é apenas secundário, embora possa ter dado ocasião a isso. Portanto, a paixão da alma é o principal em um Salmo, embora o evento transmitido por meio dele a tenha ocasionado. As Lamentações de Jeremias e os Cantares de Salomão são deste tipo – no primeiro, as tristezas profundas do Espírito em Jeremias, ou no Remanescente justo em Israel, ou do próprio Cristo; o segundo, os gozosos movimentos daquela alma que aprendeu a se deleitar no Amado e anseia por mais de Sua presença. E o evento que está sendo sugerido por meio dessas expressões nos dá o ministério histórico ou profético deste Livro.

Este Livro, portanto, presta um duplo serviço para nós. Como *devocional*, acalma, regula e anima nossa alma, e é o companheiro bem-vindo de todas as nossas provações de coração: como *profético*, nos ensina os conselhos e obras do Senhor, e muito do que tem sido ou será o Seu caminho.

Apêndice 3: O Efeito Moral dos Salmos na Nossa Vida

Essas breves meditações são um esforço para extrair dos Salmos tanto as experiências da alma como os eventos de onde elas surgiram. Mas são apenas esboços ou linhas gerais. E assim preferiríamos tê-los; pois não devemos pensar pelos outros. Nossa comunhão como santos não é a do cego guiando o cego, nem é a do que vê guiando o cego, mas é a de filhos da luz caminhando juntos sob a graça comum do único bendito Senhor e Autor da luz; e a mente de um irmão deve dar ocasião a outros para se exercitarem a si mesmos na verdade, na dependência do Espírito Santo que habita neles; reconhecendo, além disso, o dom ou a graça de alguns para ensinar ou exortar; como está escrito: **“o que ensina esmere-se no fazê-lo; ou o que exorta faça-o com dedicação”** (ARA).

Mas alguns são impelidos a obter conhecimento. Eles estão sempre educando a mente. Seu modo exige um esforço contínuo e atua como uma pressão constante. Mas o apóstolo tinha outro método. Ele desejava que o mestre agisse o mínimo possível como mestre. Embora pudesse chamar a si mesmo de **“mestre dos gentios”** (1 Tm 2 – ARA), ele falava mais como um amoroso companheiro ou irmão. **“Porque desejo ver-vos, para vos comunicar algum dom espiritual, a fim de que sejais confortados, isto é, para que juntamente convosco eu seja consolado pela fé mútua, tanto vossa como minha”** (Rm 1:11-12). **“Falo como a filhos”**, também foi sua palavra.

E esse estilo do apóstolo era apenas uma expressão distante daquele do próprio Grande Mestre. Como Paulo indica quando diz (2 Co 10): **“vos rogo, pela mansidão e benignidade de Cristo”**. Pois isso nos permite conhecer o estilo do Senhor, por assim dizer, como um Mestre. E é abençoado saber que esse era o estilo do Filho de Deus no nosso meio. Ele queria revestir o coração de Seus discípulos com uma percepção de proximidade com Ele. Ele não tratou com eles como um patrono ou benfeitor, como o homem trata o homem (Lc 22:25). O homem estará pronto o suficiente para conceder benefícios se puder ocupar o lugar de reconhecida superioridade. Mas o Senhor Jesus traz aquele que é Seu dependente para perto d'Ele. Ele assentou-Se ao poço ao lado da pecadora cujo espírito Ele procurava preencher. Esse favorecimento foi feito à maneira dos homens? Essa era a condescendência de um benfeitor?

Creio que é algo celestial o apreender essa mente ou estilo em Cristo. Mas temos que ser *admoestados*, bem como *confortados*. Se temos esse modo no Grande Mestre para observar, temos o nosso próprio modo, como Seus discípulos, para considerar e ordenar.

Tem sido dito, e é muito importante para a consideração de nossa alma, que *“devemos tomar cuidado como lidamos com a verdade que não é sentida¹²”*.

Um tempo de paz é um tempo em que a mente pode vir a fazer concessões a si mesma e manejar o conhecimento de forma despreocupada ou especulativa. Mas o conhecimento não é divinamente alcançado, a verdade não é espiritualmente aprendida, se a mente tiver esse conhecimento como uma especulação, ou como proposições, que o intelecto digere e com os quais se ocupa.

Há o perigo, hoje em dia, de tornar a Bíblia “fácil”. O caráter claro e completo da revelação em nossa dispensação é um de suas grandes distinções. Isso é verdade, e uma verdade muito abençoada. **“Bem-aventurados os vossos olhos, porque veem”**, disse o Senhor. Mas ainda assim a facilidade com que o conhecimento divino agora pode ser alcançado tem sua armadilha e seu perigo. Podemos ficar satisfeitos com a conquista em si, sem sermos despertados, como deveríamos, a andar naquelas afeições mais ricas e naquele poder moral mais profundo, que é o único consistente com nossa medida ampliada de luz e entendimento.

A Igreja em Corinto era abundante em conhecimento (1 Co 1:5), mas seu andar era tão não-espiritual que o apóstolo não os trataria como se tivessem conhecimento (1 Co 3:1). E isso nos mostra como o Senhor abomina o ocupar-se com verdades não sentidas. No céu pode haver ignorância ou falta de conhecimento, mas não a posse de uma verdade não sentida. Os anjos são criaturas celestiais, mas confessam sua ignorância por seu desejo de saber (1 Pe 1:12). Eles *ignoram* certas verdades, mas não são *desinteressados* a respeito delas. Portanto, homens justos e profetas foram ignorantes, mas não desinteressados (Mt 13:17; Lc 10: 24; 1 Pe 1:10). E, na pessoa do patriarca Abraão, vemos como alguns da antiguidade, em dispensações de menos luz e conhecimento comunicado, tinham afeições tão corretas que o Espírito os levou além da medida da estatura de sua época.

Falando de Abraão, o Senhor diz: **“Abraão, vosso pai, exultou por ver o Meu dia, e viu-o, e alegrou-se”** (Jo 8:56). Sua “alegria” era a

condição inicial ou prévia de sua alma. Diz-nos que ele se interessou pelos anúncios que lhe foram dados a respeito de Cristo. Eles eram comparativamente poucos e fracos; mas cativaram sua alma. Os vislumbres foram poderosos. E o Senhor honrou tal afeição e deu ao Seu servo uma visão mais completa. **“Abraão, vosso pai, exultou por ver o Meu dia, e viu-o”**. E então, como lemos mais adiante, **“e alegrou-se”**. Ele usou corretamente o conhecimento que obteve, pois o havia buscado corretamente. Suas afeições estavam envolvidas na busca desse conhecimento e não se esfriaram ou amorteceram quando o encontrou.

Aqui estava o conhecimento *buscado* e *usado* na devida ordem. Oh, como o coração pode dizer, oh, que haja mais disso dentro de nós e entre nós!

Um pouco de conhecimento, com exercício pessoal de espírito a respeito dele, é melhor do que muito conhecimento sem o exercício pessoal. Como diz o provérbio: **“Abundância de mantimento há na lavoura do pobre”**. Pois os pobres aproveitam ao máximo o seu pouco. Eles usam a pá, a enxada e o enxadão; eles capinam, aparam e cuidam de sua pequena horta de vegetais. E sua diligência tira muito proveito dela. E devemos ser esses *“pobres”*, sempre usando a divina Escritura, como eles conduzem sua lavoura, e aproveitar ao máximo o nosso pouco. Pode ser que nos alimentemos apenas de leite, mas se usarmos nossa diligência para deixar de lado a malícia, as hipocrisias, as invejas e coisas do gênero, estaremos realmente nos alimentando e crescendo (1 Pe 2). E, por causa disso, muitas vezes encontramos muito mais aroma de Cristo, naqueles que têm menos conhecimento, pois deles é essa **“lavoura dos pobres”** (Pv 13:23).

“Porque, em parte, conhecemos e, em parte, profetizamos”. Temos motivos para dizer uns aos outros: **“Falo como a sábios, julgai o que digo”**. E especialmente, em um pequeno trabalho como este, tendo em vista o coração do Senhor Jesus e de Seus santos, haverá necessariamente muito que só pode ser alcançado

pelo sentimento. Quem não experimentou, algumas vezes, ao meditar nos caminhos do Senhor, emoções vívidas retratadas em um Salmo; enquanto, em outras ocasiões, procuramos em vão os mesmos traços e, talvez, nos perguntamos, como eles já foram tão brilhantes diante de nós? Pode ser que a alma de alguém que tem o hábito de meditar muito no Senhor, relacionaria um versículo dos evangelhos a um Salmo inteiro; e ao praticar um determinado ato, ou ao sofrer uma certa indelicadeza, encontraria uma expressão para seu coração a Deus em uma determinada porção deste Livro. E outro, de acordo com a medida de sua apreensão espiritual, se referiria a outra porção de uma conotação diferente. Isso não poderia acontecer com qualquer outra parte da Escritura. Pois este Livro não é de doutrina, mas das experiências da alma.

Que nada nestas meditações seja permitido impedir qualquer dos valores desse Livro! Pois elas visam apenas ser a companheira das meditações dos santos, se porventura, por meio do Espírito, puderem ajudar no seu gozo e luz no Senhor.

O presente é um momento em que muitos estão correndo de um lado para o outro para aumentar o conhecimento de todos os tipos. E isso deve ser uma advertência para nossa alma; pois o santo sempre tem que vigiar contra o espírito dos tempos. E nestes tempos atuais de luz e conhecimento (embora possa ser conhecimento de Deus), ainda assim devemos lembrar que não é apenas o alimento, mas a digestão, que nutre. O animal limpo, sob a lei, ruminava. E o Espírito de Deus, pela sabedoria de Salomão, disse: **“Achaste mel? Come o que te basta; para que, porventura, não te fartes dele e o venhas a vomitar”** (Pv 25:16).

E nosso próprio Senhor, posso acrescentar, nos instrui a saber como devemos cultivar o conhecimento divino ou o conhecimento da Escritura. Pois, ao responder perguntas, Ele nunca parece estar satisfazendo curiosidades, mas Ele aborda as indagações, como alguém que tinha o olhar voltado para a alma do inquiridor, e não apenas o Seu ouvido aberto à sua pergunta.

Suas palavras: **“Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora”**, mostram-nos que Seu propósito não era transmitir informações, como falamos, mas orientar a consciência e alimentar a mente renovada de acordo com sua crescente capacidade. E isso é divino. Todos os outros questionamentos e coleta de conhecimento serão apenas a atividade vã do mero intelecto humano ou **“ateniense”** (At 17:21).

Mas acima de tudo, amados, gostaríamos de lembrar que, com nosso conhecimento, precisamos buscar e cultivar aquela fé que se *apropria* do que conhecemos, que faz com que esse conhecimento se torne nosso e nos dá alegria pessoal e interesse por ele. Esse é o ponto de maior bênção para nós. **“mas a palavra da pregação nada lhes aproveitou, porquanto não estava misturada com a fé naqueles que a ouviram”**. Porque *é fé* que assim *se apropria* de Deus – que torna o Bendito e Sua plenitude nossos, o nosso Lar. E isso é algo de grande valor para nós. Deus é um *Lar* para nós – Ele é nosso. Nos é dito que habitamos n'Ele. Um lar se torna o próprio símbolo do devido estado de nossa alma ao pensar em Deus. E somente a fé nos dá isso que é de maior valor para nós. Pois quem não sente o encanto de um lar? Como dizemos: *“Lar é lar, por mais simples que seja”*. Instintivamente nos apropriamos de tudo o que existe nele. A mobília pode ser de má qualidade, mas é nossa. Esse é o pensamento que o coração preza. Tudo o que vemos nos lembra dos nossos direitos, das nossas conexões, dos nossos deleites. E assim *“lar é lar”*. E assim é com o nosso Deus. A fé faz d'Ele um Lar para o coração. O conhecimento mobília a casa, mas a fé vê tudo, seja mais ou menos, como o nosso próprio lar.

Oh, pelo aumento da fé! Um escriba pode ser muito instruído; ele pode olhar para a casa da glória e falar de seu custo, falar dos troféus de Davi e das cortinas de Salomão, que pendem ali; mas o tempo todo ele pode ser apenas um visitante. Ele pode passar por toda essa grandeza, sem a fé que se apropria, sem que sua alma carregue a sensação de que ele está em casa nesse rico lugar. Enquanto outro pode ter menos capacidade de desdobrar

essas cortinas e decifrar esses troféus, ou de pesar o ouro e a prata da casa, mas, ainda assim, pode possuir aquela fé preciosa que se apropria abençoadamente de tudo o que vê, seja muito ou pouco, e assim o torna não um visitante, mas um filho em casa, na casa de Deus.

E oportuna, mais do que oportuna, nos dias de hoje, é a voz de alguém dita em outros dias: *“Queres saber se os assuntos contidos na Palavra de Cristo são coisas reais? Então nunca as leia apenas por conhecimento. Procure por alguns raios da glória e do poder de Cristo em cada versículo. Não considere nada como conhecimento, a não ser que isso esteja temperado com alguma revelação da gloriosa presença de Cristo e de Seu Espírito vivificador. Não discursar sobre verdades espirituais por mera conversa, mas tenha em mente o promover a edificação. E não use os deveres por mero costume ou serviço, mas para uma comunhão mais íntima com Deus.”* – Henry Dorney's *Contemplations*.

Essa é a graça que podemos bem almejar: **“Senhor: Aumentanos a fé”** (ARA).

Que possamos ser como o barro na mão do divino Oleiro! Que não estejamos à disposição do homem para sermos o que seus pensamentos, sua sabedoria ou sua religião nos tornariam; mas na mão do Senhor, ali permanecendo, para ser moldado por Sua verdade e Espírito, segundo Sua mente, e mantido até o fim na **“simplicidade que há em Cristo”**; e então, a tempo, ser removido da casa do Oleiro, para ser colocado como vasos de Seu louvor no santuário de Sua glória para todo o sempre. Sim, Senhor Jesus!

Louvai ao SENHOR!

Louvai a Deus no seu santuário;

Louvai-o no firmamento do seu poder.

Louvai-o pelos seus atos poderosos;

Louvai-o conforme a excelência da sua grandeza.

Louvai-o com o som de trombeta;

Louvai-o com o saltério e a harpa.

Louvai-o com o adufe e a flauta;

*Louvai-o com instrumento de cordas e com flautas.
Louvai-o com os címbalos sonoros;
Louvai-o com címbalos altissonantes.
Tudo quanto tem fôlego louve ao SENHOR.
Louvai ao SENHOR!*

“Àquele que nos ama, e em Seu sangue nos lavou dos nossos pecados, e nos fez reis e sacerdotes para Deus e Seu Pai, a Ele, glória e poder para todo o sempre. Amém”.

J. G. Bellett

Notas

[←1]

N. do T.: *Solitude* é um estado de isolamento voluntário e positivo; já *solidão* é uma condição associada à dor e à tristeza.

[←2]

Nota: De acordo com isso, podemos fazer uma pausa aqui e ler os Salmos 3-8 conectados, levando o adorador, em espírito, ao reino. E outros observaram que nossa história a cada vinte e quatro horas (o período assim transcorrido nestes Salmos) é, da mesma maneira, uma espécie de mistério. Pois depois de passar o dia, à noite deixamos de lado nossas roupas e entramos no sono, o emblema da morte, e lá permanecemos (com visões no espírito) até que a manhã nos acorde, e então somos vestidos novamente, como estaremos na segunda manhã, ou na manhã da ressurreição e glória.

[←3]

Nota: Veja as observações sobre o Salmo 27 quanto a uma *parte* de alguns Salmos, e *não o todo* sendo a linguagem de Cristo.

[←4]

N. do T.: Este é o título deste Salmo, conforme tradução de J. N. Darby.

[←5]

N. do A.: O propósito do Espírito nestes Salmos é moral e não histórico – justificar Jeová em Suas relações com Israel e convencer Israel em suas relações com Jeová – o Salmista, nos Salmos 104 e 106, não dá os eventos, aos quais ele se refere, em ordem estrita ou precisa. Ele fala da praga das trevas, por exemplo, antes da das moscas, e da rebelião de Corá, antes do bezerro de ouro ser feito. Isso é natural, e o que nós mesmos faríamos muito provavelmente, se nosso propósito ao narrar as circunstâncias fosse, como o salmista aqui, moral e não histórico.

[←6]

N. do T.: Conforme Atos 1:19, Aceldama significa “**campo de sangue**”.

[←7]

N. do T.: "Hallel" Este termo, que significa "louvor", é usado pelos Judeus em referência a alguns dos Salmos.

[←8]

N. do T.: A palavra *Adon* e *Adonai*, e o plural *Adonim*, são todas traduzidas como “**Senhor**”; elas ocorrem com frequência e são encontradas em algumas palavras composta na Bíblia. Veja mais [aqui](#).

[←9]

N. do A.: Em Isaías 50:10 e Mateus 11:29, o Senhor parece apresentar Sua própria experiência aos santos como um padrão do que a deles deveria ser. E assim é nos Salmos – entre outros, Sl 27, 31, 34.

[←10]

N. do A.: Então Pedro cita Oséias; mas ele não continua com Oséias para prometer aos santos agora, como o profeta promete a Israel, que eles terão todas as bênçãos na Terra – a Terra responderá ao trigo, e ao mosto e ao óleo, e estes responderão a Jezreel; mas ele os exorta a se comportarem como aqueles que são apenas estrangeiros e peregrinos enquanto permanecem na Terra (veja 1 Pedro 2:11; Oséias 2:21-23).

[←11]

N. do T.: Menestrel era um artista da corte ou um ambulante que, a serviço de senhores, na Idade Média, recitava e cantava poemas em versos, frequentemente com acompanhamento instrumental.

[←12]

N. do T.: A expressão inglesa "*unfelt truth*", que traduzimos como "*a verdade que não é sentida*" é a verdade que conhecemos, porém que não sentimos, ou acreditamos, e que, por consequência, não tem qualquer impacto em nossa conduta, caráter ou vida espiritual. C. M. Machintosh [escreveu](#): "*Deus nos deu a Sua Palavra para formar nosso caráter, governar a nossa conduta e moldar o nosso curso. Se a Palavra não tem uma influência formativa sobre nós, é loucura pensar em acumular uma quantidade de conhecimento bíblico.*"

"Ocupar-se com verdades não sentidas traz consigo uma indiferença de coração, leviandade de espírito e insensibilidade de consciência. A mera profissão da verdade – verdade que não atua na consciência – é um dos perigos especiais da atualidade. É melhor saber pouco com realidade e poder do que professar uma grande quantidade de verdade que permanece impotente na região do entendimento." Studing Scripture - Christian Shepherd 2001.